

**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Farroupilha

PROJETO PEDAGÓGICO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

**INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA**

---

SUPERIOR DE  
TECNOLOGIA EM  
**PRODUÇÃO  
DE GRÃOS**

---

*Campus PANAMBI*

---

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
SUPERIOR DE  
TECNOLOGIA EM  
**PRODUÇÃO  
DE GRÃOS**

---

*Campus Panambi*

Aprovada a criação do curso pela Resolução nº 011, do Conselho Superior, de 16 de março de 2015.

Autorizado o funcionamento do curso pela Resolução nº 044, do Conselho Superior, de 12 de maio de 2015.

Aprovado Projeto Pedagógico do Curso pela Resolução nº 076, do Conselho Superior, de 15 de julho de 2015.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA FARROUPILHA



**Michel Temer**

Presidente da República

**Rossieli Soares da Silva**

Ministro da Educação

**Eline Neves Braga Nascimento**

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

**Carla Comerlato Jardim**

Reitora do Instituto Federal Farroupilha

**Edison Gonzague Brito da Silva**

Pró-Reitor de Ensino

**Raquel Lunardi**

Pró-Reitora de Extensão

**Arthur Frantz**

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

**Nídia Heringer**

Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional

**Vanderlei José Pettenon**

Pró-Reitora de Administração

**Alessandro Callai Bazzan**

Diretor Geral do Campus

**Cleber Rubert**

Diretor de Ensino do Campus

**Alice Gebert**

Coordenadora Geral de Ensino do Campus

**Alberto Pahim Galli**

Coordenador do Curso

**Equipe de elaboração**

Alberto Pahim Galli

Sandro Borba Possebon

Rudimar Luis Petter

Seris de Oliveira Matos Pegoraro

Cátia Keske

Volnei Luiz Meneghetti

**Colaboração Técnica**

Setor de Apoio Pedagógico do Campus

Panambi

Assessoria Pedagógica da PROEN

**Revisor Textual**

Rejane Zanini

## SUMÁRIO

1. DETALHAMENTO DO CURSO .....	7
2. CONTEXTO EDUCACIONAL .....	8
2.1. Histórico da Instituição .....	8
2.2. Justificativa de oferta do curso.....	9
2.3. Objetivos do Curso .....	10
2.3.1. Objetivo Geral.....	10
2.3.2. Objetivos Específicos .....	10
2.4. Requisitos e formas de acesso.....	11
3. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO .....	11
3.1. Políticas de Ensino, Pesquisa e Extensão.....	11
3.2. Políticas de Apoio ao discente.....	12
3.2.1. Assistência Estudantil .....	13
3.2.2. Núcleo Pedagógico Integrado (NPI) .....	13
3.2.3. Atendimento Pedagógico, Psicológico e Social .....	14
3.2.4. Atividades de Nivelamento .....	15
3.2.5. Mobilidade Acadêmica .....	15
3.2.6. Educação Inclusiva.....	16
3.2.6.1. Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE).....	17
3.2.6.2. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI).....	17
3.2.6.3. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) .....	19
3.3. Programa Permanência e Êxito .....	19
3.3.1. Acompanhamento de Egressos .....	20
4. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA .....	20
4.1. Perfil do Egresso .....	20
4.1.1. Áreas de atuação do Egresso.....	21
4.2. Metodologia .....	21
4.3. Organização curricular.....	22
4.4. Matriz Curricular.....	25
4.4.1. Pré-Requisitos.....	27
4.5. Representação gráfica do perfil de formação .....	28
4.6. Prática Profissional .....	29

4.6.1. Prática Profissional Integrada.....	29
4.6.2. Estágio Curricular Supervisionado.....	31
4.7. Atividades Complementares .....	32
4.8. Disciplinas Eletivas.....	33
4.9. Avaliação.....	34
4.9.1. Avaliação da Aprendizagem .....	34
4.9.2. Autoavaliação Institucional .....	34
4.9.3. Avaliação do Curso .....	35
4.10. Critérios e procedimentos para aproveitamento de estudos anteriores.....	35
4.11. Critérios e procedimentos de certificação de conhecimento e experiências anteriores.....	36
4.12. Expedição de Diploma e Certificados .....	36
4.13. Ementário .....	37
4.13.1. Componentes curriculares obrigatórios.....	37
4.13.2. Componentes curriculares eletivos.....	56
5. CORPO DOCENTE E TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO .....	62
5.1. Corpo Docente.....	62
5.2. Atribuições do Coordenador .....	64
5.3. Colegiado do Curso.....	64
5.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE).....	65
5.5. Corpo Técnico Administrativo em Educação .....	66
5.6. Políticas de capacitação do corpo Docente e Técnico Administrativo em Educação .....	66
6. INSTALAÇÕES FÍSICAS.....	67
6.1. Biblioteca .....	67
6.2. Áreas de ensino específicas .....	67
6.3. Áreas de esporte e convivência.....	69
6.4. Áreas de atendimento ao discente.....	69
6.5. Áreas de apoio .....	70
7. REFERÊNCIAS.....	71
8. ANEXOS .....	74

## 1. DETALHAMENTO DO CURSO

**Denominação do Curso:** Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos.

**Grau:** Tecnologia

**Modalidade:** presencial

**Eixo Tecnológico:** Recursos Naturais

**Ato de Criação do curso:** Aprovada a criação do curso pela Resolução nº 011, do Conselho Superior, de 16 de março de 2015.

**Quantidade de Vagas:** 30

**Turno de oferta:** noturno

**Regime Letivo:** semestral

**Regime de Matrícula:** por componente curricular

**Carga horária total do curso:** 2600 horas

**Carga horária de estágio:** 200 horas

**Carga horária de ACC:** 240 horas

**Tempo de duração do Curso:** 7 semestres ou 3,5 anos

**Tempo máximo para Integralização Curricular:** 12 semestres ou 6 anos

**Periodicidade de oferta:** anual

**Local de Funcionamento:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – *Campus* Panambi, Rua Erechim, 860 – Bairro Planalto, CEP 98280-000 – Panambi, Rio Grande do Sul/ RS.

**Coordenador do Curso:** Alberto Pahim Galli

**Contato da Coordenação:** coordtecnoprodgraos.pb@iffarroupilha.edu.br

## 2. CONTEXTO EDUCACIONAL

### 2.1. Histórico da Instituição

O Instituto Federal Farroupilha (IF Farroupilha) foi criado a partir da Lei 11.892/2008, mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul com sua Unidade Descentralizada de Júlio de Castilhos e da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, além de uma Unidade Descentralizada de Ensino que pertencia ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves, situada no município de Santo Augusto. Assim, o IF Farroupilha teve na sua origem quatro campi: Campus São Vicente do Sul, Campus Júlio de Castilhos, Campus Alegrete e Campus Santo Augusto.

No ano de 2010, o IF Farroupilha expandiu-se com a criação do Campus Panambi, Campus Santa Rosa e Campus São Borja; no ano de 2012, com a transformação do Núcleo Avançado de Jaguari em Campus, em 2013, com a criação do Campus Santo Ângelo e com a implantação do Campus Avançado de Uruguaiana. Em 2014 foi incorporado ao IF Farroupilha o Colégio Agrícola de Frederico Westphalen, que passou a chamar Campus Frederico Westphalen e foram instituídos oito Centros de Referência: Candelária, Carazinho, Não-Me-Toque, Quaraí, Rosário do Sul, Santiago, São Gabriel e Três Passos. Assim, o IF Farroupilha constitui-se por dez campi e um Campus Avançado, em que ofertam cursos de formação inicial e continuada, cursos técnicos de nível médio, cursos superiores e cursos de pós-graduação, além de outros Programas Educacionais fomentados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Além desses campi, o IF Farroupilha atua em 35 cidades do Estado, com 37 polos que ofertam cursos técnicos na modalidade de ensino a distância.

A sede do IF Farroupilha, a Reitoria, está localizada na cidade de Santa Maria, a fim de garantir condições adequadas para a gestão institucional, facilitando a comunicação e integração entre os campi. Enquanto autarquia, o IF Farroupilha possui autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, atuando na oferta de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Nesse sentido, os Institutos são equiparados às universidades, como instituições aprofundadoras e certificadoras de competências profissionais, além de detentores de autonomia universitária.

Com essa abrangência, o IF Farroupilha visa à interiorização da oferta de educação pública e de qualidade, atuando no desenvolvimento local a partir da oferta de cursos voltados para os arranjos produtivos, culturais, sociais e educacionais da região. Assim, o IF Farroupilha, com sua recente trajetória institucional, busca perseguir este propósito, visando constituir-se em referência na oferta de educação profissional e tecnológica, comprometida com as realidades locais.

O Campus Panambi teve publicada sua portaria de autorização e funcionamento no dia 29 de janeiro de 2010, a partir da contemplação da cidade-polo, na segunda fase do Plano de Expansão, e da definição da área.

Possui uma área total de 51,28ha, situada à Rua Erechim, no Bairro Planalto, doada pela Prefeitura Municipal em 2008. Na ocasião, os cinco cursos elencados foram: Curso Técnico em Agroindústria, Curso Técnico em Edificações, Curso Técnico em Química, Curso Técnico em Sistemas de Telecomunicações e Curso Técnico em Pós-Colheita de Grãos.

O Campus iniciou suas atividades, em agosto de 2010, com os cursos técnicos em Agroindústria Subsequente, Edificações Subsequente e PROEJA, Secretariado Subsequente e Tecnologia em Sistemas para Internet. Em 2011, iniciaram-se os cursos técnicos em Química Integrado ao Ensino Médio, Agricultura de Precisão Subsequente, em Não-Me-Toque, Licenciatura em Química, e Especialização em Docência na Educação Profissional Técnica e Tecnológica. No 1º semestre de 2012, iniciaram-se os cursos técnicos em Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio, Controle Ambiental Subsequente, Pós-Colheita de Grãos Subsequente e Alimentos Subsequente e PROEJA. Em 2013, iniciou-se o curso de Especialização em Gestão Pública.

O Campus Panambi mantém convênios de parceria com a Prefeitura Municipal e outras entidades, por meio do qual são realizados trabalhos conjuntos em diversas áreas, tais como: educação, serviços gerais, projetos de pesquisa, trabalhos de extensão e outros.

## 2.2. Justificativa de oferta do curso

O Brasil apresenta-se, no cenário atual, como a 10ª economia mundial, tendo no setor agrícola um forte aliado, pois cerca de um terço do Produtor Interno Bruto (PIB) brasileiro provém do agronegócio. O país possui uma vocação natural para a área agrícola, sendo beneficiado por sua vasta expansão territorial, disponibilidade hídrica e diversidade climática. Além desses fatores naturais, a disponibilidade de recursos humanos e os avanços tecnológicos do setor tem feito com que o país esteja entre os líderes mundiais na produção e exportação de vários produtos agrícolas, como soja, café, açúcar, sucos de frutas, entre outros. Do total das exportações brasileiras, 40% vêm da agricultura.

O Rio Grande do Sul, com uma população de 10.582.840 habitantes, possui o quarto maior PIB do Brasil, sendo um dos maiores produtores e exportadores de grãos do país. A agricultura familiar predomina no estado, com 92% das propriedades rurais acima da média nacional. O estado caracteriza-se ainda por apresentar um alto Índice de Desenvolvimento Humano, fruto da menor mortalidade infantil do Brasil, das altas taxas de alfabetização e das excelentes condições de saneamento básico e saúde.

Neste panorama, a cidade de Panambi está localizada no entroncamento das rodovias BR 285 e BR 158, a noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, no planalto rio-grandense. As terras que integram o município estão localizadas entre cerros e vales e fazem limite com o município de Condor, ao norte, Santa Bárbara do Sul, ao leste e sudoeste, Pejuçara, ao sul, Bozano e Ajuricaba, a oeste e noroeste. De acordo com o IBGE (2014), possui uma população estimada de 40.439 habitantes em uma área de 490,857 Km<sup>2</sup>.

As cidades mais próximas, em um raio de 50 km, com as respectivas distâncias de Panambi e populações são: Pejuçara (36 km e 4.070 habitantes); Bozano (33 km e 2.248 habitantes); Ajuricaba (38 km e 7.420 habitantes); Santa Bárbara do Sul (35,5 km e 8.905 habitantes); Ijuí (49 km e 82.276 habitantes); Cruz Alta (45 km e 64.126 habitantes); Palmeira das Missões (52 km e 35.120 habitantes). Isso demonstra que há um público no município e nos seus arredores que poderá ser beneficiado pela implantação do curso, além de promover a verticalização do ensino a partir de cursos já ofertados pelo Campus Panambi e que estejam intimamente agregados à realidade da produção regional.

Panambi também se configura em um cenário nacional, juntamente com o município de Condor, como a maior concentração industrial voltada à produção de equipamentos de secagem, armazenamento, e transporte de grãos do

país, com cerca de noventa empresas constituídas no Arranjo Produtivo Local (APL). Um percentual de 68% dos equipamentos de Pós-Colheita são fabricados nos municípios de Panambi e Condor. Assim, um Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos vem a agregar, contribuir e fortalecer a área agrícola, as indústrias que fazem parte do APL-Pós-Colheita - e qualificar profissionais para atuarem nesta área.

O Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi, está situado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, mais especificamente na micro-região de Ijuí. Nessa região, a agricultura caracteriza-se pelas culturas anuais, especialmente soja, trigo e milho. Cabe salientar que o crescimento agrícola da microrregião sobrepujou, nos últimos anos, o setor industrial que se concentra basicamente na produção de máquinas, implementos agrícolas e produtos alimentícios.

Essa realidade motiva o Instituto Federal Farroupilha - Campus Panambi a ampliar o seu leque de oferta de cursos, considerando as necessidades da região onde está inserida, justificando, assim, a criação de um Curso Superior de Tecnólogo em Produção de Grãos. Este curso objetiva formar profissionais para atuarem com conhecimento de modo competente e responsável na área de produção de grãos. A implantação e oferta do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos se dará em parceria com diversos setores da comunidade local e regional, no intuito maior de promover formação profissional na respectiva área, bem como oportunizar a ampliação de qualificação para os que já atuam, ainda, oportunizar o ingresso de quem visualiza nesta área a oportunidade de uma formação de nível superior.

Desse modo, o Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos assume o compromisso com a comunidade de formar profissionais capazes de responder às expectativas e atender às necessidades do mundo do trabalho, em prol da ética, cidadania e do desenvolvimento econômico, social e tecnológico da região; ao mesmo tempo em que contribui para a geração de empregos, de forma direta e indireta, profissionalizando e qualificando todas as etapas da produção de grãos.

## **2.3. Objetivos do Curso**

### **2.3.1. Objetivo Geral**

Formar profissionais com capacidade técnico-científica e responsabilidade social, aptos a promover, orientar e administrar a utilização e otimização dos diversos fatores que compõem o sistema de produção de grãos, em consonância com os preceitos de proteção ambiental, além de planejar, pesquisar e aplicar técnicas, métodos e processos adequados à solução de problemas e à promoção do desenvolvimento sustentável.

### **2.3.2. Objetivos Específicos**

O Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos tem os seguintes objetivos específicos:

I – Capacitar o aluno para gerar e difundir conhecimentos, métodos e técnicas na área da produção de grãos, em sintonia com a proteção do meio ambiente;

II - Contribuir para a inserção no mundo do trabalho de profissionais Tecnólogos em Produção de Grãos capazes de conhecer, analisar, detectar e propor alternativas para o desenvolvimento do setor produtivo regional;

III - Possibilitar ao aluno o acesso ao ensino superior de qualidade, como forma de inclusão no mundo do trabalho;

IV - Despertar no aluno o comportamento ético e o exercício coletivo de sua atividade, levando em conta as relações com outros profissionais e outras áreas de conhecimento.

## 2.4. Requisitos e formas de acesso

Para ingresso no Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, no Campus Panambi é necessário que o candidato tenha concluído o Ensino Médio e submeta-se à seleção prevista pela Instituição. Os cursos de graduação do IF Farroupilha seguem regulamentação institucional própria no tocante aos requisitos e formas de acesso. Esse processo é aprovado pelo Conselho Superior (Consup) através de uma Resolução geral, para todos os níveis de ensino. Além disso, a cada ano é lançado um Edital para Cursos de Graduação, sob responsabilidade da Comissão de Processo Seletivo, com base no exposto na Portaria nº 40/2007, o qual contempla de maneira específica cada curso e a legislação atual relativa à distribuição de vagas e percentuais de reserva de vagas para Portadores de Necessidades Especiais (PNEs). Essas informações são atualizadas de acordo com a Resolução do Consup que aprova o Processo Seletivo e, assim como o Edital do Processo Seletivo do ano vigente, podem ser encontradas no Portal Institucional do IF Farroupilha.

## 3. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO

### 3.1. Políticas de Ensino, Pesquisa e Extensão

As políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos estão em consonância com as políticas constantes no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do Instituto Federal Farroupilha, as quais convergem e contemplam as necessidades do curso.

O ensino proporcionado pelo IF Farroupilha é oferecido por cursos e programas de formação inicial e continuada, de educação profissional técnica de nível médio e de educação superior de graduação e de pós-graduação, desenvolvidos articuladamente à pesquisa e à extensão. Sendo o currículo fundamentado em bases filosóficas, epistemológicas, metodológicas, socioculturais e legais, expressas no seu projeto Político Pedagógico Institucional e norteadas pelos princípios da estética, da sensibilidade, da política, da igualdade, da ética, da identidade, da interdisciplinaridade, da contextualização, da flexibilidade e da educação como processo de formação na vida e para a vida. A partir de uma concepção de sociedade, trabalho, cultura, ciência, tecnologia e ser humano.

Neste sentido, são desenvolvidas algumas práticas de apoio ao trabalho acadêmico e de práticas interdisciplinares, sobretudo nos seguintes momentos: projeto integrador englobando as diferentes disciplinas; participação das atividades promovidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) como a Semana Nacional da Consciência Negra; organização da semana acadêmica do curso; estágio curricular e atividades complementares.

Além das atividades de ensino realizadas no âmbito do currículo, a instituição oferece o financiamento a projetos de ensino por meio do Programa Institucional de Projetos de Ensino (PROJEN), com vistas ao aprofundamento de temas relacionados à área formativa do curso, nos quais os alunos participantes podem atuar como bolsistas, monitores, público-alvo ou ainda visando aprofundar seus conhecimentos.

As ações de pesquisa do IF Farroupilha constituem um processo educativo para a investigação, objetivando a produção, a inovação e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artístico-culturais e desportivos, articulando-se ao ensino e à extensão e envolvendo todos os níveis e modalidades de ensino, ao longo de toda a formação profissional. Isso com vistas ao desenvolvimento social, tendo como objetivo incentivar e promover o desenvolvimento de programas e projetos de pesquisa, articulando-se com órgãos de fomento e consignando em seu orçamento recursos para esse fim. Neste sentido, são desenvolvidas ações de apoio à iniciação científica, a fim de despertar o interesse pela pesquisa e instigar os estudantes na busca de novos conhecimentos.

O IF Farroupilha possui um programa institucional de pesquisa, que prevê o Processo Seletivo de Cadastro e Aprovação de Projetos de Pesquisa – Boas Ideias, o qual aprova e classifica os projetos; Mentis Brilhantes, que disponibiliza taxa de bancada para custear o projeto e Jovens Cientistas, que oferece bolsa para alunos, além de participar de editais do CNPq (PIBIC-AF, PIBIC, PIBIC-EM; PIBITI), da Capes (Jovens talentos para a Ciência) e da FAPERGS (PROBITI, PROBIC). No mesmo enfoque, há o Programa Institucional de Incentivo à Produtividade em Pesquisa e Inovação Tecnológica do Instituto Federal Farroupilha, que oferece bolsa de pesquisador para os docentes.

As ações de extensão constituem um processo educativo, científico, artístico-cultural e desportivo que se articula ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, com o objetivo de intensificar uma relação transformadora entre o IF Farroupilha e a sociedade. A extensão tem por objetivo geral incentivar e promover o desenvolvimento de programas e projetos, articulando-se com órgãos de fomento e consignando em seu orçamento recursos para esse fim.

O Instituto possui o programa institucional de incentivo à extensão (PIEX), no qual os estudantes podem auxiliar os coordenadores na elaboração e execução desses projetos. Os trabalhos de pesquisas e extensão desenvolvidos pelos acadêmicos podem ser apresentados: na Mostra Acadêmica Integrada do Campus e na Mostra da Educação Profissional e Tecnológica promovida por todos os *Campi* do Instituto. Além disso, é dado incentivo à participação em eventos, como Congressos e Seminários, entre outros que estejam relacionados à área de atuação dos mesmos.

Os estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos são estimulados a participar dos projetos e atividades na área de ensino, pesquisa e extensão, os quais poderão ser aproveitados no âmbito do currículo como atividade complementar, conforme normativa prevista neste PPC.

### 3.2. Políticas de Apoio ao discente

Nos tópicos abaixo, estão descritas as políticas do IF Farroupilha voltadas de apoio aos discentes, destacando-se as de assistência aos estudantes, apoio pedagógico, psicológico e social, oportunidades para mobilidade acadêmica e educação inclusiva.

### 3.2.1. Assistência Estudantil

A Assistência Estudantil do IF Farroupilha é uma Política de Ação, que tem como objetivos garantir o acesso, o êxito, a permanência e a participação dos alunos no espaço escolar. A Instituição, atendendo ao Decreto nº7234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), aprovou, por meio da Resolução nº12/2012, a Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, a qual estabelece os princípios e eixos que norteiam os programas e projetos desenvolvidos nos seus Campi.

A Política de Assistência Estudantil abrange todas as unidades do IF Farroupilha e tem, entre os seus objetivos: promover o acesso e a permanência na perspectiva da inclusão social e da democratização do ensino; assegurar aos estudantes igualdade de oportunidades no exercício de suas atividades curriculares; promover e ampliar a formação integral dos estudantes, estimulando a criatividade, a reflexão crítica, as atividades e os intercâmbios de caráter cultural, artístico, científico e tecnológico; estimular a participação dos educandos, por meio de suas representações, no processo de gestão democrática.

Para cumprir com seus objetivos, o setor de Assistência Estudantil possui alguns programas como: Programa de Segurança Alimentar e Nutricional; Programa de Promoção do Esporte, Cultura e Lazer; Programa de Atenção à Saúde; Programa de Apoio à Permanência; Programa de Apoio Didático-Pedagógico, entre outros.

Dentro de cada um desses programas existem linhas de ações, como, por exemplo, auxílio financeiro aos estudantes, prioritariamente aqueles em situação de vulnerabilidade social (auxílio permanência, auxílio transporte, auxílio às atividades extracurriculares remuneradas e auxílio alimentação).

A Política de Assistência Estudantil, bem como seus programas, projetos e ações, é concebida como um direito do estudante, garantido e financiado pela Instituição por meio de recursos federais, assim como pela destinação de, no mínimo, 5% do orçamento anual de cada *Campus* para esta finalidade.

Para o desenvolvimento dessas ações, cada *Campus* do Instituto Federal Farroupilha possui, em sua estrutura organizacional, uma Coordenação de Assistência Estudantil (CAE), a qual, juntamente com uma equipe especializada de profissionais e de forma articulada com os demais setores da Instituição, trata dos assuntos relacionados ao acesso, permanência, sucesso e participação dos alunos no espaço escolar.

A CAE do Campus Panambi é composta, atualmente, por uma equipe de dez servidores, sendo um coordenador, uma Médica, uma Odontóloga, uma Psicóloga, uma Nutricionista, uma Técnica em Enfermagem, uma Técnica em Assuntos Educacionais, uma Assistente Social e três Assistentes de Alunos.

### 3.2.2. Núcleo Pedagógico Integrado (NPI)

O Núcleo Pedagógico Integrado (NPI) é um órgão estratégico de planejamento, apoio e assessoramento didático-pedagógico, vinculado à Direção de Ensino do *Campus*, a qual cabe auxiliar no desenvolvimento do Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), no Projeto Político Pedagógico Institucional (PPI), nos Projetos Pedagógicos dos Cursos em todos os níveis e modalidades ofertados no *Campus*.

Este núcleo está comprometido com a realização de um trabalho direcionado às ações de ensino e aprendizagem, em especial, ao acompanhamento didático-pedagógico, oportunizando, assim, melhorias na aprendizagem dos estudantes e na formação continuada dos docentes e dos técnico-administrativos em educação.

O NPI é constituído por servidores que se inter-relacionam na atuação e operacionalização das ações que permeiam os processos de ensino e aprendizagem na instituição. Tendo como membros natos os servidores no exercício dos seguintes cargos e/ou funções: Diretor (a) de Ensino; Coordenador (a) Geral de Ensino; Pedagogo; Responsável pela Assistência Estudantil no *Campus*; Técnico (s) em Assuntos Educacionais, lotado (s) na Direção de Ensino. Além dos membros citados poderão ser convidados para compor o Núcleo Pedagógico Integrado, como membros titulares, outros servidores efetivos do *Campus*.

A finalidade do NPI é proporcionar estratégias, subsídios, informações e assessoramento aos docentes, técnico-administrativos em educação, educandos, pais e responsáveis legais, para garantir visibilidade entre as diversas opções, aquela mais adequada ao projeto educacional da instituição, que proporcione meios para a formação integral, cognitiva, inter e intrapessoal e a inserção profissional, social e cultural dos estudantes.

Além do mais, a constituição desse núcleo tem como objetivo promover o planejamento, implementação, desenvolvimento, avaliação e revisão das atividades voltadas ao processo de ensino e aprendizagem em todas as suas modalidades, formas, graus, programas e níveis de ensino, com base nas diretrizes institucionais.

O envolvimento do NPI abrange em seu trabalho a elaboração, reestruturação e implantação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), o desenvolvimento de atividades voltadas à discussão, orientação, elaboração e garantia de execução dos Projetos Pedagógicos dos Cursos em todos os níveis e modalidades ofertados no Campus, a divulgação e orientação sobre novos saberes, legislações da educação e ensino técnico e tecnológico, na prevenção de dificuldades que possam interferir no bom inter-relacionamento entre todos os integrantes das comunidades educativas do Campus. garantir a comunicação clara, ágil e eficiente entre os envolvidos nas ações de ensino e aprendizagem, para efetivar a coerência e otimizar os resultados, como também demais objetivos e atividades que venham ao encontro a garantia da qualidade de ensino que esteja relacionado com a finalidade e objetivos do NPI de cada Campus.

### **3.2.3. Atendimento Pedagógico, Psicológico e Social**

O IF Farroupilha – Campus Panambi possui uma equipe de profissionais voltada ao atendimento dos estudantes, tais como: psicólogo, pedagogo, educador especial, assistente social, técnico em assuntos educacionais e assistentes de alunos.

A partir do organograma institucional, esses profissionais atuam em setores como: Coordenação de Assistência Estudantil (CAE), Coordenação de Ações Inclusivas (CAI) e Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), os quais desenvolvem ações que tem como foco o atendimento ao discente.

O atendimento pedagógico, psicológico e social compreende atividades de orientação e apoio ao processo de ensino e aprendizagem, tendo como foco não apenas o estudante, mas todos os sujeitos envolvidos, resultando, quando necessário, na reorientação deste processo.

As atividades de apoio pedagógico, psicológico e social atenderão a demandas por meio do atendimento individual e/ou em grupos, com vistas à promoção, qualificação e ressignificação dos processos de ensino e aprendizagem.

Os estudantes com necessidade especiais de aprendizagem terão atendimento educacional especializado pelo Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE), que visa oferecer suporte ao processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, envolvendo também orientações metodológicas aos docentes para a adaptação do processo de ensino às necessidades destes sujeitos.

#### **3.2.4. Atividades de Nivelamento**

Entende-se por nivelamento o desenvolvimento de atividades formativas que visem recuperar conhecimentos que são essenciais para o que o estudante consiga avançar no itinerário formativo de seu curso com aproveitamento satisfatório. Tais atividades serão asseguradas ao discente, por meio de:

- a) disciplinas de formação básica, na área do curso, previstas no próprio currículo do curso, visando retomar os conhecimentos básicos a fim de dar condições para que os estudantes consigam prosseguir no currículo;
- b) projetos de ensino elaborados pelo corpo docente do curso, aprovados no âmbito do Programa Institucional de Projetos de Ensino, voltados para conteúdos/temas específicos com vistas à melhoria da aprendizagem nos cursos superiores;
- c) programas de educação tutorial, que incentivem grupos de estudo entre os estudantes de um curso, com foco na aprendizagem cooperativa;
- d) demais atividades formativas promovidas pelo curso, para além das atividades curriculares que visem subsidiar/sanar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

Os docentes que atuam no CST em Produção de Grãos trabalham em tempo integral, de modo a possuírem disponibilidade de horários fora de sala de aula para o atendimento aos educandos, quando necessário. Todos os horários disponíveis para atendimento extraclasse são publicizados aos alunos.

#### **3.2.5. Mobilidade Acadêmica**

O IF Farroupilha mantém programas de mobilidade acadêmica entre instituições de ensino do país e instituições de ensino estrangeiras, através de convênios interinstitucionais ou através da adesão aos Programas governamentais, buscando incentivar e dar condições para que os estudantes enriqueçam seu processo formativo a partir do intercâmbio com outras instituições e culturas.

As normas para a Mobilidade Acadêmica estão definidas no Regulamento aprovado pela Resolução nº012/2014, do Conselho Superior do IF Farroupilha.

O IF Farroupilha participa do Programa Ciência sem Fronteiras que objetiva promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da

mobilidade internacional. A participação dos estudantes neste programa viabiliza o intercâmbio de conhecimentos e de vivências pessoais e profissionais, contribuindo para a formação crítica e concisa destes futuros profissionais.

### 3.2.6. Educação Inclusiva

Entende-se como educação inclusiva a garantia de acesso e permanência do estudante na instituição de ensino e do acompanhamento e atendimento do egresso no mundo do trabalho, respeitando as diferenças individuais, especificamente, das pessoas com deficiência, diferenças étnicas, de gênero, cultural, socioeconômica, entre outros.

O Instituto Federal Farroupilha priorizará ações inclusivas voltadas às especificidades dos seguintes grupos sociais, com vistas à garantia de igualdade de condições e oportunidades educacionais:

I - pessoas com necessidades educacionais específicas: consolidar o direito das pessoas com deficiência visual, auditiva, intelectual, físico motora, múltiplas deficiências, altas habilidades/superdotação e transtornos globais do desenvolvimento, bem como Transtorno do Espectro Autista, promovendo sua emancipação e inclusão nos sistemas de ensino e nos demais espaços sociais;

II - gênero e diversidade sexual: o reconhecimento, o respeito, o acolhimento, o diálogo e o convívio com a diversidade de orientações sexuais fazem parte da construção do conhecimento e das relações sociais de responsabilidade da escola como espaço formativo de identidades. Questões ligadas ao corpo, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez precoce, à orientação sexual, à identidade de gênero são temas que fazem parte desta política;

III – diversidade étnica: dar ênfase nas ações afirmativas para a inclusão da população negra e da comunidade indígena, valorizando e promovendo a diversidade de culturas no âmbito institucional;

IV – oferta educacional voltada às necessidades das comunidades do campo: medidas de adequação da escola à vida no campo, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural e produtiva, de modo a conciliar tais atividades com a formação acadêmica;

V - situação socioeconômica: adotar medidas para promover a equidade de condições aos sujeitos em vulnerabilidade socioeconômica.

Para a efetivação das ações inclusivas, o IF Farroupilha constituiu o Plano Institucional de Inclusão, que promoverá ações com vistas:

- a – à preparação para o acesso;
- b – a condições para o ingresso;
- c – à permanência e conclusão com sucesso;
- d – ao acompanhamento dos egressos.

Para auxiliar na operacionalização da Política de Educação Inclusiva, o *Campus* Santo Ângelo conta com a Coordenação de Ações Inclusivas (CAI), que constitui os Núcleos Inclusivos de Apoio aos Estudantes (NAE): Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEA-BI) e Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS).

Há também, na Reitoria, o Núcleo de Elaboração e Adaptação de Materiais Didático/pedagógicos – NEAMA do IF Farroupilha. (Resolução CONSUP nº 033/2014), que tem como objetivo principal o desenvolvimento de materiais didático/pedagógicos acessíveis aos estudantes e servidores com deficiência visual incluídos na Instituição. Os materiais produzidos podem ser tanto em Braille quanto em formato acessível, para aqueles que utilizam leitor de tela. O NEAMA realizará as adaptações solicitadas pelos campi de acordo com as prioridades previstas em sua Resolução, quais sejam: Planos de Ensino, Apostilas completas de disciplinas, Avaliações, Exercícios, Atividades de orientação, Bibliografias Básicas das disciplinas, Documentos Institucionais, seguindo uma metodologia que depende diretamente da quantidade e qualidade dos materiais enviados, tais como: figuras, gráficos, fórmulas e outros de maior complexidade. A prioridade no atendimento será dada aos campi que possuem estudantes com deficiência visual e nos quais não há profissionais habilitados para atendê-los, procurando assegurar assim, as condições de acesso, permanência e formação qualificada dos estudantes incluídos no IF Farroupilha.

#### **3.2.6.1. Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE)**

O Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais NAPNE – do Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi – RS, criado pela Portaria nº 20, de 4 de maio de 2010, é um setor da instituição que desenvolve ações de implantação e implementação do Programa Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (TecNep/MEC).

O núcleo tem por finalidade promover a cultura da educação para a convivência, aceitação da diversidade e, principalmente, buscar a quebra de barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais na instituição, de forma a promover inclusão de todos na educação. Para tanto, conta com uma sala multifuncional que tem por finalidade disponibilizar equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade, com vistas a apoiar a ampliação da oferta do atendimento educacional especializado – AEE.

O NAPNE tem como finalidade promover a implantação e consolidação de políticas inclusivas no Instituto Federal Farroupilha, regulamentada pela Resolução nº 015/2014.

Tendo em vista o acesso significativo de estudantes que fazem parte do público-alvo da Educação Especial nos diferentes níveis e modalidades de Educação no IF Farroupilha, e considerando o Decreto nº 7.611/2011 e a Lei nº 12.764/12, essa instituição implementou o Atendimento Educacional Especializado (AEE). O Regulamento do AEE no IF Farroupilha (Resolução nº 015/15) define como alunado desse atendimento os estudantes com deficiência, com transtorno do espectro do autismo, que apresentam altas habilidades/superdotação e transtornos globais de desenvolvimento, seguindo as indicações da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Trata-se de um serviço oferecido no turno oposto ao turno de oferta regular do estudante, no qual um profissional com formação específica na área, desenvolve atividades de complementação e suplementação dos conteúdos desenvolvidos na sala de aula comum. Esse atendimento é realizado em uma Sala de Recursos Multifuncionais e prevê, além do uso de recursos diferenciados, orientações aos professores.

#### **3.2.6.2. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI)**

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal Farroupilha, é constituído por Grupos de Ensino, Pesquisa e Extensão através de Portaria, voltados para o direcionamento de estudos e ações para as questões étnico-raciais.

O NEABI do *Campus* foi criado pela Portaria nº 57, de 30 de novembro de 2010 e está voltado para as ações afirmativas e em especial para a área do ensino sobre África, Cultura Negra e História do Negro no Brasil, pautado na Lei nº 10.639/2003 e das questões Indígenas, Lei nº 11.645/2008, que normatiza a inclusão das temáticas nas diferentes áreas de conhecimento e nas ações pedagógicas.

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI – tem os seguintes objetivos:

I - promover encontros de reflexão e capacitação de servidores em educação, para o conhecimento e a valorização da história dos povos africanos, da cultura afro-brasileira, da cultura indígena e da diversidade na construção histórica e cultural do país;

II - promover a realização de atividades de extensão como seminários, conferências, painéis, simpósios, encontros, palestras, oficinas, cursos e exposições de trabalhos e atividades artístico-culturais;

III - propor ações que levem a conhecer o perfil da comunidade interna e externa do Campus nos aspectos étnico-raciais;

IV - implementar a Lei nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, que está pautada em ações que direcionam para uma educação pluricultural e pluriétnica, para a construção da cidadania por meio da valorização da identidade étnico-racial, principalmente de negros, afrodescendentes e indígenas;

V - fazer intercâmbio em pesquisas e socializar seus resultados em publicações com as comunidades interna e externas ao Instituto: Universidades, escolas, comunidades negras rurais, quilombolas, comunidades indígenas e outras instituições públicas e privadas;

VI - motivar e criar possibilidades de desenvolver conteúdos curriculares e pesquisas com abordagens multi e interdisciplinares, de forma contínua;

VII - colaborar em ações que levem ao aumento do acervo bibliográfico relacionado a educação pluriétnica em cada *Campus*;

VIII - incentivar a criação de grupos de convivência da cultura afro-brasileira e indígena, em especial com os estudantes do *Campus*.

O NEABI tem como finalidade promover a implantação e consolidação de políticas inclusivas no Instituto Federal Farroupilha, regulamentada pela Resolução nº 015/2014.

### 3.2.6.3. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS)

As questões de gênero e diversidade sexual estão presentes nos currículos espaços, normas, ritos, rotinas e práticas pedagógicas das instituições de ensino. Não raro, as pessoas identificadas como dissonantes em relação às normas de gênero e à matriz sexual são postas sob a mira preferencial de um sistema de controle e vigilância que, de modo sutil e profundo, produz efeitos sobre todos os sujeitos e os processos de ensino e aprendizagem. Histórica e culturalmente transformada em norma, produzida e reiterada, a heterossexualidade obrigatória e as normas de gênero tornam-se o baluarte da heteronormatividade e da dualidade homem e mulher. As instituições de ensino acabam por se empenhar na reafirmação e no êxito dos processos de incorporação das normas de gênero e da heterossexualização compulsória.

Com intuito de proporcionar mudanças de paradigmas sobre a diferença, mais especificamente sobre gênero e heteronormatividade, o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), considerando os documentos institucionais, tais como a Política de Diversidade e Inclusão do IF Farroupilha e a Instrução Normativa nº 03, de 02 de Junho 2015, que dispõe sobre a utilização do nome social no âmbito do IF Farroupilha, tem como objetivo proporcionar espaços de debates, vivências e reflexões acerca das questões de gênero e diversidade sexual, na comunidade interna e externa, viabilizando a construção de novos conceitos de gênero e diversidade sexual, rompendo barreiras educacionais e atitudinais na instituição, de forma a promover inclusão de todos na educação.

### 3.3. Programa Permanência e Êxito

Em 2014, o IF Farroupilha implantou o Programa Permanência e Êxito dos Estudantes da instituição, homologado pela Resolução CONSUP nº 178, de 28 de novembro de 2014. O objetivo do Programa é consolidar a excelência da oferta da EBPTT de qualidade e promover ações para a permanência e o êxito dos estudantes no IF Farroupilha. Além disso, busca socializar as causas da evasão e retenção no âmbito da Rede Federal; propor e assessorar o desenvolvimento de ações específicas que minimizem a influência dos fatores responsáveis pelo processo de evasão e retenção, categorizados como: individuais do estudante, internos e externos à instituição; instigar o sentimento de pertencimento ao IF Farroupilha e consolidar a identidade institucional; e atuar de forma preventiva nas causas de evasão e retenção.

Visando a implementação do Programa, o IF Farroupilha institui em seus campi ações, como: sensibilização e formação de servidores; pesquisa diagnóstica contínua das causas de evasão e retenção dos alunos; programas de acolhimento e acompanhamento aos alunos; ampliação dos espaços de interação entre a comunidade externa, a instituição e a família; prevenção e orientação pelo serviço de saúde dos campi; programa institucional de formação continuada dos servidores; ações de divulgação da Instituição e dos cursos; entre outras.

Através de projetos como o Programa Permanência e Êxito dos Estudantes, o IF Farroupilha trabalha em prol do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES/2010).

### 3.3.1. Acompanhamento de Egressos

O acompanhamento dos egressos será realizado por meio do estímulo à criação de associação de egressos, de parcerias e convênios com empresas e instituições e organizações que demandam estagiários e profissionais com origem no IF Farroupilha. Também serão previstos a criação de mecanismos para acompanhamento da inserção dos profissionais no mundo do trabalho e a manutenção de cadastro atualizado para disponibilização de informações recíprocas.

O IF Farroupilha concebe o acompanhamento de egressos como uma ação que visa ao planejamento, definição e retroalimentação das políticas educacionais da instituição, a partir da avaliação da qualidade da formação ofertada e da interação com a comunidade.

Além disso, o acompanhamento de egressos visa ao desenvolvimento de políticas de formação continuada, com base nas demandas do mundo do trabalho, reconhecendo como responsabilidade da instituição o atendimento aos seus egressos.

A instituição mantém programa institucional de acompanhamento de egresso, a partir de ações contínuas e articuladas, entre as Pró-Reitorias de Ensino, Extensão e Pesquisa, Pós-graduação e Inovação e Coordenação de Curso Superior.

## 4. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

### 4.1. Perfil do Egresso

O Tecnólogo em Grãos planeja, projeta e executa empreendimentos voltados para a produção de grãos. Elabora e executa projetos agrícolas que compreendem a implantação, cultivo, produção, colheita, pós-colheita, armazenamento, beneficiamento e comercialização de grãos. Fiscaliza e executa o controle de qualidade, classificação e certificação de grãos. Planeja e emprega tecnologias voltadas para o melhoramento genético de grãos. Orienta o manejo de solo, adubação e receituários técnicos para a produção de grãos. Vistoria, realiza perícia, avalia, emite laudo e parecer técnico em sua área de formação.

Ainda, o egresso está habilitado para:

I – Produzir grãos e sementes;

II – Executar análise de sementes e classificação de grãos;

III – Responder tecnicamente por laboratórios de análise de sementes e classificação de grãos ou unidades de beneficiamento de grãos e/ou sementes;

IV – Analisar e emitir laudos técnicos e pareceres na Produção e Classificação dos Grãos e Sementes;

V – Controlar a eficiência e a qualidade na Produção de Grãos e sementes;

VI – Planejar e executar projetos para o direcionamento e implantação das Unidades de Beneficiamento de Grãos e Sementes;

VII – Analisar e avaliar o desempenho e a eficiência do Sistema de Produção, Classificação, Secagem, Beneficiamento e Armazenamento de Grãos e Sementes;

VIII – Monitorar e avaliar o impacto ambiental na implantação das novas tecnologias na produção, classificação, armazenamento e beneficiamento de grãos e sementes;

IX – Utilizar os recursos computacionais como ferramenta, tanto no processo ensino e aprendizagem, quanto na aplicação dos conteúdos estudados.

#### **4.1.1. Áreas de atuação do Egresso**

I. Cooperativas e associações;

II. Empresas de certificação;

III. Empresas de comercialização de insumos e produtos destinados ao cultivo e beneficiamento de grãos;

IV. Empresas de planejamento, desenvolvimento de projetos, assessoramento técnico e consultoria;

V. Empresas, propriedades rurais e empreendimentos de agricultura familiar;

VI. Organizações não-governamentais;

VII. Órgãos públicos;

VIII. Institutos e Centros de Pesquisa;

IX. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente;

#### **4.2. Metodologia**

A organização curricular do Curso atende aos princípios do trabalho com a finalidade educativa e de flexibilidade, estando, portanto, a matriz curricular estruturada em disciplinas, levando-se em conta as habilidades e competências que o futuro profissional deve possuir para o desempenho satisfatório no mundo do trabalho.

A flexibilização curricular acontece por meio de disciplinas eletivas e outros mecanismos de organização de estudos, como as práticas profissionais integradas, que contemplem conhecimentos relevantes, capazes de responder à demandas pontuais e de grande valor para comunidade interna e externa, respeitando os saberes e as experiências do estudante, mantendo contato com seu contexto de vida.

O currículo integrado desenvolve também a articulação dinâmica entre trabalho/ensino, prática/teoria, ensino/pesquisa e ensino/extensão fortalecendo as relações entre trabalho e ensino,

Nesse sentido, são sugeridas algumas práticas pedagógicas para a condução das disciplinas que visam estabelecer as dimensões investigativas e interativas como princípios formativos, bem como a aproximação da teoria com realidade profissional. Entre elas:

I – apoio à iniciação científica, a fim de despertar o interesse pela pesquisa e instigar os estudantes na busca de novos conhecimentos;

II – atividades de pesquisa bibliográfica, utilizando-se do acervo da biblioteca e de consultas ao Portal de Periódicos da CAPES e a bancos de dados da área;

III – exposição dos trabalhos de pesquisas desenvolvidos pelos acadêmicos (publicação de resumos, participação em seminários, congressos, simpósios e outros), incentivando a participação na Mostra Acadêmica Integrada do Campus e na Mostra da Educação Profissional e Tecnológica;

IV – apoio ao trabalho acadêmico e a práticas interdisciplinares, sobretudo nos seguintes momentos: projeto integrador englobando as diferentes disciplinas; participação das atividades promovidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) como a Semana Nacional da Consciência Negra; organização da semana acadêmica do curso; estágio curricular e atividades complementares;

V – incentivo à participação do Núcleo de Tradições Gaúchas, a jogos de integração do IF, a oficinas de artes e músicas;

VI – abordagem de temas transversais que contemplem assuntos que não são específicos das disciplinas que compõem a matriz curricular do curso, mas que são importantes para a formação pessoal e profissional dos educandos;

VII – aulas práticas, em laboratórios, em lavouras, nas instituições de pesquisa e extensão, bem como nas empresas públicas e privadas;

VIII – relacionamento direto, por meio da pesquisa e da extensão, com a comunidade local e regional, visando à formação de profissionais críticos e conscientes da realidade que os cerca, bem como contribuindo para o desenvolvimento local por meio da difusão do conhecimento e das tecnologias.

As ações metodológicas no curso com vistas à educação inclusiva estão pautadas na adaptação e flexibilização curricular, com o intuito de garantir o processo de aprendizagem, aceleração e suplementação de estudos para os estudantes com necessidades educacionais específicas. Com isso, são utilizados meios como atividades de monitoria e grupos de estudos, oportunizando aos alunos a relação interpessoal e respeito às diferenças, em que todos possam aprender e se desenvolver com reciprocidade.

### 4.3. Organização curricular

A organização curricular do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos observa as determinações legais presentes na Lei nº 9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso, as normativas presentes na Resolução CNE/CP Nº 03/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos superiores de Tecnologia, as normativas da Resolução nº 013/2014, que institui as Diretrizes Institucionais para os cursos de Graduação do IF Farroupilha e demais normativas institucionais e nacionais pertinentes ao ensino superior.

A concepção do currículo do curso tem como premissa a articulação entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho, possibilitando a articulação entre os conhecimentos construídos nas diferentes disciplinas do curso com a prática real de trabalho, propiciando a flexibilização curricular e a ampliação do diálogo entre as diferentes áreas de formação.

A organização curricular do curso está sistematizada de forma a concretizar e atingir os objetivos a que o curso se propõe, desenvolvendo as competências necessárias ao perfil profissional do egresso, atendendo às orientações do

Catálogo de Cursos Superiores de Tecnologia, à legislação vigente, às características do contexto regional e às concepções preconizadas no Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal Farroupilha.

O currículo do curso de Tecnologia em Produção de Grãos está organizado a partir de 04 (quatro) núcleos de formação, a saber: Núcleo Comum, Núcleo Articulador, Núcleo Específico e Núcleo Complementar, os quais são perpassados pela Prática Profissional.

O Núcleo Comum destina-se aos componentes curriculares necessários à formação em todos os cursos de tecnologia da Instituição, e os componentes curriculares de conteúdos básicos da área específica visando atender às necessidades de nivelamento dos conhecimentos necessários para o avanço do estudante no curso e assegurar uma unidade formativa nos cursos de tecnologia.

O Núcleo Articulador contempla os componentes curriculares que perpassam os cursos de tecnologia do Eixo Tecnológico de Recursos Naturais, visando uma identidade tecnológica entre os cursos deste eixo.

O Núcleo Específico destina-se aos componentes curriculares específicos da área de formação em Produção de Grãos.

O Núcleo Complementar compreende as atividades complementares, os componentes curriculares eletivos visando à flexibilização curricular e a atualização constante da formação profissional.

A prática profissional deve permear todo o currículo do curso, desenvolvendo-se através da Prática Profissional Integrada e do Estágio Curricular Supervisionado. Essa estratégia permite a constante integração teórica e prática e a interdisciplinaridade, assegurando a sólida formação dos estudantes.

Os conteúdos especiais obrigatórios, previstos em Lei (Lei nº 9.795/1999, Decreto nº 4.281/2002, Lei nº 10.639/2003, Resolução CNE/CP nº 01/2004, Dec. nº 5.626/2005, Lei nº 11.645/2008, Resolução CNE/CP Nº 01/2012 e Resolução CNE/CP Nº 02/2012), estão contemplados nas disciplinas e/ou demais componentes curriculares que compõem o currículo do curso, conforme as especificidades previstas legalmente:

I – Educação ambiental - esta temática é trabalhada de forma transversal no currículo do curso, em especial na disciplina de Gestão ambiental, e nas atividades complementares do curso, tais como workshop/palestras, oficinas, semanas acadêmicas, entre outras, constituindo-se em um princípio fundamental da formação do tecnólogo.

II – História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – está presente como conteúdo na disciplina de Sociologia Rural. Essa temática também se fará presente nas atividades complementares do curso, realizadas no âmbito da instituição, tais como palestras, oficinas, semanas acadêmicas, entre outras. Além das atividades curriculares, o *Campus* conta com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) que desenvolve atividades formativas voltadas para os estudantes e servidores.

III – Educação em Direitos Humanos – está presente como conteúdo na disciplina que guarda maior afinidade com a temática, como Ética Profissional. Essa temática também se fará presente nas atividades complementares do curso, realizadas no âmbito da instituição, tais como palestras, oficinas, semanas acadêmicas, entre outras. Além das atividades curriculares, o *Campus* conta com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) que desenvolve atividades formativas sobre essa temática direcionada aos estudantes e servidores.

IV – Libras – está presente como disciplina eletiva no currículo do curso.

Afora os conteúdos obrigatórios listados acima, o curso de Tecnologia em Produção de Grãos desenvolve, de forma transversal ao currículo, atividades relativas à temática de educação para a diversidade, visando à formação voltada para as práticas inclusivas, tanto em âmbito institucional, quanto na futura atuação dos egressos no mundo do trabalho.

#### 4.4. Matriz Curricular

1º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Física	36	2
	Ecologia	36	2
	Ética Profissional	36	2
	Matemática	36	2
	Metodologia Científica	36	2
	Morfologia Vegetal	72	4
	Leitura e Produção textual	36	2
	Informática Aplicada	36	2
	Química	36	2
	Total	360	20

2º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Bioquímica	36	2
	Botânica	36	2
	Genética	36	2
	Sociologia Rural	36	2
	Estatística Aplicada	36	2
	Gestão Ambiental	36	2
	Fisiologia Vegetal	72	4
	Topografia	72	4
	Total	360	20

3º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Eletiva I	36	2
	Experimentação Agrícola	36	2
	Fundamentos da Ciência do Solo	72	4
	Máquinas Agrícolas	72	4
	Hidráulica Agrícola	36	2
	Manejo Integrado de Pragas	72	4
	Climatologia Agrícola	36	2
Total	360	20	

4º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Análise de Sementes	36	2
	Melhoramento Genético de Plantas	36	2
	Irrigação e Drenagem	72	4
	Fertilidade do Solo	72	4
	Manejo Integrado de Plantas Invasoras	72	4
	Tecnologia de Sementes de Essências Florestais	36	2
	Eletiva II	36	2
	Total	360	20

5º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Manejo e Conservação de Solo e Água	72	4
	Manejo Integrado de Doenças	72	4
	Produção de Grãos e Sementes I	72	4
	Geoprocessamento e Agricultura de Precisão	36	2
	Secagem e Armazenamento de Grãos e Sementes	72	4
	Eletiva III	36	2
	Total	360	20

6º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Beneficiamento de Grãos e Sementes	72	4
	Comercialização e Marketing	36	2
	Administração e Gestão	36	2
	Produção de Grãos e Sementes II	72	4
	Saúde e Segurança do Trabalho	36	2
	Extensão Rural	36	2
	Produção de Sementes Forrageiras	36	2
	Tecnologia de Sementes de Hortaliças e Flores	36	2
	Total	360	20

7º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	CH Semanal
	Estágio Curricular Supervisionado	200	
	Total	200	

Componentes do Currículo	C.H.
Disciplinas	2.160
Estágio Curricular Supervisionado	200
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	240
Carga Horária Total do Curso	2.600

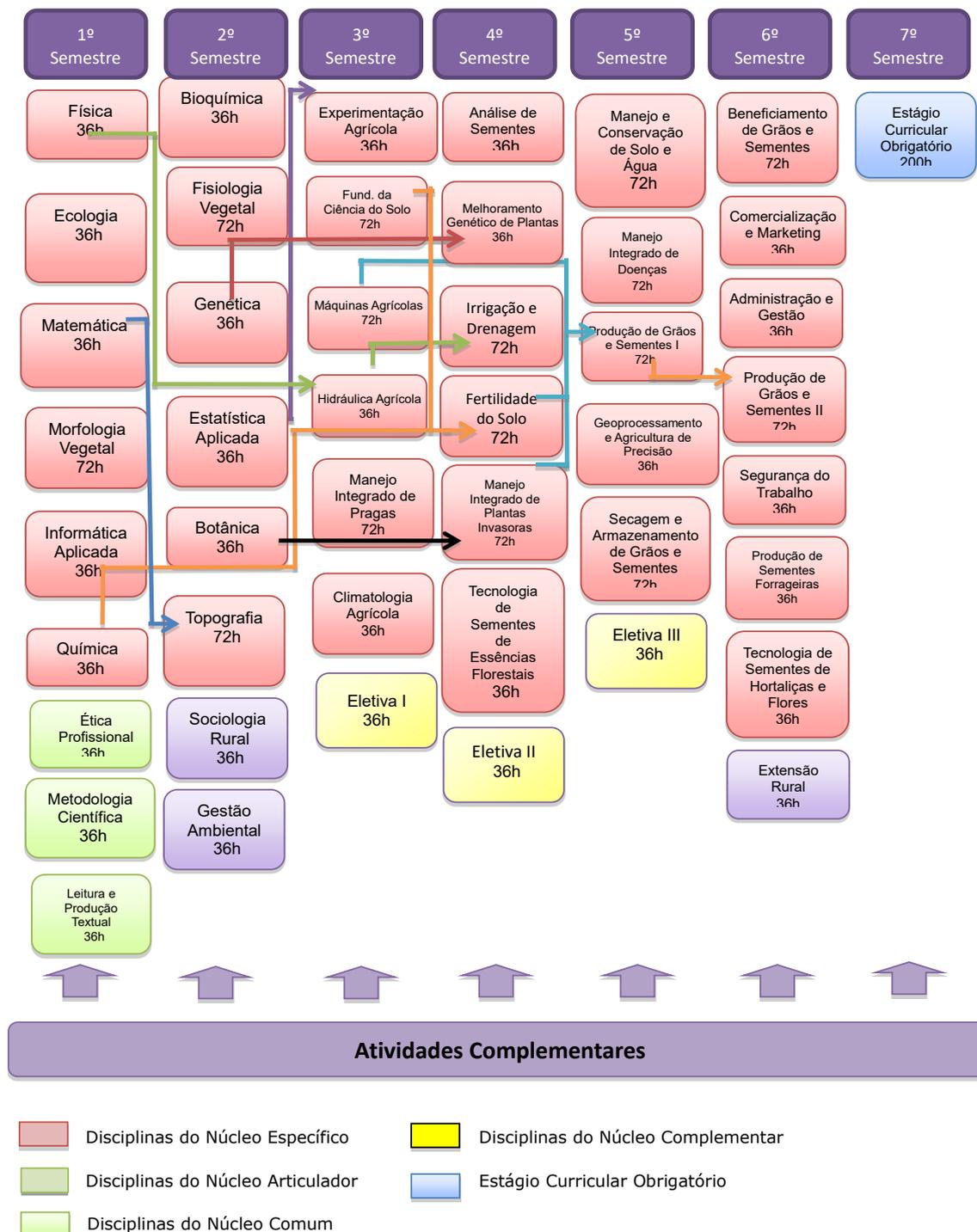
Legenda	
Disciplinas do Núcleo Específico	
Disciplinas do Núcleo Articulador	
Disciplinas do Núcleo Comum	
Disciplinas do Núcleo Complementar	
Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório	

#### 4.4.1. Pré-Requisitos

Disciplinas pré-requisito são aquelas que devem ser cursadas com aprovação, para que o estudante possa se matricular em outras de períodos seguintes, mantendo uma sequência de componentes curriculares que se interligam. Situações que fujam à sequência do currículo, comprometendo o aproveitamento do estudante, poderão ser analisadas pelo colegiado do curso.

Componente Curricular	Pré-Requisito
Topografia	Matemática
Experimentação Agrícola	Estatística aplicada
Hidráulica Agrícola	Física
Melhoramento Genético de Plantas	Genética
Irrigação e Drenagem	Hidráulica Agrícola
Fertilidade do Solo	Química Fundamentos da Ciência do Solo
Manejo Integrado de Plantas Invasoras	Botânica
Produção de Grãos e Sementes I	Máquinas Agrícolas, Manejo Integrado de Plantas Invasoras, Fertilidade do Solo.
Produção de Grãos e Sementes II	Produção de Grãos e Sementes I

#### 4.5. Representação gráfica do perfil de formação



## 4.6. Prática Profissional

### 4.6.1. Prática Profissional Integrada

A Prática Profissional Integrada (PPI) consiste em uma metodologia de ensino que visa assegurar um espaço/tempo no currículo que possibilite a articulação entre os conhecimentos construídos nas diferentes disciplinas do curso com a prática real de trabalho, propiciando a interdisciplinaridade e flexibilização curricular e a ampliação do diálogo entre as diferentes áreas de formação.

A PPI desenvolve-se a fim de atingir o perfil profissional do egresso, tendo como propósito, integrar os componentes curriculares formativos, ultrapassando a visão curricular como conjuntos isolados de conhecimentos e práticas desarticuladas. Busca favorecer a integração entre teoria e prática, trabalho manual e intelectual, formação específica e formação básica ao longo do processo formativo.

O planejamento, o desenvolvimento e a avaliação das PPIs deverão levar em conta as particularidades da área de conhecimento do curso, para que se atendam os objetivos formativos, a partir de atividades coerentes com seu projeto pedagógico, passíveis de execução.

São objetivos específicos das PPIs:

I - aprofundar a compreensão do perfil do egresso e áreas de atuação do curso;

II - aproximar a formação dos estudantes com o mundo de trabalho;

III - articular horizontalmente o conhecimento dos componentes curriculares envolvidos, oportunizando o espaço de discussão e espaço aberto para entrelaçamento com outras disciplinas, de maneira que as demais disciplinas do curso também participem desse processo;

IV – integrar verticalmente o currículo, proporcionando uma unidade em todo o curso, compreendendo uma sequência lógica e crescente complexidade de conhecimentos teóricos e práticos, em contato com a prática real de trabalho;

V - incentivar a produção e a inovação científico-tecnológica, e suas respectivas aplicações no mundo do trabalho, de acordo com as peculiaridades territoriais, econômicas e sociais em que o curso está inserido;

VI – constituir-se como espaço permanente de reflexão-ação-reflexão envolvendo todo o corpo docente do curso no seu planejamento, permitindo a auto avaliação do curso e, conseqüentemente, o seu constante aperfeiçoamento;

VII - incentivar a pesquisa como princípio educativo;

VIII - promover a interdisciplinaridade;

IX– promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A PPI deve ser realizada mediante estratégias de ensino que contextualizem a aplicabilidade dos conhecimentos construídos no decorrer do processo formativo, problematizando a realidade e fazendo com que os estudantes, por meio de estudos, pesquisas e práticas, desenvolvam projetos e ações baseados na criticidade e na criatividade.

A PPI do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos terá na sua organização curricular, o percentual de 5% da carga horária total das disciplinas obrigatórias do curso. Cada semestre letivo terá no mínimo três disciplinas com carga horária de PPI, a ser definida em reunião do Colegiado do Curso a cada semestre letivo em vigor.

A PPI será planejada, preferencialmente antes do início do semestre letivo na qual será desenvolvida ou, no máximo, até trinta dias úteis a contar do primeiro dia letivo do semestre no qual será desenvolvida, e deverá prever, obrigatoriamente:

I – Plano de Trabalho da PPI, planejado pelo colegiado do curso, com a definição das disciplinas que integrarão, diretamente, este Plano de Trabalho;

II – as disciplinas a integrarem o Plano de Trabalho de PPI serão estabelecidas com base no perfil profissional do egresso e na temática proposta no Plano de Trabalho da PPI;

III - definição clara dos objetivos, conteúdos, conhecimentos e habilidades a serem desenvolvidos durante o Plano de Trabalho da PPI;

IV – estratégias de realização da PPI, tais como visitas técnicas, oficinas, projetos integradores, estudos de caso, experimentos e atividades específicas em ambientes especiais, como laboratórios, oficinas, ateliês e outros, tais como, investigação sobre atividades profissionais, projetos de pesquisa e/ou intervenção, simulações, entre outras formas de integração previstas no Plano de Trabalho de PPI consoantes às Diretrizes Institucionais para os Cursos Superiores de Graduação do IF Farroupilha;

V - carga horária total do Plano de Trabalho de PPI, especificando-se a carga horária destinada ao registro no cômputo da carga horária de cada disciplina envolvida diretamente na PPI;

VI – formas de avaliação das atividades desenvolvidas na PPI:

a) a avaliação deverá ser integrada entre as disciplinas diretamente envolvidas;

b) o(s) instrumento(s) de avaliação das PPIs deverá(ão) ser utilizado(s) como um dos instrumentos para avaliação de cada disciplina diretamente envolvida;

VII – resultados esperados na realização da PPI, prevendo, preferencialmente, o desenvolvimento de uma produção e/ou produto (escrito, virtual e/ou físico) conforme o Perfil Profissional do Egresso, bem como, a realização de momento de socialização entre os estudantes e os docentes do curso através de seminários, oficinas, dentre outros, ao final de cada período letivo e ao final do curso, visando integrar horizontal e verticalmente as Práticas Profissionais Integradas no desenvolvimento do curso.

Os professores envolvidos diretamente no Plano de Trabalho de PPI serão responsáveis pelo acompanhamento, registro e comprovação da realização das atividades previstas.

O registro das atividades de PPI será realizado no diário de classe de cada disciplina indicada no Plano de Trabalho da PPI conforme a carga horária específica destinada a cada uma das disciplinas.

Poderão ser previstas, no Plano de Trabalho de PPI, atividades no contra turno, cuja forma de desenvolvimento, acompanhamento, comprovação de realização das atividades e equivalência de carga horária em horas aula deverá ser prevista no Plano de Trabalho de PPI.

#### 4.6.2. Estágio Curricular Supervisionado

O estágio curricular é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam cursando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos, conforme estabelece o art. 1º da Lei nº 11.788/08.

No curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, o estágio curricular supervisionado é obrigatório e tem uma duração de 200 horas. Deve ser realizado, preferencialmente, no sétimo semestre do curso. Entretanto, o estudante poderá realizar o estágio curricular obrigatório após ter cursado 1440 horas em componentes curriculares obrigatórios.

A realização do estágio curricular supervisionado no curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos tem como objetivos:

I - oferecer aos alunos a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos e conhecer as relações sociais que se estabelecem no mundo produtivo;

II - ser complementação do ensino e da aprendizagem, relacionando conteúdos e contextos;

III - propiciar a adaptação psicológica e social do educando a sua futura atividade profissional;

IV - facilitar o processo de atualização de conteúdos, permitindo adequar aqueles de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, econômicas e sociais;

V - incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais, propiciando o surgimento de novas gerações de profissionais empreendedores, capazes de adotar modelos de gestão, métodos e processos inovadores, novas tecnologias e metodologias alternativas;

VI - promover a integração da instituição com a comunidade;

VII - proporcionar ao aluno vivência com as atividades desenvolvidas por instituições públicas ou privadas e interação com diferentes diretrizes organizacionais e filosóficas relacionadas à área de atuação do curso que frequenta;

VIII - incentivar a integração do ensino, pesquisa e extensão através de contato com diversos setores da sociedade;

IX - proporcionar aos alunos às condições necessárias ao estudo e soluções dos problemas demandados pelos agentes sociais;

X - ser instrumento potencializador de atividades de iniciação científica, de pesquisa, de ensino e de extensão.

O estudante poderá, ao longo do curso, realizar estágio não obrigatório em instituições que o IF Farroupilha – Campus Panambi possua convênio. A realização do estágio não obrigatório não dispensa o estudante da realização do estágio curricular obrigatório para o curso, quando previsto.

No curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, o estágio curricular supervisionado segue regulamento específico (Anexo).

#### 4.7. Atividades Complementares

As atividades complementares visam contribuir para uma formação ampla e diversificada do educando, a partir de vivências e experiências realizadas para além do âmbito do curso ou da instituição, valorizando a pluralidade de espaços educacionais e incentivando a busca pelo conhecimento.

No curso de Tecnologia em Produção de Grãos, caracterizam-se como atividades complementares aquelas orientadas ao ensino, pesquisa, extensão e gestão, realizadas em âmbito institucional ou em outros espaços institucionais públicos ou privadas.

As atividades complementares devem ser realizadas para além da carga horária das atividades realizadas no âmbito dos demais componentes curriculares previstos no curso, sendo obrigatórias para a conclusão do curso e colação de grau.

A comprovação das atividades complementares se dará a partir da apresentação de certificado ou atestado emitido pela instituição responsável pela realização/oferta, no qual deve constar a carga horária da atividade realizada e a programação desenvolvida.

A coordenação do curso realizará o acompanhamento semestral do cumprimento da carga horária de atividades complementares pelos estudantes, podendo definir prazos para o cumprimento parcial da carga horária ao longo do curso.

A integralização da carga horária de 240 horas, exigida para atividades complementares, deverá ocorrer antes da conclusão do último semestre do curso pelo estudante, com a devida comprovação do cumprimento da carga horária.

Quadro1: Relação de atividades válidas como atividades complementares de curso.

Atividades	Carga horária máxima em todo o curso
Realização de cursos extracurriculares na área	80 horas.
Participação em congressos ou jornadas nacionais e/ou internacionais como participante	50 horas.
Participação em projetos de extensão na área	80 horas.
Assessoria de cursos (presenciais e a distância) na área do curso	60 horas.
Cursos de línguas estrangeiras	80 horas.
Participação em projetos de ensino	80 horas.
Participação em projetos de pesquisa	80 horas.
Publicação de resumos em eventos locais	5 horas por resumo; máximo: 50 horas.
Publicação de resumos em eventos regionais	7 horas por resumo; máximo: 70 horas.
Publicação de resumos em eventos nacionais e internacionais	10 horas por resumo; máximo: 100 horas.
Publicações: artigos publicados em revista nacional	20 horas por artigo.
Publicações: artigos publicados em revista internacional	30 horas por artigo.
Produção de material técnico na área com certificação	20 horas por material.
Tutoria de ensino a distância na área	80 horas.
Organizadores de eventos na área	80 horas.

Visitas técnicas supervisionadas	80 horas.
Estágios curriculares não obrigatórios	80 horas.
Vivência profissional	80 horas.
Disciplinas cursadas em outros cursos nas áreas afins	80 horas.
Dias de Campo e Participação em Feiras Agropecuárias	80 horas.
Atividades de monitoria	80 horas.
Participação em bancas de avaliação	10 horas por banca; máximo de 80 horas.
Participação em órgãos de representação estudantil	80 horas
Aulas ministradas em cursos na área	80 horas

#### 4.8. Disciplinas Eletivas

O Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos contempla a oferta de disciplinas eletivas, num total de 108 horas, a partir do terceiro semestre. O curso deverá disponibilizar, no mínimo, 03 disciplinas eletivas para a escolha da turma, por meio de Edital, no semestre anterior à oferta de disciplina eletiva, que considerará as condições de infraestrutura e de pessoal da instituição.

Estas disciplinas propiciarão discussões e reflexões frente à realidade regional na qual o Curso se insere, oportunizando espaços de diálogo, construção do conhecimento e de tecnologias importantes para o desenvolvimento da sociedade.

São possibilidades de disciplinas eletivas:

- Classificação de Grãos e Sementes;
- Cultivo em Ambiente Protegido;
- Estudos Avançados em Solos;
- Gestão de Resíduos;
- Língua Brasileira de Sinais– LIBRAS;
- Mecanização Agrícola;
- Patologia de Sementes;
- Relação Solo-Planta-Atmosfera;
- Seminários;
- Tópicos em Agroecologia;
- Tópicos Especiais em Produção de Grãos;
- Tópicos Especiais em Produção de Sementes;
- Integração Lavoura-Pecuária.

Poderão ser acrescentadas novas disciplinas eletivas ao PPC do Curso a partir de solicitação realizada pelo docente e aprovada pelo NDE e Colegiado do Curso, devendo ser publicadas à comunidade acadêmica.

Poderá ser validada como disciplina eletiva, aquela realizada pelo estudante em curso superior, presencial ou à distância, desde que aprovada pela Coordenação e/ou Colegiado do Curso, e atenda à carga horária mínima exigida.

Em caso de reprovação em disciplina eletiva, o estudante poderá realizar outra disciplina eletiva ofertada pelo curso, não necessariamente repetir aquela em que obteve reprovação.

## **4.9. Avaliação**

### **4.9.1. Avaliação da Aprendizagem**

A Avaliação da Aprendizagem nos cursos do Instituto Federal Farroupilha segue o disposto no Regulamento da Avaliação do Rendimento Escolar, aprovado pela Resolução nº 04/2010, de 22 de fevereiro de 2010 e Resolução CONSUP 13/2014. De acordo com os regulamentos institucionais e com base na Lei 9394/96, a avaliação deverá ser contínua e cumulativa, assumindo, de forma integrada, no processo de ensino-aprendizagem, as funções diagnóstica, formativa e somativa, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

A verificação do rendimento escolar é feita de forma diversificada e sob um olhar reflexivo dos envolvidos no processo, podendo acontecer através de provas escritas e/ou orais, trabalhos de pesquisa, seminários, exercícios, aulas práticas, auto-avaliações e outros, a fim de atender às peculiaridades do conhecimento envolvido nos componentes curriculares e às condições individuais e singulares do (a) aluno (a), oportunizando a expressão de concepções e representações construídas ao longo de suas experiências escolares e de vida. Em cada componente curricular, o professor deve oportunizar no mínimo dois instrumentos avaliativos.

A recuperação da aprendizagem deverá ser realizada de forma contínua no decorrer do período letivo, visando que o (a) aluno (a) atinja as competências e habilidades previstas no currículo, conforme normatiza a Lei nº 9394/96.

Os resultados da avaliação do aproveitamento são expressos em notas. As notas deverão ser expressas com uma casa após a vírgula sem arredondamento. A nota mínima para aprovação é 7,0. Caso o estudante não atinja média 7,0, terá direito ao exame final. A nota para aprovação após exame é 5,0, considerando o peso 6,0 para a nota obtida antes do exame e peso 4,0 para a nota da prova do exame.

### **4.9.2. Autoavaliação Institucional**

A autoavaliação institucional deve orientar o planejamento das ações vinculadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, bem como a todas as atividades que lhe servem de suporte. O IF Farroupilha conta com a Comissão Própria de Autoavaliação Institucional, que é responsável por conduzir a prática de autoavaliação institucional. O regulamento em vigência da Comissão Própria de Avaliação (CPA) do Instituto Federal Farroupilha foi aprovado através Resolução CONSUP 073/2013, sendo a CPA composta por uma Comissão Central, apoiada pela ação dos núcleos de autoavaliação em cada *Campus* da instituição.

Considerando a autoavaliação institucional um instrumento norteador para a percepção da instituição como um todo é imprescindível entendê-la na perspectiva de acompanhamento e trabalho contínuo, no qual o engajamento e a soma de ações favorecem o cumprimento de objetivos e intencionalidades.

Os resultados da autoavaliação relacionados ao Curso de Tecnologia em Produção de Grãos serão tomados como ponto de partida para ações de melhoria em suas condições físicas e de gestão.

#### **4.9.3. Avaliação do Curso**

Para o constante aprimoramento do curso, são considerados, no curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, resultados de avaliações internas e externas.

Como indicadores externos são considerados os resultados de avaliações in loco do curso e ENADE, quando houver. Para avaliação interna, o curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos considera o resultado da auto avaliação institucional, a qual engloba as áreas do ensino, da pesquisa e da extensão, com o intuito de considerar o todo da instituição.

Ainda, no curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, os alunos têm a oportunidade de avaliar os componentes curriculares cursados em cada semestre, bem como as ações da coordenação do curso.

Os resultados dessas avaliações são debatidos pela coordenação, juntamente com o NDE, colegiado, corpo docente e alunos do curso, além da assessoria pedagógica do *Campus*. Com esse acompanhamento constante busca-se aperfeiçoar as atividades de ensino e melhorias das fragilidades observadas, com vistas ao incremento na qualidade do curso.

#### **4.10. Critérios e procedimentos para aproveitamento de estudos anteriores**

O aproveitamento de estudos anteriores no Curso de Tecnologia em Produção de Grãos compreende o processo de aproveitamento de componentes curriculares cursados com êxito em outro curso de graduação.

O pedido de aproveitamento de estudos deve ser avaliado pelo(s) professor(es) da área de conhecimento, seguindo os seguintes critérios:

I – a correspondência entre a ementa e/ou programa cursado na outra instituição e a do curso realizado no Instituto Federal Farroupilha, não deverá ser inferior a 75% (setenta e cinco por cento).

II - a carga horária cursada deverá ser igual ou superior àquela indicada no componente curricular do respectivo curso no Instituto Federal Farroupilha;

III - além da correspondência de ementa e carga horária entre os componentes curriculares, o processo de aproveitamento de estudos poderá envolver avaliação teórica e/ou prática acerca do conhecimento a ser aproveitado;

IV – caso necessário, a Comissão poderá levar casos especiais para análise do Colegiado de Curso.

O aproveitamento de estudos anteriores não deve ultrapassar 75% (setenta e cinco por cento) do currículo do curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, de acordo com a matriz curricular a qual o estudante está vinculado.

Os procedimentos para a solicitação de aproveitamento de estudos anteriores seguem o disposto nas Diretrizes Curriculares Institucionais para os cursos superiores de Graduação do IF Farroupilha.

#### **4.11. Critérios e procedimentos de certificação de conhecimento e experiências anteriores**

De acordo com a LDB 9394/96, o conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Entende-se por Certificação de Conhecimentos Anteriores a dispensa de frequência em componente curricular do curso do Instituto Federal Farroupilha em que o estudante comprove excepcional domínio de conhecimento através da realização de avaliação teórica e/ou prática.

A avaliação será realizada sob responsabilidade de Comissão composta pelo(s) professor(e)s da área de conhecimento, a qual estabelecerá os procedimentos e os critérios para a avaliação, de acordo com as ementas dos componentes curriculares para o qual solicita a certificação de conhecimentos. O resultado mínimo da avaliação para obtenção de certificação em componente curricular deverá ser de 7,0.

A avaliação para Certificação de Conhecimentos Anteriores poderá ocorrer por solicitação fundamentada do estudante, que justifique a excepcionalidade, ou por iniciativa de professores do curso.

Não se aplica a Certificação de Conhecimentos Anteriores para o componente curricular de Estágio Curricular Supervisionado.

Os procedimentos para a solicitação de certificação de conhecimentos seguem o disposto nas Diretrizes Curriculares Institucionais para os cursos superiores de Graduação do IF Farroupilha.

#### **4.12. Expedição de Diploma e Certificados**

O estudante que frequentar todos os componentes curriculares previstos no curso, tendo obtido aproveitamento satisfatório e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das horas-aula em cada um deles, antes do prazo máximo para integralização, receberá o diploma de concluinte do curso, após realizar a colação de grau na data agendada pela instituição.

As normas para expedição de Diplomas, Certificados e Históricos Escolares finais estão normatizadas através de regulamento próprio.

## 4.13. Ementário

### 4.13.1. Componentes curriculares obrigatórios

1º SEMESTRE	
<b>Componente Curricular:</b> Física	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Mecânica do corpo rígido. Cinemática. Dinâmica. Leis de Newton. Aplicações das leis de Newton. Equilíbrio. Torque. Trabalho. Potência. Energia. Princípios de conservação da energia. Hidrostática. Pressão. Massa e peso específico. Densidade relativa. Hidrodinâmica. Termologia. Termodinâmica.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
CHAVES, Alaor; SAMPAIO, J. F. <b>Física básica:</b> mecânica. Rio de Janeiro: LTC, 2007.	
NUSSENZVEIG, H. Moysés. <b>Curso de física básica:</b> mecânica. 4.ed. São Paulo: Blücher, 2002.	
TIPLER, Paul Allen; MOSCA, Gene. <b>Física: para cientistas e engenheiros.</b> Tradução Paulo Machado Mors. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
GASPAR, Alberto. <b>Física.</b> São Paulo: Editora Ática. 2007. v. 1 e 2.	
HALLIDAY, David; RESNICK, Robert; WALKER, Jearl. <b>Fundamentos de física:</b> gravitação, ondas e termodinâmica. Tradução Ronaldo Sérgio de Biasi. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.	
HEWITT, Paul G. <b>Física conceitual.</b> 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.	
MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. <b>Física.</b> 2.ed. São Paulo: Scipione, 2011	
OKUNO, E.; CHOW, C.; CALDAS, I. L. <b>Física para ciências biológicas e biomédicas.</b> São Paulo: Habra, 2000.	

<b>Componente Curricular:</b> Ecologia	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Níveis de organização em ecologia. Condições físicas, recursos e adaptação ao meio. Nicho ecológico. Fatores limitantes e regulatórios. Dinâmica de populações. Interações ecológicas. Energia e matéria nos ecossistemas. Sucessão ecológica. Temas aplicados em ecologia: monoculturas e sistemas agrícolas integrados. Poluição. Crescimento populacional humano. Pegada ecológica.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
GUREVITCH, Jessica; SCHEINER, Samuel M.; FOX, Gordon A. <b>Ecologia vegetal.</b> Consultoria, supervisão e revisão técnica Paulo Luiz de Oliveira. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.	
ODUM, E. P.; BARRET, G. W. <b>Fundamentos de Ecologia.</b> 5.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.	
TOWNSEND, Colin R.; BEGON, Michael; HARPER, John L. <b>Fundamentos em ecologia.</b> 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CAIN, Michael L.; BOWMAN, William D.; HACKER, Sally D. <b>Ecologia.</b> Porto Alegre: Artmed, 2011.	
GOTELLI, Nicholas J. <b>Ecologia.</b> Tradução Gonçalo Ferraz, Heloísa Micheletti. 4.ed. Londrina: Planta, 2009.	
MILLER JR., G. Tyler. <b>Ciência ambiental.</b> São Paulo: Cengage Learning, 2007.	
ODUM, Eugene Pleasants; BARRETT, Gary W. <b>Fundamentos de ecologia.</b> São Paulo: Cengage Learning, 2007.	
RICKLEFS, Robert E. <b>A economia da natureza.</b> 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.	

<b>Componente Curricular:</b> Ética Profissional	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Ética como área da filosofia. Fundamentos antropológicos e morais do comportamento humano. Tópicos de ética na História da Filosofia Ocidental: problemas e conceitos fundamentais da moralidade. Relações humanas na sociedade contemporânea: Intolerância e Educação para a diversidade; Educação em direitos humanos. Ética aplicada: Ética empresarial e Ética profissional. Código de ética profissional.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BOFF, Leonardo. <b>Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.</b> 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. NALINI, José Renato. <b>Ética geral e profissional.</b> 9. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012. SÁ, Antônio Lopes de. <b>Ética profissional.</b> 9. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2012.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BAGGIO, A.M.B. <b>Psicologia do Desenvolvimento.</b> 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. DEMO, Pedro; LA TAILLE, Yves de; HOFFMANN, Jussara. <b>Grandes pensadores em educação: O desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação.</b> 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. <b>Ética.</b> Tradução de João Dell'Anna. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. STAUBER, E. <b>Ética Pessoal e Profissional.</b> Embú das Artes: Alexa Cultural, 2016.. VALLS, Álvaro L. M. <b>O que é Ética.</b> 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.	

<b>Componente Curricular:</b> Matemática	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Razão. Proporção. Grandezas diretamente e inversamente proporcionais. Regra de três: simples e composta; direta e inversa. Porcentagem. Razões trigonométricas no triângulo retângulo. Lei dos senos e dos cossenos. Geometria plana: área das principais figuras planas. Geometria espacial: volume de sólidos geométricos.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
DEGENSZAJN, David Mauro. <b>Fundamentos de matemática elementar:</b> matemática comercial, matemática financeira, estatística descritiva. São Paulo: Atual, 2008. DOLCE, Osvaldo; POMPEO, Jose Nicolau. <b>Fundamentos de matemática elementar:</b> geometria plana. 8. ed. São Paulo: Atual, 2010. DOLCE, Osvaldo; POMPEO, José Nicolau. <b>Fundamentos de matemática elementar:</b> geometria espacial, posição, métrica. 6. ed. São Paulo: Atual, 2011.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BEZERRA, Manoel Jairo. <b>Matemática para o Ensino Médio.</b> 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004. CRESPO, Antonio Arnot. <b>Estatística fácil.</b> 19. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2009. FACCHINI, Walter. <b>Matemática para a escola de hoje.</b> São Paulo: FTD, 2006. IEZZI, Gelson. <b>Fundamentos de matemática elementar:</b> trigonometria. 8. ed. São Paulo: Atual, 2009. LOPES, L.F.; CALLIARI, L.R.; Matemática Aplicada à Educação Profissional. Curitiba: Base Editorial, 2010.	

<b>Componente Curricular:</b> Metodologia Científica	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Tipos de Conhecimento. Produção do Conhecimento Científico. Métodos, abordagens e tipos de pesquisa. Planejamento de pesquisa. Estrutura e organização dos gêneros acadêmico-científicos (artigo, relatório, projeto de pesquisa). Normas técnicas de apresentação de trabalhos acadêmico-científicos. Ética na pesquisa.	

<b>Bibliografia Básica</b>	
<p>GIL, Antonio Carlos. <b>Como elaborar projetos de pesquisa</b>. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. <b>A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas</b>. Porto Alegre: Artmed, 1999.</p> <p>MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. <b>Fundamentos de metodologia científica</b>. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p>	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
<p>ABNT – NBR 10520. <b>Informação e documentação</b> - citações em documentos – apresentação. 2002.</p> <p>ABNT – NBR 14724. <b>Informação e documentação</b> – trabalhos acadêmicos - apresentação. 2011.</p> <p>ABNT – NBR 6023. <b>Informação e documentação</b> - referências - elaboração. 2002.</p> <p>DEMO, Pedro. <b>Introdução à metodologia da ciência</b>. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985</p> <p>MEDEIROS, João Bosco. <b>Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas</b>. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p>	

<b>Componente Curricular:</b> Morfologia Vegetal	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Citologia. Principais organelas celulares. Plastídios e mitocôndrias. Meristemas. Colênquima e esclerênquima. Xilema e floema. Parênquimas. Anatomia e morfologia das células, tecidos e órgãos vegetais.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
<p>GONÇALVES, Eduardo Gomes; LORENZI, Harri. <b>Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares</b>. 2. ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011.</p> <p>RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray Franklin; EICHHORN, Susan E. <b>Biologia vegetal</b>. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.</p> <p>VIDAL, Waldomiro Nunes; VIDAL, Maria Rosaria Rodrigues. <b>Botânica organografia: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos</b>. 4. ed. rev. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2011.</p>	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
<p>CUTTER, Elizabeth G. <b>Anatomia vegetal</b>. v. 1. 2. ed. São Paulo: Roca, 2002.</p> <p>ESAU, Katherine. <b>Anatomia das plantas com sementes</b>. São Paulo: E. Blücher, 1974.</p> <p>FERRI, M. G. <b>Fisiologia Vegetal</b>. 2.ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2010.</p> <p>FERRI, Mário Guimarães. <b>Botânica: morfologia interna das plantas (anatomia)</b>. São Paulo: Nobel, 2011.</p> <p>SILVA JÚNIOR, César da; SASSON, Sezar. <b>Biologia</b>. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.</p>	

<b>Componente Curricular:</b> Leitura e Produção Textual	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Concepções de leitura: leitura crítica e compreensão dos vários gêneros textuais. Conceitos relativos à produção textual. Estratégias de planejamento do texto escrito. Práticas de escrita de diversos gêneros textuais com predomínio de sequências textuais argumentativas e expositivas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
<p>GIL, Antônio Carlos. <b>Como elaborar projetos de pesquisa</b>. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>GUEDES, P. C. <b>Da redação à produção textual: o ensino da escrita</b>. São Paulo: Parábola, 2012.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. <b>Produção textual, análise de gêneros e compreensão</b>. São Paulo: Parábola, 2009.</p>	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. <b>Nova gramática do português contemporâneo</b> . 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.	

GARCÉZ, L. H. DO C. <b>Técnica de Redação</b> : o que é preciso saber para bem escrever. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
INFANTE, Ulisses. <b>Do texto ao texto</b> : curso prático de leitura e redação. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Scipione, 2008.
MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. <b>Português instrumental</b> : de acordo com as atuais normas da ABNT. 26. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. <b>Produção Textual na Universidade</b> . São Paulo: Parábola Editorial, 2010

<b>Componente Curricular:</b> Informática Aplicada	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Hardware básico. Noções de Sistema Operacional. Editor de Textos. Editor de Apresentações. Planilhas eletrônicas. Internet. Softwares aplicados à produção de grãos.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam. <b>Informática e educação matemática</b> . 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.	
LÉVY, Pierre. <b>As tecnologias da inteligência</b> : o futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. Rio de Janeiro, 2010.	
VELLOSO, Fernando de Castro. <b>Informática</b> : conceitos básicos. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CAPRON, H. L.; Johnson, J. A. <b>Introdução à informática</b> . Tradução José Carlos Barbosa dos Santos. 8.ed. São Paulo: Pearson, 2004.	
MANZANO, A. L. N. G.; MANZANO, M. I. N. G. <b>Microsoft Word</b> . São Paulo: Érica, 2007.	
MANZANO, André Luiz N. G.; MANZANO, Maria Izabel N.G. <b>Estudo dirigido de informática básica</b> . 7.ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Érica, 2007.	
NORTON, Peter. <b>Introdução a informática</b> . São Paulo: Pearson, 2011.	
SILVA, Mário Gomes da. <b>Informática</b> : terminologia básica: Windows XP, Word XP, Excel XP, Access XP, PowerPoint XP. 5. ed. São Paulo: Érica, 2011.	

<b>Componente Curricular:</b> Química	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 1º semestre
<b>Ementa</b>	
Estrutura Atômica: Configuração e Distribuição Eletrônica. Tabela Periódica. Ligações Químicas. Funções e Reações inorgânicas. Introdução ao Cálculo Estequiométrico. Soluções. PH. Funções Orgânicas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
ATKINS, Peter W.; JONES, Loretta. <b>Princípios de química</b> : questionando a vida moderna. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.	
BRADY, James E.; HUMISTON, Gerard E. <b>Química Geral</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.	
RUSSELL, John Blair; BROTTTO, Maria Elizabeth (Coord.). <b>Química geral</b> . 2. ed. São Paulo: Pearson, 2012.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
HARRIS, D. C. <b>Explorando a Química Analítica</b> . 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.	
KOTZ, John C.; WEAVER, Gabriela C.; TREICHEL, Paul. <b>Química geral e reações químicas</b> . Sao Paulo: Cengage Learning, 2010.	
MAHAN, Bruce M.; MYERS, Rollie J. <b>Química</b> : um curso universitário. Tradução Koiti Araki, Denise de Oliveira Silva, Flávio Massao Matsumoto. 4. ed. São Paulo: Blücher, 2011.	
McMURRY, J. <b>Química Orgânica</b> Vol. 1, Vol. 2. 7.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.	

SOLOMONS, **Química Orgânica**. Vol. 1 e 2. 9 Ed. São Paulo: LTC, 2009.

**2º SEMESTRE**

**Componente Curricular:** Bioquímica

**Carga Horária:** 36 horas

**Período Letivo:** 2º semestre

**Ementa**

Introdução ao estudo da bioquímica. Organização estrutural do sistema biológico dos organismos vivos. Proteínas. Carboidratos. Lipídeos. Metabolismo da Glicólise. Ciclo de Krebs e cadeia respiratória. Fotossíntese e metabolismo dos aminoácidos.

**Bibliografia Básica**

NELSON, David; COX, Michael; LEHNINGER, Albert Lester. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TYMOCZOKO, J. L.; BERG, J. M.; STRYER, L. **Bioquímica Fundamental**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

USBERCO, João; SALVADOR, Edgard; BENABOU, Joseph Elias. **A composição dos alimentos: a química envolvida na alimentação**. São Paulo: Saraiva, 2010.

**Bibliografia Complementar**

ARAÚJO, Júlio Maria de Andrade. **Química de alimentos: teoria e prática**. 4. ed. atual. e ampl. Viçosa: UFV, 2008.

CAMPBELL, Mary. **Bioquímica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CISTERNAS, J. R.; MONTE, O.; MONTOR, W. K. **Fundamentos Teóricos e Práticos em Bioquímica**. São Paulo: Atheneu, 2011.

FELTRE, Ricardo. **Fundamentos da química: química, tecnologia, sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

NELSON, David; COX, Michael; Lehninger, Albert Lester. **Princípios de bioquímica**. Tradução Arnaldo Antonio Simões, Wilson Roberto Navega Lodi. 4.ed. São Paulo: Sarvier, 2006.

**Componente Curricular:** Botânica

**Carga Horária:** 36 horas

**Período Letivo:** 2º semestre

**Ementa**

Classificação Botânica. Sistemática: sistemas de classificação. Regras de Nomenclatura Botânica. Herborização e herbários.

**Bibliografia Básica**

FERRI, Mário Guimarães; MENEZES, Nanuza Luíza de; MONTEIRO, Walkyria Rossi. **Glossário ilustrado de botânica**. São Paulo: Nobel, 2005.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2009.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação de famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APGIII**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2012.

**Bibliografia Complementar**

FERRI, Mário Guimarães. **Botânica: morfologia externa das plantas(organografia)**. São Paulo: Nobel, 2004.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia Vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia de plantas vasculares**. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2011.

GUEREVITCH, J.; SCHEINER, S. M.; FOX, G. A. **Ecologia Vegetal**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray Franklin; EICHHORN, Susan E. **Biologia vegetal**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

VIDAL, Waldomiro Nunes; VIDAL, Maria Rosaria Rodrigues. **Botânica organografia: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos**. 4. ed. rev. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2011.

<b>Componente Curricular:</b> Genética	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Introdução do estudo da Genética. Genética Mendeliana e Pós-Mendeliana. Genética Molecular: material genético, estrutura, função e expressão gênica. Genética quantitativa e de populações. Ligação gênica. Mapeamento genético. Variabilidade genética em plantas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BURNS, George W.; BOTTINO, Paul J. <b>Genética</b> . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. GRIFFITHS, Anthony J. F. et al. <b>Introdução à genética</b> . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. RAMALHO, Magno Antonio Patto. et al. <b>Genética na agropecuária</b> . 5. ed. rev. Lavras: UFLA, 2012..	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
LINHARES, Sérgio de Vasconcellos; GEWANDSZNAJDER, Fernando. <b>Biologia</b> . São Paulo: Ática, 2008. PEARCE, B. A. <b>Genética Essencial: conceitos e conexões</b> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. RIDLEY, M. <b>Evolução</b> . 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. STEARNs, Stephen C.; HOEKSTRA, Rolf F. <b>Evolução: uma introdução</b> . São Paulo: Atheneu, 2003. VIANA, José Marcelo Soriano; CRUZ, Cosme Damião; BARROS, Everaldo Gonçalves de. <b>Genética</b> . 2.ed. Viçosa: UFV, 2003..	

<b>Componente Curricular:</b> Sociologia Rural	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Desenvolvimento Rural Brasileiro: ocupação do espaço agrário, formação da sociedade, contexto histórico e cultural das etnias formadoras (Europeia, Afro-Brasileira e Indígena), modernização da agricultura e os reflexos na Sociedade e na Economia. Aspectos sociológicos da agricultura brasileira: agricultura patronal, agricultura familiar, movimentos sociais, reforma agrária e políticas públicas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
COSTA, C. <b>Sociologia: introdução à ciência da sociedade</b> . 3.ed. São Paulo: Moderna, 2005. DIMENSTEIN, Gilberto; RODRIGUES, Marta M. Assumpção; GIANsANTI, Alvaro Cesar. <b>Dez lições de sociologia para um Brasil cidadão</b> . São Paulo: FTD, 2008. SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). <b>Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil</b> . 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
ADLER, Ronald B.; RODMAN, George. <b>Comunicação humana</b> . 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salette. <b>Por uma educação do campo</b> . 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. BROSE, Markus (org.). <b>Participação na extensão rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local</b> . Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. DIAS, R. <b>Introdução à sociologia</b> . 2.ed. São Paulo: Pearson, 2010. FREIRE, Paulo. <b>Extensão ou comunicação?</b> 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.	

<b>Componente Curricular:</b> Estatística Aplicada	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Conceitos básicos de Estatística. Organização e apresentação tabular e gráfica. Medias de tendência central: média; mediana; moda. Medias de dispersão: variância; desvio padrão. Distribuições de probabilidade: normal e bi-	

nomial.
<b>Bibliografia Básica</b>
CRESPO, Antonio Arnot. <b>Estatística fácil</b> . 19. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2009. IEZZI, G.; HAZZAN, S.; DEGENSZAJN, D. M. <b>Matemática comercial, matemática financeira, estatística descritiva</b> . 2. ed. São Paulo: Atual, 2013. MORETTIN, L. G. <b>Estatística Básica: probabilidade e inferência</b> . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BANZATTO, David Ariovaldo; KRONKA, Sérgio do Nascimento. <b>Experimentação agrícola</b> . 4. ed. Jaboticabal: Funep, 2006. FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. <b>Curso de estatística</b> . 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996. MAGALHÃES, Marcos Nascimento; LIMA, Antonio Carlos Pedroso de. <b>Noções de probabilidade e estatística</b> . 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. MARTINS, Gilberto de Andrade; DOMINGUES, Osmar. <b>Estatística geral e aplicada</b> . 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011. MOORE, David S. <b>A estatística básica e sua prática</b> . Tradução Cristiana Filizola Carneiro Pessoa. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

<b>Componente Curricular:</b> Gestão Ambiental	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Ambiente, produção e sustentabilidade. Questões ambientais globais e locais relacionadas aos recursos naturais. Gestão dos resíduos. Legislação ambiental. Educação ambiental.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
GEBLER, Luciano. <b>Gestão ambiental na agropecuária</b> . Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. DIAS, Genebaldo Freire. <b>Educação ambiental: princípios e práticas</b> . 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. <b>Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania</b> . 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. <b>Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico</b> . 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. GUIMARÃES, Mauro. <b>Caminhos da educação ambiental: da forma à ação</b> . 5. ed. Campinas: Papirus, 2011. LOUREIRO, Carlos Frederico B. <b>Trajetória e fundamentos da educação ambiental</b> . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. MILLER JR., G. Tyler. <b>Ciência ambiental</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2007. VIANA, Gilney; SILVA, Marina. <b>O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil</b> . São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.	

<b>Componente Curricular:</b> Topografia	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Introdução à topografia. Mensuração direta de distância e transposição de obstáculos. Altimetria. Planimetria. Sistema de Posicionamento por Satélite: determinação de coordenadas; medidas de áreas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BORGES, Alberto de Campos. <b>Exercícios de topografia</b> . 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Blücher, 2011. CASACA, João Martins; MATOS, João Luís de; DIAS, José Miguel Baio. <b>Topografia geral</b> . Tradução Luiz Felipe	

Coutinho Ferreira da Silva, Douglas Corbari Corrêa. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.
MCCORMAC, Jack. <b>Topografia</b> . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BORGES, Alberto de Campos. <b>Topografia aplicada à engenharia civil</b> . São Paulo: Blücher, 2010.
BORGES, Alberto de Campos. <b>Topografia</b> . 2. ed. re. e ampl. São Paulo: Blücher, 2011.
FLORENZANO, Teresa Gallotti. <b>Iniciação em sensoriamento remoto</b> . 3.ed. ampl. e atual. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
GOMES, Edaldo; PESSOA, Luciano Montenegro da Cunha; SILVA JÚNIOR, Lucílio Barbosa da. <b>Medindo imóveis rurais com GPS</b> . Brasília: LK, 2001.
NOVO, Evelyn M. L. de Moraes. <b>Sensoriamento remoto: princípios e aplicações</b> . 4.ed. São Paulo: Blucher, 2012.

<b>Componente Curricular:</b> Fisiologia Vegetal	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 2º semestre
<b>Ementa</b>	
Relações hídricas nas plantas. Nutrição mineral nas plantas. Fixação e metabolismo do Nitrogênio. Absorção e translocação de solutos nas plantas. Fotossíntese e respiração. Crescimento e desenvolvimento vegetal. Vernalização. Fotoperíodo. Hormônios vegetais. Fisiologia de sementes.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
KERBAUY, Gilberto Barbante. <b>Fisiologia vegetal</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.	
MARENCO, Ricardo A.; LOPES, Nei Fernandes. <b>Fisiologia vegetal: fotossíntese, respiração, relações hídricas e nutrição mineral</b> . 3. ed. atual. e ampl. Viçosa: UFV, 2007.	
TAIZ, Lincoln; ZEIGER, Eduardo. <b>Fisiologia vegetal</b> . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BETTELHEIM, Frederick A. (Et al). <b>Introdução à bioquímica</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2012.	
FERRI, Mário Guimarães (Coord.). <b>Fisiologia Vegetal</b> . 2. ed. rev. e atual. São Paulo: EPU, 2007.	
HARVEY, Richard A.; FERRIER, Denise R. <b>Bioquímica ilustrada</b> . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.	
RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray Franklin; EICHHORN, Susan E. <b>Biologia vegetal</b> . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.	
SALISBURY, Frank B; ROSS, Cleon W. <b>Fisiologia das plantas</b> . Tradução Eztranslate. Revisão técnica Patricia Lia Santarosa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.	

<b>3º semestre</b>	
<b>Componente Curricular:</b> Experimentação Agrícola	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 3º semestre
<b>Ementa</b>	
Noções de amostragem Delineamentos experimentais inteiramente casualizado; blocos ao acaso; em faixas; fatoriais. Análise complementar de experimentos. Análise de correlação. Análise de regressão. Usos de pacotes estatísticos.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BANZATTO, David Ariovaldo; KRONKA, Sérgio do Nascimento. <b>Experimentação agrícola</b> . 4. ed. Jaboticabal: Funep, 2006.	
MAGALHÃES, Marcos Nascimento; LIMA, Antonio Carlos Pedrosa de. <b>Noções de probabilidade e estatística</b> . 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.	
STORCK, L. et al. <b>Experimentação Vegetal</b> . 3.ed. Santa Maria: UFSM, 2011.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. <b>Curso de estatística</b> . 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.	

IEZZI, Gelson; HAZZAN, Samuel; DEGENSZAJN, David Mauro. <b>Fundamentos de matemática elementar:</b> matemática comercial, matemática financeira, estatística descritiva. São Paulo: Atual, 2011.
MARTINS, Gilberto de Andrade; DOMINGUES, Osmar. <b>Estatística geral e aplicada.</b> 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.
MOORE, David S. <b>A estatística básica e sua prática.</b> 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton de Oliveira. <b>Estatística básica.</b> 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

<b>Componente Curricular:</b> Fundamentos da Ciência do Solo	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 3º semestre
<b>Ementa</b>	
Origem do solo. Formação do solo. Composição do solo: fases líquida, sólida e gasosa. Propriedades físicas, químicas e biológicas do solo. Fatores que afetam o crescimento das plantas. Classificação dos solos.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
KLEIN, Vilson Antonio. <b>Física do solo.</b> 3. ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2014.	
SANTOS, H. G. et al. <b>Sistema brasileiro de classificação de solos.</b> 3. ed. rev. e ampl. Brasília: EMBRAPA, 2013.	
WHITE, Robert E. <b>Princípios e práticas da ciência do solo:</b> o solo como um recurso natural. Tradução Lara Fino Silva. Durval Dourado Neto. 4. ed. São Paulo: Organização Andrei, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
MEURER, Egon José (Ed.). <b>Fundamentos de química do solo.</b> 6. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2015.	
REICHARDT, Klaus; TIMM, Luís Carlos. <b>Solo, planta e atmosfera:</b> conceitos, processos e aplicações. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.	
RESENDE, Mauro et al. <b>Pedologia:</b> base para distinção de ambientes. 6. ed. rev., ampl. Lavras, MG: Ed. UFLA, 2014.	
SANTOS, Humberto Gonçalves dos (Ed.). <b>Sistema brasileiro de classificação de solos.</b> 2. ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2006.	
STRECK, Edemar Valdir et al. <b>Solos do Rio Grande do Sul.</b> 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2018.	

<b>Componente Curricular:</b> Máquinas Agrícolas	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 3º semestre
<b>Ementa</b>	
Tratores Agrícolas. Máquinas de preparo do solo: especificações; regulagens e operação. Máquinas de implantação de culturas: especificações, regulagens e operação. Máquinas para condução de culturas: especificações; regulagens e operação. Máquinas e técnicas de colheita e pós-colheita: especificações; regulagens e operação. Máquinas e Equipamentos para aplicação de produtos químicos: especificações; regulagens e operação. Normas de Segurança.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
MIALHE, Luiz Geraldo. <b>Máquinas agrícolas para o plantio.</b> Campinas: Millennium, 2012.	
SILVEIRA Gastão Moraes da. <b>Máquinas para colheita e transporte.</b> Viçosa: Aprenda fácil, 2001.	
SILVEIRA Gastão Moraes da. <b>Máquinas para plantio e condução das culturas.</b> Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. <b>Breve história da ciência moderna:</b> das máquinas do mundo ao universo-máquina. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.	
ORTIZ-CANAVATE, Jaime. <b>Las máquinas agrícolas y su aplicación.</b> 6. ed. rev. y ampl. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2003.	
RIPOLI, Tomaz Caetano Cannavam; RIPOLI, Marco Lorenzo Cunali; MOLINA JÚNIOR, Walter Francisco. <b>Manual prático do agricultor:</b> máquinas agrícolas. Piracicaba: Degaspari, 2005.	
RIPOLI, Tomaz Caetano Cannavam; RIPOLI, Marco Lorenzo Cunali; MOLINA JÚNIOR, Walter Francisco. <b>Máquinas</b>	

**agrícolas:** noções básicas. Piracicaba, SP: Degaspari, 2010.  
SILVEIRA, Gastão Moraes da. **Os cuidados com o trator.** Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.

**Componente Curricular:** Hidráulica Agrícola

**Carga Horária:** 36 horas

**Período Letivo:** 3º semestre

**Ementa**

Mecanismos de hidrostática e hidrodinâmica. Escoamento em condutos forçados. Escoamento em Condutos Livres. Bombas hidráulicas. Golpe de Ariete. Instalações de Recalque. Perda de Carga. Estruturas Hidráulicas de Condução e Reservação. Medidores de Velocidade e Vazão.

**Bibliografia Básica**

AZEVEDO NETTO, Jose Martiniano de; FERNANDEZ, Miguel Fernandez y; ARAUJO, Roberto de; ITO, Acacio Eiji. **Manual de hidráulica.** São Paulo: E. Blücher, 1998.

BERNARDO, Salassier; SOARES, Antonio Alves; MANTOVANI, Everardo Chartuni. **Manual de irrigação.** 8. ed. atual. e ampl. Viçosa: UFV, 2006.

PINTO, Nelson L. de Sousa et al. **Hidrologia básica.** São Paulo: E. Blücher, 1976.

**Bibliografia Complementar**

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil.** Brasília: ANA, 2010.

MANTOVANI, Everardo Chartuni; BERNARDO, Salassier; PALARETTI, Luiz Fabiano. **Irrigação: princípios e métodos.** 3. ed. atual. Viçosa: UFV, 2009.

PRUSKI, F. F.; BRANDÃO, V. S.; SILVA, D. D. **Escoamento superficial.** 2. ed. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2004.

REICHARDT, Klaus; TIMM, Luís Carlos. **Solo, planta e atmosfera: conceitos, processos e aplicações.** 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

SANTOS, Zuleica Souza dos. **Bacia Hidrográfica do Rio Ijuí: construções e aprendizagens.** Santo Ângelo: FURI, 2011.

**Componente Curricular:** Manejo Integrado de Pragas

**Carga Horária:** 72 horas

**Período Letivo:** 3º semestre

**Ementa**

Morfologia e fisiologia dos insetos. Reprodução, desenvolvimento e características das principais ordens e famílias de insetos de interesse agrícola. Coleta, montagem e conservação de coleção de insetos. Principais gêneros de ácaros. Identificação e sintomas de ataque. Medidas de controle. Principais produtos fitossanitários para o controle de pragas.

**Bibliografia Básica**

ANDREI, E. (Coord.). **Compêndio de defensivos agrícolas: guia prático de produtos fitossanitários para uso agrícola.** 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Andrei, 2013.

GULLAN, P. J.; CRANSTON, P. S. **Insetos: Fundamentos da Entomologia.** São Paulo: Roca, 2017.

LARA, Fernando Mesquita. **Princípios de entomologia.** 3. ed. São Paulo: Ícone, 1992.

**Bibliografia Complementar**

BUZZI, J. Z. **Entomologia Didática.** 6.ed. Curitiba: UFPR, 2013.

GARCIA, F. R. M. **Zoologia agrícola: manejo ecológico de pragas.** 4. ed. ampl. Porto Alegre: Rígel, 2014

NAKANO, Octavio. **Armadilhas para insetos: pragas agrícolas e domésticas.** 2.ed. Piracicaba: FEALQ, 2010.

RAFAEL, J. A. (Ed.) et al. **Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia.** Ribeirão Preto: Holos, 2012.

TRIPLEHORN, C. A.; JOHNSON, N. F. **Estudo dos insetos.** 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

<b>Componente Curricular:</b> Climatologia Agrícola	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 3º semestre
<b>Ementa</b>	
Introdução à Climatologia Agrícola. Relações terra-sol e suas influências sobre os vegetais e animais. Estações meteorológicas: principais instrumentos e medições realizadas. Elementos do clima de importância agropecuária: radiação solar, temperatura, vento, umidade do ar, precipitação, evapotranspiração e geada. Classificações climáticas.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BERGAMASCHI, H.; BERGONCI, J. I. <b>As plantas e o clima:</b> princípios e aplicações. Guaíba: Agrolivros, 2017.	
MENDONÇA, Francisco; DANNI-OLIVEIRA, Inês Moresco. <b>Climatologia:</b> noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de textos, 2009.	
ZAVATINI, João Afonso. <b>Estudos do clima no Brasil.</b> Campinas: Alínea, 2004.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
AYOADE, J. O. <b>Introdução à climatologia para os trópicos.</b> Tradução de Maria Juraci Zani dos Santos. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.	
CARLESSO, Reimar. <b>Usos e benefícios da coleta automática de dados meteorológicos na agricultura.</b> Santa Maria: UFSM, 2007.	
MONTEIRO, J. E. B. A. (Org.) <b>Agrometeorologia dos Cultivos:</b> o fator meteorológico na produção agrícola. Brasília: INMET, 2009. Disponível em: < <a href="http://www.inmet.gov.br/portal/css/content/home/publicacoes/agrometeorologia_dos_cultivos.pdf">www.inmet.gov.br/portal/css/content/home/publicacoes/agrometeorologia_dos_cultivos.pdf</a> >	
STEINKE, Ercílio Torres. <b>Climatologia fácil.</b> São Paulo: Oficina de Textos, 2012.	
TUBELIS, Antônio. <b>Conhecimentos práticos sobre clima e irrigação.</b> Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.	

<b>4º semestre</b>	
<b>Componente Curricular:</b> Análise de Sementes	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Amostragem. Análise de pureza. Exame de sementes silvestres nocivas. Teste de germinação. Determinação do teor de umidade. Teste de tetrazólio. Testes de vigor. Determinações adicionais e outros testes.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
FERREIRA, Alfredo Gui; BORGHETTI, Fabian (Org.). <b>Germinação: do básico ao aplicado.</b> Porto Alegre: Artmed, 2004.	
KRZYZANOWISK, F. C.; VIEIRA, R. D.; FRANÇA NETO, J. B. <b>Vigor de Sementes:</b> conceitos e testes. Londrina: ABRATES, 1999.	
MARCOS FILHO, Júlio. <b>Fisiologia de sementes de plantas cultivadas.</b> Piracicaba: FEALQ, 2005.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. <b>Regras de Análise de Sementes.</b> Brasília: MAPA/ACS, 2009. Disponível em: < <a href="http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos_publicacoes_insumos_pdf">http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos_publicacoes_insumos_pdf</a> >	
ESAU, K.. <b>Anatomia das plantas com sementes.</b> São Paulo: E. Blücher, 1974.	
LUDWIG, M. P. <b>Fundamentos da produção de sementes em culturas produtoras de grãos.</b> Ibirubá, RS: IFRS, 2016.	
RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray Franklin; EICHHORN, Susan E. <b>Biologia vegetal.</b> 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.	
TAIZ, Lincoln; ZEIGER, Eduardo; OLIVEIRA, Paulo Luiz de. <b>Fisiologia vegetal.</b> 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.	

<b>Componente Curricular:</b> Melhoramento Genético de Plantas	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Evolução e reprodução de plantas cultivadas. Caracteres quantitativos e qualitativos. Bases genéticas das características e sistemas de condução de plantas autógamas e alógamas. Híbridos e variedades. Poliploidia. Genética da resistência a pragas e moléstias.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BORÉM, Aluizio; MIRANDA, G. V. Melhoramento de plantas. 6. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2013.	
BORÉM, Aluizio; FRITSCHÉ-NETO, Roberto. <b>Biotechnologia aplicada ao melhoramento de plantas</b> . Viçosa: Suprema, 2013.	
BUENO, L. C. S.; MENDES, A. N. G.; CARVALHO, S. P. <b>Melhoramento Genético de Plantas</b> . 2.ed. Lavras: UFLA, 2006.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BORÉM, A.; MIRANDA, G. V. <b>Melhoramento de plantas</b> . 7. ed. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2017.	
BURNS, George; BOTTINO, Paul. <b>Genética</b> . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.	
GRIFFITHS, Anthony; WESSLER, Susan; LEWONTIN, Richard; CAROLL, Sean. <b>Introdução à genética</b> . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.	
SILVA, F. (Ed.) et al. <b>Melhoramento da soja</b> . Viçosa: UFV, 2017.	
VERNETTI, F. J.; VERNETTI JUNIOR, F. J. <b>Genética da soja</b> : caracteres qualitativos e diversidade genética. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2009.	

<b>Componente Curricular:</b> Irrigação e Drenagem	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Importância da irrigação e drenagem para a agricultura. Principais características da agricultura irrigada. Relação água-solo-planta-atmosfera. Formas de manejo da irrigação. Métodos de irrigação. Seleção e Manutenção de Sistemas de Irrigação. Metodologia de Elaboração de Projetos de Irrigação. Avaliação e Qualidade de Sistemas de Irrigação. Drenagem Superficial e Subterrânea.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
AZEVEDO NETTO, Jose Martiniano de; FERNANDEZ, Miguel Fernandez y; ARAUJO, Roberto de; ITO, Acácio Eiji. <b>Manual de hidráulica</b> . 8. ed Sao Paulo: E. Blücher, 1998.	
BERNARDO, Salassier; SOARES, Antônio Alves; MANTOVANI, Everardo Chartuni. <b>Manual de irrigação</b> . 8. ed. atual. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2006.	
MANTOVANI, Everardo Chartuni; BERNARDO, Salassier; PALARETTI, Luiz Fabiano. <b>Irrigação</b> : princípios e métodos. 3. ed.atual. Viçosa: Ed. UFV, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
AGUIAR NETTO, A. O. (Ed.). <b>Princípios agrônômicos da irrigação</b> . Brasília: Embrapa, 2013.	
CARLESSO, Reimar [et al]. <b>Irrigação por aspersão no Rio Grande do Sul</b> . Santa Maria: UFSM, 2001.	
FRONZA, Diniz; SCHONS, Ricardo Luis. <b>Fundamentos de irrigação e drenagem</b> : usos em grandes culturas e horticultura (olericultura, fruticultura, floricultura). Santa Maria: [s.l.], [19--].	
PINTO, Nelson L. de Sousa et al. <b>Hidrologia básica</b> . São Paulo: E. Blücher, 1976.	
TUBELIS, Antônio. <b>Conhecimentos práticos sobre clima e irrigação</b> . Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.	

<b>Componente Curricular:</b> Fertilidade do Solo	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Introdução à fertilidade do solo. Bases da nutrição de plantas. Comportamento de macronutrientes e micronutri-	

entes no solo e na planta. Avaliação da fertilidade do solo. Métodos de adubação e de calagem do solo. Fertilizantes minerais e orgânicos. Adubação verde.
<b>Bibliografia Básica</b>
MEURER, E. J. (ed.) <b>Fundamentos da Química do Solo</b> 6.ed. Porto Alegre: Evangraf, 2015. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO SOLO – NÚCLEO REGIONAL SUL. Manual de Adubação e Calagem para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. 2.ed. Comissão de Química e Fertilidade do Solo RS/SC, 2016. TROEH, Frederick; THOMPSON, Louis. <b>Solos e fertilidade do solo</b> . 6. ed. São Paulo: Organização Andrei, 2007.
<b>Bibliografia Complementar</b>
FERREIRA, Manoel Evaristo (et al.). <b>Micronutrientes e elementos tóxicos na agricultura</b> . Jaboticabal: CNPq/FAPESP/POTAFOS, 2001. INTERNATIONAL PLANT NUTRITION INSTITUTE. <b>Manual Internacional de Fertilidade do Solo</b> . 2.ed. Piracicaba: POTAFOS, 1998. Disponível em: < <a href="http://brasil.ipni.net/ipniweb/region/brasil.nsf/0/40A703B979D0330383257FA80066C007/\$FILE/Manual%20Internacional%20de%20Fertilidade%20do%20Solo.pdf">http://brasil.ipni.net/ipniweb/region/brasil.nsf/0/40A703B979D0330383257FA80066C007/\$FILE/Manual%20Internacional%20de%20Fertilidade%20do%20Solo.pdf</a> > RAIJ, Bernardo Van. <b>Fertilidade do solo e manejo de nutrientes</b> . Piracicaba: International Plant Nutrition Institute, 2011. REICHARDT, K.; TIMM, L. C. <b>Solo Planta e Atmosfera: conceitos, processos e aplicações</b> . 2.ed. Barueri: Manole, 2012. STRECK, Edemar Valdir et al. <b>Solos do Rio Grande do Sul</b> . 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2018.

<b>Componente Curricular:</b> Manejo Integrado de Plantas Invasoras	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Fundamentos de plantas daninhas. Identificação de espécies de plantas daninhas. Manejo de plantas daninhas em culturas anuais e perenes. Principais estratégias de manejo de plantas daninhas. Modo de ação de herbicidas e principais no controle de plantas invasoras.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
DEUBER, Robert. <b>Ciência das plantas daninhas: fundamentos</b> . 2. ed. Jaboticabal: Funep, 2006 v.1. LORENZI, H. <b>Manual de Identificação e Controle de Plantas Daninhas: plantio direto e convencional</b> . Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2014. RODRIGUES, B. N.; ALMEIDA, F. S. <b>Guia de Herbicidas</b> . 7.ed. Londrina: Midiograf, 2018.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
ANDREI (Ed.) <b>Compêndio de Defensivos Agrícolas: guia prático de produtos fitossanitários para uso agrícola</b> . 10.ed. São Paulo: ANDREI, 2013. BALDIN, E. L. L. et al. <b>Tópicos Especiais em Proteção de Plantas</b> . Botucatu: FEPAF, 2013. LORENZI, Harri. <b>Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional</b> . 6. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006. LORENZI, Harri. <b>Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas</b> . 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008. SILVA, Antonio Alberto da; SILVA, José Francisco da (Ed.). <b>Tópicos em manejo de plantas daninhas</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2007.	

<b>Componente Curricular:</b> Tecnologia de Sementes de Essências Florestais	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 4º semestre
<b>Ementa</b>	
Sistema reprodutivo das espécies florestais. Estrutura e desenvolvimento de sementes. Coleta, beneficiamento e armazenamento de sementes florestais. Fisiologia da germinação de sementes florestais. Legislações de sementes.	

<b>Bibliografia Básica</b>
CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. <b>Espécies arbóreas brasileiras</b> . Brasília: Embrapa, 2006.
LORENZI, Harri. <b>Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil</b> . 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2009.
LORENZI, H.. <b>Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil</b> . 7. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2016. v. 1 /LORENZI, H. <b>Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil</b> . 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014. v. 2
<b>Bibliografia Complementar</b>
BORGHETTI, F. (orgs). <b>Germinação do básico ao aplicado</b> . Artmed, Porto Alegre. 2004.
BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. <b>Instruções para Análise de Sementes de Espécies Florestais</b> . Brasília: MAPA/ACS, 2013. Disponível em: <a href="http://www.agricultura.gov.br/assuntos/laboratorios/arquivos-publicacoes-laboratorio/florestal_documento_pdf-ilovepdf-compressed.pdf">http://www.agricultura.gov.br/assuntos/laboratorios/arquivos-publicacoes-laboratorio/florestal_documento_pdf-ilovepdf-compressed.pdf</a>
CARVALHO, Nelson Moreira de; NAKAGAWA, J. <b>Sementes: ciência, tecnologia e produção</b> . FUNEP, 2000.
CASTELLA, P. C. R. (Org.). <b>A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais</b> . Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
OLIVEIRA FILHO, A. T. <b>Catálogo das árvores nativas de Minas Gerais: mapeamento e inventário da flora nativa e dos reflorestamentos de Minas Gerais</b> . Lavras, MG: Ed. UFLA, 2006.

<b>5º semestre</b>	
<b>Componente Curricular:</b> Manejo e Conservação de Solo e da Água	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 5º semestre
<b>Ementa</b>	
Introdução ao uso, manejo e conservação do solo. Erosão do solo: agentes, fases e consequências. Sistemas de preparo do solo. Práticas conservacionistas. Terraceamento. Sistemas de cultivo. Recuperação de áreas degradadas. Classificação técnica interpretativa de solos.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BERTONI, José; LOMBARDI NETO, Francisco. <b>Conservação do solo</b> . 7. ed. São Paulo: Ícone, 2010.	
GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. (Org.). <b>Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações</b> . 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.	
PRUSKI, Fernando Falco. <b>Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica</b> . Viçosa: UFV, 2006.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
PRIMAVESI, Ana. <b>Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais</b> . São Paulo: Nobel, 2002.	
PRUSKI, Fernando Falco; BRANDÃO, Viviane dos Santos; SILVA, Demetrius David da. <b>Escoamento superficial</b> . 2 ed., Viçosa: UFV. 2006.	
SANTOS, Humberto Gonçalves dos (Ed.). <b>Sistema brasileiro de classificação de solos</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2006.	
SILVA, Antonio Soares da; GUERRA, Antônio José Teixeira. <b>Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações</b> . 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.	
TRINDADE, Tiago Pinto da [et. al.]. <b>Compactação dos solos: fundamentos teóricos e práticos</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2011.	

<b>Componente Curricular:</b> Manejo Integrado de Doenças	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 5º semestre
<b>Ementa</b>	
Conceitos básicos em fitopatologia. Desenvolvimento de doenças em plantas. Principais agentes causadores de doenças em plantas e suas estruturas. Sintomatologia, disseminação e práticas de controle de doenças de plantas.	

Manejo integrado de doenças em culturas agrícolas. Principais produtos fitossanitários usados no controle de doenças
<b>Bibliografia Básica</b>
ALFENAS, A. C.; MAFIA, R. G. (Eds.) <b>Métodos em Fitopatologia</b> . Viçosa: UFV, 2016. ANDREI, E. (Coord.). <b>Compêndio de defensivos agrícolas</b> : guia prático de produtos fitossanitários para uso agrícola. 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Andrei, 2013. KIMATI, Hiroshi. <b>Manual de fitopatologia</b> : doenças de plantas cultivadas. 4.ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 2005.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BALDIN, E. L. L. <b>Tópicos especiais em proteção de plantas</b> . Botucatu: FEPAF, 2013. FERRAZ, Silamar; FREITAS, Leandro Grassi de; LOPES, Everaldo Antônio; DIAS-ARIEIRA, Cláudia. <b>Manejo sustentável de fitonematoides</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2010. ROMEIRO, R. S. <b>Controle Biológico de Doenças de Plantas</b> : procedimentos. Viçosa: UFV, 2007. SANHUEZA, R. M. V.; MELO, I. S. <b>Métodos utilizados no biocontrole de fitopatógenos</b> . Bento Gonçalves: Embrapa, 2007. ZAMBOLIM, Laércio; VENÂNCIO, Wilson Story; OLIVEIRA, Sylvania Helena Furlan de. <b>Manejo da resistência de fungos a fungicidas</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2007.

<b>Componente Curricular:</b> Produção de Grãos e Sementes I	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 5º semestre
<b>Ementa</b>	
Espécies anuais de inverno: Origem; Morfologia e estádios de desenvolvimento; Clima e zoneamento agroclimático; Cultivares; Manejo fitossanitário das culturas; Planejamento e execução da colheita e pós-colheita. Produção de sementes: Técnicas e cuidados para a produção de sementes. Descontaminação. Misturas varietais. Inspeção de campos para a produção de sementes. Tipos de contaminantes.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BORÉM, A.; SCHEREEN, P. L. <b>Trigo: do plantio à colheita</b> . Viçosa: UFV, 2015. GUTKOSKI, Luiz Carlos. <b>Trigo</b> : segregação, tipificação e controle de qualidade. Passo Fundo: Passografic, 2011. LORINI, I. <b>Manejo integrado de pragas de grãos de cereais armazenados</b> . 2. ed. Passo Fundo: Embrapa Trigo, 2008.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Guia de Inspeção de Campos para Produção de Sementes. Brasília: MAPA/ACS, 2011. Disponível em: < <a href="http://www.agricultura.gov.br/assunto/insumos_agropecuários/arquivos-publicações-insumos-insumos/3494_guiadeinspecao_sementes.pdf">www.agricultura.gov.br/assunto/insumos agropecuários/arquivos-publicações-insumos-insumos/3494_guiadeinspecao_sementes.pdf</a> > LUDWIG, M. P. <b>Fundamentos da produção de sementes em culturas produtoras de grãos</b> . Ibirubá, RS: IFRS, 2016. SILVA, Antônio Alberto; SILVA, José Francisco da. <b>Tópicos em manejo de plantas daninhas</b> . Viçosa. Ed. UFV, 2007. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO SOLO – NÚCLEO REGIONAL SUL. <b>Manual de Adubação e Calagem para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina</b> . 2.ed. Comissão de Química e Fertilidade do Solo RS/SC, 2016. ZYLBERSZTAJN, Decio; NEVES, Marcos Fava; ROSSI, Ricardo Messias. <b>Estratégias para o trigo no Brasil</b> . São Paulo: Atlas, 2004.	

<b>Componente Curricular:</b> Geoprocessamento e Agricultura de Precisão	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 5º semestre
<b>Ementa</b>	
Sistema de Posicionamento Global aplicado à Agricultura de Precisão. A estatística da Agricultura de Precisão. Softwares de Agricultura de Precisão. Amostragem e coleta na Agricultura de Precisão. Produção de mapas de colheita e aplicação. Sensores aplicados a Agricultura de Precisão. Máquinas agrícolas e sistemas de dirigibilidade automa-	

tizados.
<b>Bibliografia Básica</b>
FITZ, Paulo Roberto. <b>Cartografia básica</b> . São Paulo: Oficina de textos. 2012. MOLIN, J. P.; AMARAL, L. R.; Colaço, A. F. <b>Agricultura de Precisão</b> . São Paulo: Oficina de Textos, 2015. SANTI, A. L.; SEBEM, E.; GIOTTO, E.; AMADO, T. J.C. <b>Agricultura de Precisão no Rio Grande do Sul</b> . Santa Maria: CESPOL, 2016.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. <b>Agricultura de Precisão</b> . Brasília: MAPA/ACS, 2009. Disponível em: < <a href="http://www.agricultura.gov.br/assunto/insumos-agropecuários/arquivos-publicações-insumos/agric._precisao.pdf">www.agricultura.gov.br/assunto/insumos-agropecuários/arquivos-publicações-insumos/agric._precisao.pdf</a> > FLORENZANO, Teresa Gallotti. <b>Iniciação em sensoriamento remoto</b> . 3.ed. ampl. e atual. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. LANG, Stefan; BLASCHKE, Thomas. <b>Análise da paisagem com SIG</b> . Tradução Hermann Kux. São Paulo: Oficina de Textos, 2009. MIRANDA, J. I. <b>Fundamentos de Sistemas de Informações Geográficas</b> . 2.ed. ver. E atial. Brasília: Embrapa, 2010. NOVO, Evelyn M. L. de Moraes. <b>Sensoriamento remoto: princípios e aplicações</b> . 4.ed. São Paulo: Blucher, 2012.

<b>Componente Curricular:</b> Secagem e Armazenamento de Grãos e Sementes	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 5º semestre
<b>Ementa</b>	
Processos termodinâmicos e fluídos aplicados à secagem e armazenamento de grãos. Princípios básicos de psicrometria e higroscopia. Indicadores de qualidade dos grãos. Secagem e secadores. Estrutura para armazenagem de grãos. Aeração de grãos armazenados. Controle de qualidade na secagem e armazenamento de grãos e sementes	
<b>Bibliografia Básica</b>	
LORINI, I. et al. (ed) <b>Armazenagem de Grãos</b> . Jundiaí: Instituto Bio Geneziz, 2018. LORINI, I. et al. <b>Manejo Integrado de Pragas em Grãos e Sementes Armazenados</b> . Brasília: Embrapa, 2015. WEBER, Érico Aquino. <b>Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos</b> . Canoas: Salles, 2005.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CORRÊA, Henrique L.; CORRÊA, Carlos A. <b>Administração de produção e operações: manufatura e serviços: uma abordagem estratégica</b> . 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007. DIAS, Marco Aurélio. <b>Logística, transporte, infraestrutura: armazenagem, operador logístico, gestão via TI, multimodal</b> . São Paulo: Atlas, 2012. INSTITUTO RIO-GRANDENSE DO ARROZ. <b>Silos modulados IRGA: manual de construção</b> . Cachoeirinha: IRGA, 2013. ROSSI, S. J; ROA, G. <b>Secagem e armazenamento de produtos agropecuários com uso de energia solar e ar natural</b> . São Paulo: Aciesp, 1980. SCUSSEL, V. M.; ROCHA, M. W.; LORINI, I.; SABINO, M.; ROSA, C. A. R.; CARVAJAL, M. M. (Ed.). <b>Atualidades em micotoxinas e armazenagem de grãos</b> . Florianópolis: Imprensa Universitária, 2008.	

<b>6º semestre</b>	
<b>Componente Curricular:</b> Beneficiamento de Grãos e Sementes	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Etapas do beneficiamento de grãos e sementes. Controle de qualidade dos grãos e sementes em cada etapa. Equipamentos utilizados para o beneficiamento de grãos e sementes. Regulagem e operação dos equipamentos utilizados para o beneficiamento de grãos e sementes.	
<b>Bibliografia Básica</b>	

DIAS, Marco Aurélio. <b>Logística, transporte, infraestrutura:</b> armazenagem, operador logístico, gestão via TI, multimodal. São Paulo: Atlas, 2012.
MILMAN, Mário José. <b>Equipamentos para pré-processamentos de grãos.</b> Pelotas: Ed. UFPel, 2002.
WEBER, E. A. <b>Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos.</b> (2005).
<b>Bibliografia Complementar</b>
CARVALHO, Nelson Moreira de. <b>A secagem de sementes.</b> 2°. ed Jaboticabal: Funep, 2005.
LOECK, Alci Enimar. <b>Pragas de produtos armazenados.</b> Pelotas: EGUFPEl, 2002.
LORINI, Irineu et al. <b>Manejo integrado de pragas de grãos e sementes armazenadas.</b> Brasília: Embrapa Soja, 2015.
SILVA, Juarez de Sousa e; BERBERT, Pedro Amorim. <b>Colheita, secagem e armazenamento de café.</b> Viçosa: Aprenda Fácil, 1999.
WEBER, Érico Aquino. <b>Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos.</b> Canoas: Salles, 2005.

<b>Componente Curricular:</b> Comercialização e Marketing	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Administração de Marketing. Componentes do plano de marketing. Análise do Consumidor. Segmentos de Mercado. Posicionamento de Produtos. Estratégia de Preços e Produtos. Desenvolvimento de Mercado e Expansão de Demanda. Compreensão da cadeia de valor mental na direção de Marketing. Interpretação dos papéis dos consumidores e processadores	
<b>Bibliografia Básica</b>	
KOTLER, P.; KELLER, K.L. <b>Administração de Marketing.</b> 14.ed. São Paulo: Pearson, 2012..	
MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. <b>Teoria geral da administração:</b> da revolução urbana à revolução digital. 6. ed. rev. atual. São Paulo: Atlas, 2011.	
PORTER, Michael E. <b>Vantagem competitiva:</b> criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
CHURCHILL, Gilbert A.; PETER, J. Paul. <b>Marketing:</b> criando valor para os clientes. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.	
DIAS, Sérgio Roberto (Coord.). <b>Gestão de marketing.</b> 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.	
HOYLE JUNIOR, L. H. <b>Marketing de Eventos:</b> como promover com sucesso, eventos, festivais, convenções e exposições. São Paulo: Atlas, 2013.	
KERIN, R. A. et al. <b>Marketing.</b> 8.ed. São Paulo: MC.Graw-Hill, 2008.	
KOTLER, P.; KELLER, K.L. <b>Administração de Marketing.</b> 14.ed. São Paulo: Pearson, 2012.	

<b>Componente Curricular:</b> Administração e Gestão	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Administração com ênfase às organizações e à teoria geral. Organizações rurais: área de produção, área de recursos humanos, área de finanças e área de comercialização e marketing. Gestão em agronegócios: origem, impacto, conceitos básicos e cadeias agroindustriais. Análises de administração em empresas agropecuárias.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
ARAÚJO, Massilon. <b>Fundamentos de agronegócios.</b> 3. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Atlas, 2010.	
KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. <b>Administração de marketing.</b> 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.	
SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. <b>Administração de custos na agropecuária.</b> 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009..	
<b>Bibliografia Complementar</b>	

<p>CHIAVENATO, Idalberto. <b>Administração de Recursos Humanos: fundamentos básicos</b>. 7.ed. Barueri: Manole, 2009.</p> <p>DOLABELA, F. O Segredo de Luíza: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios... Rio de Janeiro: Sextante, 2008.</p> <p>MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. <b>Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital</b>. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.</p> <p>TIGRE, P. B. <b>Gestão da Inovação: a economia da tecnologia no Brasil</b>. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.</p> <p>VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. <b>Economia: micro e macro</b>. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.</p>
--

<b>Componente Curricular:</b> Produção de Grãos e Sementes II	
<b>Carga Horária:</b> 72 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Espécies anuais de verão: Origem; Morfologia; Estádios de desenvolvimento; Clima e zoneamento agroclimático; Cultivares; Manejo fitossanitário das culturas; Planejamento e execução da colheita e pós-colheita. Produção de sementes: Técnicas e cuidados para a produção de sementes. Descontaminação: Misturas varietais; Inspeção de campos para a produção de sementes. Tipos de contaminantes	
<b>Bibliografia Básica</b>	
<p>BORÉN, A.; NAKANO, P. H. (Ed.). <b>Arroz: do plantio à colheita</b>. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2015.</p> <p>GALVÃO, João Carlos Cardoso; MIRANDA, Glauco Vieira. <b>Tecnologias de produção do milho</b>. Viçosa. Ed. UFV, 20012.</p> <p>SEDYAMA, T.; SILVA, F.; BORÉM, A. <b>Soja: do plantio à colheita</b>. Viçosa: UFV, 2015.</p>	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
<p>CRUZ, J. C.; KARAM, D.; MONTEIRO, M. A. R.; MAGALHÃES, P. C. (Ed.). <b>A cultura do milho</b>. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2008.</p> <p>EMYGDIO, B. M.; ROSA, A. P. S. A.; OLIVEIRA, A. C. B. <b>Cultivo de soja e Milho em Terras Baixas do Rio Grande do Sul</b>. Brasília: Embrapa, 2017.</p> <p>MUNDSTOCK, C. M. <b>Manual de boas práticas agrícolas: guia para a sustentabilidade da lavoura de arroz irrigado do Rio Grande do Sul</b>. Cachoeirinha: IRGA, 2011.</p> <p>VERNETTI, Francisco de Jesus; VERNETTI JUNIOR, Francisco de Jesus. <b>Genética da soja Caracteres qualitativos e diversidade genética</b>. Pelotas. Ed. EMBRAPA, 2009.</p> <p>ZANON, A. J. et al. (Orgs.) <b>Ecofisiologia da Soja: visando altas produtividades</b>. Santa Maria: Pallotti, 2018.</p>	

<b>Componente Curricular:</b> Saúde e Segurança do Trabalho	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Legislação. Funcionamento de máquinas e equipamentos. Causas dos acidentes. Técnicas de como trabalhar com segurança. Tratamento interpessoal. Capacitação de pessoal. Primeiros socorros. Prevenção e combate a incêndios.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
<p>BARBOSA FILHO, A. N. <b>Segurança do trabalho &amp; gestão ambiental</b>. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.</p> <p>COUTO, Hudson de Araújo. <b>Comportamento seguro: 70 lições para o supervisor de primeira linha: (desenvolvimento o facilitador na prevenção de acidentes do trabalho e no gerenciamento correto de sua área de trabalho)</b>. Belo Horizonte: Ergo, 2009.</p> <p>MORAES, Giovanni. <b>Legislação de Segurança e Saúde no Trabalho: Normas Regulamentadoras do Ministério do Trabalho e Emprego</b>. 8. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: GVC, 2011.</p>	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
BARBOSA FILHO, A. N. <b>Segurança no Trabalho e Gestão Ambiental</b> . 4.ed. São Paulo: Atlas, 2011.	

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Normas Regulamentadoras, NR6, NR31, NR33 e NR35.** Disponível em: [www.mte.gov.br/seguranca-e-saude-no-trabalho/normatizacao/normas-regulamentadoras](http://www.mte.gov.br/seguranca-e-saude-no-trabalho/normatizacao/normas-regulamentadoras)

DUARTE FILHO, Edgard. **Programa cinco minutos diários de segurança, saúde ocupacional e meio ambiente.** Belo Horizonte: Ergo, 2007.

DUL, J.; WEERDMEESTER, B. **Ergonomia Prática.** 3.ed. São Paulo: Blücher, 2012.

SCHMID, D. (Coord.) **Gestão da Qualidade: segurança do trabalho e gestão ambiental.** São Paulo: Blücher, 2009.

<b>Componente Curricular:</b> Extensão Rural	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Desenvolvimento rural sustentável. Diagnóstico de sistemas agrários. Meios e métodos de extensão rural: propostas tradicionais e inovadoras de extensão rural. Formas e princípios cooperativos de extensão rural.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
DIMENSTEIN, Gilberto; RODRIGUES, Marta M. Assumpcao; GIANANTI, Alvaro Cesar. <b>Dez lições de sociologia para um Brasil cidadão.</b> São Paulo: FTD, 2008.	
LIMA, F. S. <b>Extensão rural ou extensão global?</b> um paradigma em transição : os reflexos da globalização sobre o futuro da agricultura e do serviço de extensão rural no Brasil. Santa Maria, RS: Pallotti, 2010.	
SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). <b>Diversidade, espaço e relações étnico-raciais:</b> o negro na geografia do Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
ADLER, Ronald B.; RODMAN, George. <b>Comunicação humana.</b> 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.	
ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete. <b>Por uma educação do campo.</b> 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.	
CHINOY, Ely. <b>Sociedade:</b> uma introdução à sociologia. 20.Ed. São Paulo: Cultrix, 2010.	
FREIRE, Paulo. <b>Extensão ou comunicação?.</b> 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.	
WEISSBACH, P. R. M.. <b>Turismo no espaço rural:</b> ensaio de uma tipologia e outros conceitos. Curitiba: CRV, 2011.	

<b>Componente Curricular:</b> Produção de Sementes Forrageiras	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Produção de pastagens: principais espécies forrageiras cultivadas, manejo de cultivo e utilização. Aspectos de integração lavoura-pecuária. Produção de sementes de espécies forrageiras: normas de produção para sementes forrageiras, condições climáticas para a produção de sementes, estabelecimento e manejo de campos de produção, maturação e ponto de colheita. Métodos de colheita. Processamento pós-colheita.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
FONSECA, Dilermando Miranda da (Ed.). <b>Plantas forrageiras.</b> Viçosa: Ed. UFV, 2010.	
MARCOS FILHO, Júlio. <b>Fisiologia de sementes de plantas cultivadas.</b> Piracicaba: FEALQ, 2005.	
SILVA, Sila Carneiro da; NASCIMENTO JUNIOR, Domício do; EUCLIDES, Valéria Pacheco Batista. <b>Pastagens: conceitos básicos, produção e manejo.</b> Viçosa: Suprema, 2008.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
ALCÂNTARA, Paulo Bardauil; BUFARAHA, Gilberto. <b>Plantas forrageiras:</b> gramíneas & leguminosas. São Paulo: Nobel, 2009.	
DA SILVA, J. C. P. M. (Ed.) <b>Integração lavoura Pecuária na Formação e Recuperação de Pastagens.</b> Viçosa: Aprenda Fácil, 2011.	
DIAS-FILHO, Moacyr Bernardino. <b>Degradação de pastagens:</b> processos, causas e estratégias de recuperação. 3. ed. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2007.	

SOUZA, Francisco H. Dübbern de. **Produção de sementes de gramíneas forrageiras tropicais**. São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2001.

SOUZA, Francisco H. Dübbern de [et al.]. **Usos alternativos da palhada residual da produção de sementes para pastagens**. São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2006.

<b>Componente Curricular:</b> Tecnologia de Sementes de Hortaliças e Flores	
<b>Carga Horária:</b> 36 horas	<b>Período Letivo:</b> 6º semestre
<b>Ementa</b>	
Sistemas de produção de sementes de hortaliças e ornamentais. Aspectos básicos de morfologia e fisiologia das sementes de hortaliças e ornamentais. Manejo para a produção de sementes de alta qualidade. Maturação e colheita de sementes. Secagem, armazenamento de sementes ornamentais.	
<b>Bibliografia Básica</b>	
BARBOSA, José Geraldo; LOPES, Luiz Carlos (Ed.). <b>Propagação de plantas ornamentais</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2007.	
FIGUEIRA, Fernando Antonio Reis. <b>Novo manual de olericultura</b> : agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. 3. ed. rev. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2008.	
NASCIMENTO, Warley Marcos (ed.). <b>Tecnologia de sementes de hortaliças</b> . Brasília: Embrapa Hortaliças, 2009.	
<b>Bibliografia Complementar</b>	
ALMEIDA, Domingos. <b>Manual de culturas hortícolas</b> . Lisboa: Presença, 2006 (v.1, v.2).	
BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Manual de Hortaliças Não Convencionais. Brasília: MAPA/ACS, 2010. Disponível em: < <a href="http://www.abcsem.com.br/docs/manual_hortaliças_web.pdf">http://www.abcsem.com.br/docs/manual_hortaliças_web.pdf</a> >.	
LORENZI, Harri. <b>Plantas para jardim no Brasil</b> : herbáceas, arbustivas e trepadeiras. 2. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2015.	
SOUZA, J. L.; RESENDE, P. <b>Manual de horticultura orgânica</b> . 3. ed. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2014.	
STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. (Eds.) <b>Cores e Formas no Bioma Pampa</b> : plantas ornamentais nativas. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. Disponível em: < <a href="http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160607121021rsbiodiversidade_livro_ornamentais.pdf">http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160607121021rsbiodiversidade_livro_ornamentais.pdf</a> >	

#### 4.13.2. Componentes curriculares eletivos

<b>Componentes curriculares eletivos</b>
<b>Componente Curricular:</b> Classificação de Grãos e Sementes
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Fundamentos para a conservação dos grãos das sementes. Operacionalização da classificação. Aspectos qualitativos da classificação vegetal. Legislação e procedimentos. Prática de classificação: milho, soja, trigo, feijão, arroz e sorgo.
<b>Bibliografia Básica</b>
Associação Brasileira das Indústrias de óleos Vegetais. <b>Manual de Boas Práticas de Classificação de Soja</b> . Brasília: ABIOVE, 2018. Disponível em: < <a href="http://www.abiove.org.br/site/_FILES/_Portugues/08022018-122719-manual_de_boas_praticas_de_classificacao_de_soja_05_02_web_compressed.pdf">http://www.abiove.org.br/site/_FILES/_Portugues/08022018-122719-manual_de_boas_praticas_de_classificacao_de_soja_05_02_web_compressed.pdf</a> >
GALVÃO, João Carlos; MIRANDA, Glauco Vieira (ed.). <b>Tecnologias de produção do milho</b> . Viçosa, MG: UFV, 2004.
LUDWIG, Marcos Paulo. <b>Princípios da pós-colheita de grãos e sementes</b> . Ibirubá, RS: IFRS, 2017.
<b>Bibliografia Complementar</b>
_____. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. <b>Guia de inspeção de campos para produção de sementes</b> . Secretaria de Defesa Agropecuária. 3. ed. revisada e atualizada. Brasília: Mapa/ACS, 2011. Disponível em: <a href="http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/3494_guia_de_inspecao_sementes.pdf">http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/3494_guia_de_inspecao_sementes.pdf</a>

CARVALHO, Nelson Moreira de. **A secagem de sementes**. 2ed. Jaboticabal: Funep, 2005.

ELIAS, Moacir Cardoso; Oliveira, Mauricio de; Vanier, Nathan Levien (ed.). **Qualidade de arroz da pós-colheita ao consumo**. Pelotas: UFPel, 2012.

KRZYZANOWISK, F. C.; VIEIRA, R. D.; FRANÇA NETO, J. B. **Vigor de Sementes: conceitos e testes**. Londrina: ABRATES, 1999.

WEBER, Érico Aquino. **Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos**. Canoas, RS: Salles, 2005.

<b>Componente Curricular:</b> Cultivo em Ambiente Protegido
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Histórico, conceitos e perspectivas do cultivo em ambiente protegido. Caracterização climática e manejo de ambientes protegidos. Tipos de construções e estruturas. Propagação por sementes e produção de mudas. Manejo do solo, adubação, irrigação, fertirrigação, hidroponia, substratos, soluções nutritivas. Uso de ambientes protegidos em melhoramento genético de plantas.
<b>Bibliografia Básica</b>
ANDRIOLO, Jerônimo Luiz. <b>Fisiologia das culturas protegidas</b> . Santa Maria: Ed. UFSM, 1999.
CHAVARRIA, Geraldo; SANTOS, Henrique Pessoa dos (ed.). <b>Fruticultura em ambiente protegido</b> . Brasília: Embrapa, 2012.
FIGUEIRA, Fernando Antonio Reis. <b>Novo manual de olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças</b> . 3. ed. rev. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2008.
<b>Bibliografia Complementar</b>
AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. <b>Agroecologia Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável</b> . Brasília: EMBRAPA, 2005.
DOUGLAS, James Sholto. <b>Hidroponia: cultura sem terra</b> . São Paulo: Nobel, 1987.
FONTES, Paulo Cezar Rezende; ARAUJO, Charles de. <b>Adubação nitrogenada de hortaliças: princípios e práticas com o tomateiro</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2007.
MARTINEZ, Herminia Emilia Prieto; SILVA FILHO, Jaime Barros da. <b>Introdução ao cultivo hidropônico de plantas</b> . 3. ed. rev. Viçosa: Ed. UFV, 2006.
SOUZA, Jacimar Luis de; RESENDE, Patrícia. <b>Manual de horticultura orgânica</b> . 2. ed. atual. e ampl. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006.

<b>Componente Curricular:</b> Estudos Avançados em Solos
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Noções sobre qualidade do solo. Indicadores de qualidade do solo. Relações entre práticas agrícolas e a qualidade do solo. Principais sistemas de manejo e conservação do solo.
<b>Bibliografia Básica</b>
KLEIN, Wilson Antonio. <b>Física do solo</b> . 3. ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2014.
PRUSKI, Fernando Falco (ed.). <b>Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica</b> . 2. ed. Viçosa: UFV, 2009.
WHITE, Robert. <b>Princípios e práticas da ciência do solo: o solo como um recurso natural</b> . Tradução Lara Fino Silva. Durval Dourado Neto. 4. ed. São Paulo: Organização Andrei, 2009.
<b>Bibliografia Complementar</b>
CAPUTO, H. P. <b>Mecânica dos Solos e suas Aplicações: Exercícios e Problemas Resolvidos</b> . 4a ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.
GUERRA, Antônio José Teixeira; SILVA, Antonio Soares da; BOTELHO, Rosângela Garrido Machado (org.). <b>Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações</b> . 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MOLINA JÚNIOR, W. F. **Comportamento Mecânico do Solo em Operações Agrícolas**. Piracicaba: USP, 2017. Disponível em: < <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosusp/catalog/book/124>>.

PINTO, C. S. Curso **Básico de Mecânica dos Solos**. 3a ed. São Paulo: Oficina de textos, 2011.

TRINDADE, Tiago Pinto da [et. al.]. **Compactação dos solos**: fundamentos teóricos e práticos. Viçosa: Ed. UFV, 2011.

<b>Componente Curricular:</b> Gestão de Resíduos
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Conceito de resíduos. Tipos de resíduos, processos de geração e suas características básicas. Gestão de resíduos sólidos: prevenção da poluição. Gerenciamento dos resíduos sólidos: coleta, transporte, acondicionamento, tratamento e disposição final. Compostagem e uso como fertilizante. Tratamento térmico: incineração e autoclaves. Disposição final: lixão, aterro controlado e aterro sanitário. Legislação.
<b>Bibliografia Básica</b>
AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de (Ed.). <b>Agroecologia</b> : princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa Informações Tecnológicas, 2005.
PEREIRA NETO, João Tinôco. <b>Manual de compostagem</b> : processo de baixo custo. Viçosa: Ed. UFV, 2007.
RIBEIRO, D. V.; MORELLI, M. R. <b>Resíduos Sólidos</b> : Problema ou Oportunidade? Rio de Janeiro: Interciência, 2009.
<b>Bibliografia Complementar</b>
ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). <b>Aterros de resíduos não perigosos</b> : critérios para projetos, implantação e operação. Procedimento - NBR 13896. São Paulo: ABNT, 1997.
ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). <b>Resíduos sólidos</b> - classificação - NBR 10004. São Paulo: ABNT, 2004.
ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). <b>Amostragem de Resíduos</b> - procedimento - NBR 10007. São Paulo: ABNT, 2004.
INÁCIO, Caio de Teves; MILLER, Paul Richard Momsem. <b>Compostagem</b> : ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos. Rio de Janeiro: Embrapa, 2009.
PEREIRA NETO, João Tinôco. <b>Gerenciamento do lixo urbano</b> : aspectos técnicos e operacionais. Viçosa: UFV, 2007.

<b>Componente Curricular:</b> Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Representações Históricas, cultura, identidade e comunidade surda. Políticas Públicas e Linguísticas na educação de Surdos. Libras: aspectos gramaticais. Práticas de compreensão e produção de diálogos em Libras.
<b>Bibliografia Básica</b>
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina. <b>Novo deit-libras</b> : dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: baseado em linguística e neurociências cognitivas. São Paulo: Edusp, 2009.
QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. <b>Língua de sinais brasileira</b> : estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. <b>Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez</b> . São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. 1997.
<b>Bibliografia Complementar</b>
ALMEIDA, Elizabeth Oliveira de. <b>Leitura e surdez</b> : um estudo com adultos não oralizados. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2012.
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. <b>Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira I e II</b> . 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SKLIAR, Carlos (org.). <b>Atualidade da educação bilíngue para surdos</b> : processos e projetos pedagógicos. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
SKLIAR, Carlos (org.). <b>Atualidade da educação bilíngue para surdos</b> : interfaces entre pedagogia e linguística. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
SKLIAR, Carlos (org.). <b>A surdez</b> : um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2012.

<b>Componente Curricular:</b> Mecanização Agrícola
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Análise operacional em mecanização agrícola. Análise econômica da mecanização agrícola. Custos de aquisição de máquinas e implementos agrícolas. Custo operacional. Planejamento da mecanização agrícola.
<b>Bibliografia Básica</b>
SILVA, R. C. <b>Máquinas e equipamentos agrícolas</b> . São Paulo: Érica, 2014.
SILVEIRA, Gastão Moraes da. <b>Máquinas para colheita e transporte</b> . Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.
SILVEIRA, Gastão Moraes da. <b>Máquinas para plantio e condução das culturas</b> . Coordenação Editorial Emerson de Assis Vieira. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. <b>Breve história da ciência moderna</b> : das máquinas do mundo ao universo-máquina. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
RIPOLI, Tomaz Caetano Cannavam; RIPOLI, Marco Lorenzo Cunalí; MOLINA JÚNIOR, Walter Francisco. <b>Manual prático do agricultor</b> : máquinas agrícolas. Piracicaba, SP: Degaspari, 2005.
RIPOLI, Tomaz Caetano Cannavam; RIPOLI, Marco Lorenzo Cunalí; MOLINA JÚNIOR, Walter Francisco. <b>Máquinas agrícolas</b> : noções básicas. Piracicaba, SP: Degaspari, 2010.
SILVEIRA, G. M. <b>Máquinas para colheita e transporte</b> . Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.
SILVEIRA, Gastão Moraes da. <b>Os cuidados com o trator</b> . Coordenação Editorial Emerson de Assis Vieira. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

<b>Componente Curricular:</b> Patologia de Sementes
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Qualidade sanitária de sementes. Danos causados por patógenos associados às sementes. Formas de associação de patógenos com sementes. Grupos de patógenos: fungos, bactérias, vírus, nematoides. Transmissão e controle de patógenos veiculados por sementes.
<b>Bibliografia Básica</b>
ALFENAS, A. C.; MAFIA, R. G. (Ed.). Métodos em fitopatologia. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2016.
KIMATI, Hiroshi. <b>Manual de fitopatologia</b> : doenças das plantas cultivadas. 4.ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 2005.
MARCOS FILHO, Julio. <b>Fisiologia de sementes de plantas cultivadas</b> . Piracicaba: FEALQ, 2005.
<b>Bibliografia Complementar</b>
ALFENAS, Acelino Couto; MAFIA, Reginaldo Gonçalves (edit.). <b>Métodos em fitopatologia</b> . Viçosa: UFV, 2007.
BRASIL. Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento. <b>Manual de Análise Sanitária de Sementes</b> . Brasília: MAPA-ACS, 2009. Disponível em: < <a href="http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/sementes-e-mudas/publicacoes-sementes-e-mudas/manual-de-analise-sanitaria-de-sementes">http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/sementes-e-mudas/publicacoes-sementes-e-mudas/manual-de-analise-sanitaria-de-sementes</a> >
LUDWIG, M. P. <b>Princípios da pós-colheita de grãos e sementes</b> . Ibirubá, RS: IFRS, 2017.
SANTIAGO, Débora Cristina; HOMECHIN, Martin. <b>Métodos de detecção e quantificação de nematóides em sementes</b> . Londrina: Mecenias, 2004.
SANTOS, Álvaro Figueredo dos; PARISI, João José Dias; MENTEN, José Otávio Machado (ed.). <b>Patologia de</b>

**sementes florestais.** Colombo: Embrapa Florestas, 2011.

<b>Componente Curricular:</b> Relação Solo-Planta-Atmosfera
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Estudo do solo. Relações hídricas no solo. A água no sistema solo planta. Potenciais hídricos. Transpiração vegetal. Controle da abertura estomática. Evapotranspiração dos vegetais. Sistema solo planta atmosfera. Crescimento e desenvolvimento vegetal.
<b>Bibliografia Básica</b>
KLEIN, V. A. <b>Física do Solo.</b> 3 ed. Passo Fundo: UPF, 2014. REICHARDT, Klaus; TIMM, Luís Carlos. <b>Solo, planta e atmosfera:</b> conceitos, processos e aplicações. 2. ed. Barueri: Manole, 2012. TAIZ, L.; ZEIGER, E. <b>Fisiologia Vegetal.</b> 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
<b>Bibliografia Complementar</b>
BERNARDO, Salassier; SOARES, Antonio Alves; MANTOVANI, Everardo Chartuni. <b>Manual de irrigação.</b> 8. ed. atual. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2006. BRANDÃO, Viviane dos Santos et al. <b>Infiltração da água no solo.</b> 3. ed. atual. e ampl. Viçosa: Ed. UFV, 2006. BRASIL [CÓDIGO DE ÁGUA]. <b>Código de águas:</b> decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934. 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2002. LIBARDI, Paulo Leonel. <b>Dinâmica da água no solo.</b> São Paulo: EDUSP, 2005. TUBELIS, Antônio. <b>Conhecimentos práticos sobre clima e irrigação.</b> Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

<b>Componente Curricular:</b> Seminários
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Formas e técnicas de apresentação de trabalhos. Técnicas de oratória. Práticas de orientação para a apresentação de trabalhos acadêmicos e científicos. Métodos e meios de apresentação de trabalho.
<b>Bibliografia Básica</b>
COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. <b>Metodologia da pesquisa:</b> conceitos e técnicas. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2009. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). <b>Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.</b> 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. GIL, Antonio Carlos. <b>Como elaborar projetos de pesquisa.</b> 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
<b>Bibliografia Complementar</b>
CAMARGO, Thaís Nicoleti de. <b>Redação linha a linha.</b> São Paulo: Publifolha, 2004. LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. <b>A construção do saber:</b> manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. MEDEIROS, João Bosco. <b>Redação científica:</b> a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009. MORIN, Edgar. <b>Saberes globais e saberes locais:</b> o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. RUIZ, João Álvaro. <b>Metodologia científica:</b> guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

<b>Componente Curricular:</b> Tópicos em Agroecologia
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>

<p>Base epistemológica da Agroecologia. Ecossistemas e Agroecossistemas. Manejo sustentável dos agroecossistemas. Interações, diversidade e estabilidade em agroecossistemas. Modelos convencionais de agricultura: princípios, evolução, práticas adotadas, resultados, problemas. Princípios ecológicos na agricultura. Sucessão ecológica. Dinâmica de nutrientes, da água e da energia. Biologia do solo. Biodiversidade. Base ecológica do manejo de pragas, doenças e plantas invasoras. Ciclagem dos nutrientes através da adubação verde e compostagem. Modelos alternativos de agricultura: orgânica, biodinâmica, natural, ecológica e permacultura. Integração de atividades e recursos numa propriedade agrícola.</p>
<p><b>Bibliografia Básica</b></p> <p>AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. <b>Agroecologia Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável</b>. Brasília: EMBRAPA, 2005.</p> <p>GLIESSMAN, Stephen R. <b>Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável</b>. 4.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.</p> <p>PRIMAVESI, Ana. <b>Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais</b>. São Paulo: Nobel, 2002.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar</b></p> <p>ALMEIDA, Domingos. <b>Manual de culturas hortícolas</b>. Lisboa: Presença, 2006.</p> <p>GARCIA, F. R. M.. Zoologia agrícola: manejo ecológico de pragas. 4. ed. ampl. Porto Alegre: Rígel, 2014.</p> <p>PRIMAVESI, Ana. Agricultura <b>Sustentável: Manual do produtor rural</b>. São Paulo: Nobel, 1992.</p> <p>PRUSKI, Fernando Falco (ed.). <b>Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica</b>. 2.ed. atuali. e ampl. Viçosa: UFV, 2010.</p> <p>SAQUET, Adriano Arriel et al. <b>Agricultura ecológica e ensino superior: contribuições ao debate</b>. Francisco Beltrão: Grafitec, 2005.</p>

<p><b>Componente Curricular:</b> Tópicos Especiais em Produção de Grãos</p>
<p><b>Carga Horária:</b> 36 horas</p>
<p><b>Ementa</b></p> <p>Noções sobre os principais entraves à produção de grãos. Produção de grãos e sustentabilidade dos agroecossistemas. Sementes crioulas, híbridas e transgênicas. Noções básicas de produção das principais culturas brasileiras de grãos.</p>
<p><b>Bibliografia Básica</b></p> <p>BORÉM, A. SEDIYAMA, T. SILVA, F. (Ed.). <b>Soja: do plantio à colheita</b>. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2015.</p> <p>EMYGDIO, B.M.; ROSA, A. P. S. A.; OLIVEIRA, A. C. B. <b>Cultivo de Soja e Milho em Terras Baixas do Rio Grande do Sul</b>. Brasília: Embrapa, 2017.</p> <p>ZANON, A.J. et al. (Orgs.) <b>Ecofisiologia da Soja: visando altas produtividades</b>. Santa Maria: Pallotti, 2018.</p>
<p><b>Bibliografia Complementar</b></p> <p>BORÉM, A.; SEDIYAMA, T.; SILVA, F. (Ed.). <b>Soja: do plantio à colheita</b>. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2015.</p> <p>CRUZ, J. C.; KARAM, D.; MONTEIRO, M. A. R.; MAGALHÃES, P. C. (Ed.). <b>A cultura do milho</b>. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2008.</p> <p>GALVÃO, João Carlos; MIRANDA, Glauco Vieira (ed.). <b>Tecnologias de produção do milho</b>. Viçosa: UFV, 2012.</p> <p>LUDWIG, M. P. <b>Fundamentos da produção de sementes em culturas produtoras de grãos</b>. Ibirubá, RS: IFRS, 2016.</p> <p>SILVA, F. (Ed.) et al. <b>Melhoramento da soja</b>. Viçosa: UFV, 2017.</p>

<p><b>Componente Curricular:</b> Tópicos Especiais em Produção de Sementes</p>
<p><b>Carga Horária:</b> 36 horas</p>
<p><b>Ementa</b></p> <p>Mercado de sementes. Conceitos de sementes. Formação e estruturas de sementes. Fisiologia de sementes. Estabelecimento, condução e colheita de campos de produção de sementes. Vistorias. Controle de qualidade de se-</p>

mentes. Legislação brasileira. Normas para a produção de sementes. Tópicos atuais em Tecnologia de Sementes.
<b>Bibliografia Básica</b>
BRASIL. Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento. <b>Regras de Análise de Sementes</b> . 2009. Disponível em: < <a href="http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946_regras_analise_sementes.pdf">http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946_regras_analise_sementes.pdf</a> >
CARVALHO, Nelson Moreira de; NAKAGAWA, João. <b>Sementes: ciência, tecnologia e produção</b> . 5. ed. Jaboticabal: Funep, 2012.
VIEIRA, Edson Herculano Neves (Ed.). <b>Sementes de feijão: produção e tecnologia</b> . Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2000.
<b>Bibliografia Complementar</b>
FERREIRA, Alfredo Gui; BORGHETTI, Fabian (Org.). <b>Germinação: do básico ao aplicado</b> . Porto Alegre: Artmed, 2004.
KRZYZANOWISK, F. C.; VIEIRA, R. D.; FRANÇA NETO, J. B. <b>Vigor de Sementes: conceitos e testes</b> . Londrina: ABRATES, 1999.
MARCOS FILHO, J. <b>Fisiologia de Sementes de Plantas Cultivadas</b> . Piracicaba: FEALQ, 2005.
RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray Franklin; EICHHORN, Susan E. <b>Biologia vegetal</b> . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
TAIZ, Lincoln; ZEIGER, Eduardo; OLIVEIRA, Paulo Luiz de. <b>Fisiologia vegetal</b> . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

<b>Componente Curricular:</b> Integração Lavoura-Pecuária
<b>Carga Horária:</b> 36 horas
<b>Ementa</b>
Princípios da interação solo x planta x animal. Ciclagem de nutrientes em sistemas integrados. Adubação em sistemas integrados de produção. Fatores envolvidos na escolha das combinações das fases pecuária e lavoura. Principais forrageiras utilizadas nos sistemas de integração Lavoura-Pecuária. Manejo das pastagens em sistemas integrados. Sistemas de produção de carne e leite em sistemas integrados. Aspectos da integração Lavoura-Pecuária-Floresta.
<b>Bibliografia Básica</b>
CORDEIRO, Luiz Adriano Maia et al. (). <b>Integração lavoura-pecuária-floresta: o produtor pergunta, a Embrapa responde</b> . Brasília: EMBRAPA, 2015.
FONTANELI, Renato Serena; SANTOS, Henrique Pereira dos. <b>Forrageiras para integração lavoura-pecuária-floresta na região sul-brasileira</b> . Passo Fundo: Embrapa, 2012.
SILVA, José Carlos Peixoto Modesto; VELOSO, Cristina Mattos; VITOR, André da Cunha Peixoto. <b>Integração lavoura-pecuária: na formação e recuperação de pastagens</b> . Viçosa: Aprenda Fácil, 2011.
<b>Bibliografia Complementar</b>
ASSMANN, A. L.; SOARES, A. B.; ASSMANN, T. S. (Ed.) <b>Integração Lavoura-Pecuária para Agricultura Familiar...</b> , 2008. Disponível em: < <a href="http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/integracao_lavpecuaria.pdf">http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/integracao_lavpecuaria.pdf</a> >
FONSECA, Dilermando Miranda da (Ed.). <b>Plantas forrageiras</b> . Viçosa: Ed. UFV, 2010.
CASÃO JÚNIOR, R. C.; ARAÚJO, A. G.; LLANILLO, R. F. <b>Plantio Direto no Sul do Brasil: fatores que facilitaram a evolução do sistema e o desenvolvimento da mecanização conservacionista</b> . IAPAR: Londrina, 2012. Disponível em: < <a href="http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/PlantioDireto_pt-br.pdf">http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/PlantioDireto_pt-br.pdf</a> >
REUNIÃO DE PESQUISA DE SOJA DA REGIÃO SUL, Passo Fundo, 2016, 41; SALVADORI, J. R. (Org.). <b>Indicações técnicas para a cultura da soja no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina: safras 2016/2017 e 2017/2018</b> . Passo Fundo: Ed. UPF, 2016.
SILVA, Sila Carneiro da; NASCIMENTO JUNIOR, Domício do; EUCLIDES, Valéria Pacheco Batista. <b>Pastagens: conceitos básicos, produção e manejo</b> . Viçosa, MG: Suprema, 2008.

## 5. CORPO DOCENTE E TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO

### 5.1. Corpo Docente

Os itens a seguir descrevem, respectivamente, o corpo docente e técnico administrativo em educação, necessários para funcionamento do curso, tomando por base o desenvolvimento simultâneo de uma turma para cada período do curso. Nos itens abaixo, também estará disposto às atribuições do coordenador de curso, do colegiado, Núcleo Docente Estruturante e as políticas de capacitação.

Nº	Nome	Formação	Titulação/IES
1	Alessandro Callai Bazzan	Ciências - Licenciatura Plena- Habilitação em Química	Mestre em Educação Nas Ciências
2	Alberto Pahim Galli	Engenheiro Agrônomo	Doutor em Agronomia
3	Aline Machado	Licenciado em Química	Doutora em Química Inorgânica
4	Ana Rita Kraemer da Fontoura	Licenciatura em Pedagogia- Habilitação Anos Iniciais e Magistério das Matérias Pedagógicas	Mestre em Educação nas Ciências
5	Anna Maria Deobald	Licenciado em Química	Doutora em Química
6	Carla Luciane Klôs Schoninger	Português/Inglês e Respectivas Literaturas	Mestre em Letras
7	Carlos Rodrigo Lehn	Licenciado em Ciências Biológicas	Mestre em Biologia Vegetal
8	Caroline Leuchtengerger	Licenciado em Ciências Biológicas	Doutora em Biologia Vegetal
9	Cátia Keske	Licenciada em Pedagogia - Habilitação EJA	Mestre Educação
10	Cinara Ewerling da Rosa	Licenciada em Matemática	Mestre Matemática
11	Cleber Rubert	Bacharel em Informática	Mestre em Engenharia Agrícola
12	Daniel Hinnah	Graduação em Administração	Especialista em Gestão Estratégica
13	Denizard Paulo Carvalho	Engenheiro Civil	Especialista em PROEJA
14	Diego Kellerman Hurtado	Engenheiro Mecânico	Graduado em Engenharia Mecânica
15	Éderson Bastiani	Bacharel em Sistemas de Informação	Mestre em Informática
16	Everton Lutz	Bacharel em Informática	Mestre em Educação nas Ciências
17	Fabiana Lasta Beck Pires	Licenciado em Pedagogia	Doutora em Educação
18	Felipe Ketzner	Engenharia Química	Mestre em Engenharia de Processos
19	Gabriela Barboza	Licenciatura em Letras	Mestre em Letras
20	Gerson Azulim Muller	Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas	Doutor em Ciências Biológicas
21	Ivan Paulo Canal	Engenheiro Eletricista	Mestre Engenharia Elétrica
22	Jenifer Heuert Konrad	Licenciado em Matemática (Plena)	Mestre em Modelagem Matemática
23	Larissa de Lima Alves	Farmacêutica Bioquímica	Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos
24	Lucilene Lösch de Oliveira	Bacharel em Química	Mestre em Química
25	Luiz Raul Sartori	Bacharel em Direito	Mestre em Direito
26	Magnos Roberto Pizzoni	Bacharel em Informática	Mestre em Computação Aplicada
27	Marcela Vilar Sampaio	Engenheira Civil	Doutora em Engenharia Agrícola
28	Marcelo Bataglin	Engenheiro Mecânico	Mestre em Engenharia Mecânica
29	Marcelo Rossatto	Licenciado em Química	Doutor em Química

30	Odair Dal Agnol	Licenciado em Química	Especialização em Educação Ambiental
31	Roberta Goergen	Licenciada em Matemática	Mestre em Modelagem Matemática
32	Rosana Wagner	Bacharel em Sistemas em Informação	Mestre em Informática
33	Rudião Rafael Wisniewski	Licenciado em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas	Mestre em Letras
34	Rudimar Luis Petter	Engenheiro Agrônomo	Mestre em Mestrado Em Desenvolvimento Rural
35	Samile Martel	Licenciada em Química	Doutora em Química
36	Sandra Elisabet Bazana Nonenmacher	Licenciada em Ciências e Matemática (Curta) e Licenciada em Ciências Física (Plena)	Doutorado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde
37	Sandro Borba Possebon	Engenheiro Agrônomo	Doutor em Engenharia Agrícola
38	Sirlei Rigodanzo Koslowski	Bacharel em Informática	Mestrado em Educação nas Ciências
39	Sylvia Messer	Licenciada em Geografia	Mestrado em Educação nas Ciências
40	Tamara Angélica Brudna da Rosa	Licenciada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas	Mestrado em Educação nas Ciências
41	Thiago da Silva Weingartner	Bacharelado em Ciência da Computação	Mestre em Educação
42	Volnei Luiz Meneghetti	Engenheiro Agrícola	Mestrado em Ciência e Tecnologia Agroindustrial

## 5.2. Atribuições do Coordenador

O Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos tem por fundamentos básicos, princípios e atribuições a assessorar no planejamento, orientação, acompanhamento, implementação e avaliação da proposta pedagógica da instituição, bem como agir de forma que viabilize a operacionalização das atividades curriculares, dentro dos princípios da legalidade e da eticidade, e tendo como instrumento norteador o Regimento Geral e Estatutário do Instituto Federal Farroupilha.

A Coordenação de Curso tem caráter deliberativo, dentro dos limites das suas atribuições, e caráter consultivo, em relação às demais instâncias. Sua finalidade imediata é colaborar para a inovação e aperfeiçoamento do processo educativo e zelar pela correta execução da política educacional do Instituto Federal Farroupilha, por meio do diálogo com a Direção de Ensino, Coordenação Geral de Ensino e Núcleo Pedagógico Integrado.

Além das atribuições descritas anteriormente, a coordenação de curso superior segue regulamentação do IF Farroupilha que norteiam o trabalho dessa coordenação.

## 5.3. Colegiado do Curso

O Colegiado de Curso é o órgão consultivo responsável por: acompanhar e debater o processo de ensino e aprendizagem, promovendo a integração entre os docentes, discentes e técnicos administrativos em educação envolvidos com o curso; garantir à formação profissional adequada estudantes, prevista no perfil do egresso; responsabilizar-se com as adequações necessárias para garantir qualificação da aprendizagem no itinerário formativo dos estudantes em

curso. Avaliar as metodologias aplicadas no decorrer do curso, propondo adequações quando necessárias. Debater as metodologias de avaliação de aprendizagem aplicadas no curso, verificando a eficiência e eficácia, desenvolvendo métodos de qualificação do processo, entre outras inerentes as atividades acadêmicas.

De acordo com a Instrução Normativa nº 05/2014/PROEN, o colegiado do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos é constituído por:

- I – Coordenador (a) do curso, como membro nato;
- II – 50% dos docentes que ministram aula no curso;
- III – Um representante discente;
- IV – Um representante dos Técnicos-Administrativos em Educação, com atuação relacionada ao curso.

O Colegiado de Curso está regulamentado pela Instrução Normativa nº 05/2014/PROEN, elaborada e aprovada pela Pró-Reitoria de Ensino e pelo Comitê Assessor de Ensino do IF Farroupilha.

#### 5.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante – NDE - é um órgão consultivo, responsável pela concepção, implantação e atualização dos Projetos Pedagógicos dos Cursos Superiores de Graduação do Instituto Federal Farroupilha.

Cada curso de Graduação – Bacharelado, Licenciatura e Superior de Tecnologia - oferecido pelo Instituto Federal Farroupilha deverá constituir o Núcleo Docente Estruturante.

São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- I - contribuir para a consolidação do perfil do egresso do curso;
- II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas relativas à área de conhecimento do curso;
- IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação;
- V - acompanhar e avaliar o desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso - PPC, zelando pela sua integral execução;
- VI - propor alternativas teórico-metodológicas que promovam a inovação na sala de aula e a melhoria do processo de ensino e aprendizagem;
- VII - participar da realização da autoavaliação da instituição, especificamente no que diz respeito ao curso, propondo meios de sanar as deficiências detectadas;
- VIII - acompanhar os resultados alcançados pelo curso nos diversos instrumentos de avaliação externa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES - estabelecendo metas para melhorias.

De acordo com a Instrução Normativa nº 04/2014/PROEN, o Núcleo Docente Estruturante do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos é constituído por:

I – No mínimo cinco professores pertencentes ao corpo docente do curso;

II – Um(a) Pedagogo(a) indicado(a) pelo Núcleo Pedagógico Integrado do *Campus*.

O Núcleo Docente Estruturante está regulamentado pela Instrução Normativa nº 04/2014/PROEN elaborada e aprovada pela Pró-Reitoria de Ensino e pelo Comitê Assessor de Ensino.

### 5.5. Corpo Técnico Administrativo em Educação

Nº	Nome	Cargo	Formação
1	Aline Lima dos Santos	Técnica em Secretariado	Técnica em Secretariado
2	Cesar Carlos Steinhorst	Técnico em Tecnologia da Informação	Bacharel em Informática
3	Celso João Favaretto	Assistente de alunos	Licenciatura em Letras
4	Dáfne Silva de Freitas	Bibliotecária	Bacharel em Biblioteconomia
5	Diego Rafael Martins	Técnico em Edificações	Técnico em Edificações
6	Gerda Ferreira	Auxiliar de Biblioteca	Licenciada em Letras
7	Gláucia Enriete Zadorozny	Técnica em Laboratório de Química	Técnica em Química
8	Glaciele Dotto Castro	Psicóloga	Bacharelado em Psicologia
9	Jorge Alberto Lago Fonseca	Técnico em Assuntos Educacionais	Licenciado em Letras
10	Josiana Rita Bazana	Técnica em Laboratório de Química	Bacharel em Química Industrial de Alimentos
11	Karoline Wunsch	Auxiliar de Biblioteca	Licenciada em Direito
12	Katia Medianeira Barroso da Silva	Tradutor e Intérprete de Libras	Licenciatura em Pedagogia – Habilitação anos iniciais e magistério das matérias pedagógicas
13	Marcelo Vielmo Afonso	Técnico em Laboratório de Biologia	Licenciado em Ciências Biológicas e Bacharel em Ciências Biológicas
14	Maria Elisa Ullmann dos Santos	Assistente em Administração	Tecnologia em Administração de Pequenas e Médias Empresas
15	Nicole Hack	Tradutor e intérprete de Libras	Bacharelado em Administração
16	Patrícia Mallmann Schneiders	Técnica em Assuntos Educacionais	Licenciatura em Pedagogia
17	Rejane Zanini	Técnica em Assuntos Educacionais	Licenciatura em Letras – Português e Espanhol
18	Rogéria Fatima Madaloz	Assistente Social	Bacharel em Serviço Social
19	Seris de Oliveira Matos Pegoraro	Técnica em Assuntos Educacionais	Licenciada em Ciências Biológicas
20	Tiago Ost Fracari	Auxiliar de Biblioteca	Estudante de Licenciatura em Química
21	Valter Garabed de Souza Moreira	Assistente de Alunos	Licenciado em Letras-Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa
22	Vinicius Braga Comaretto	Assistente de Alunos	Licenciatura em Ciências Biológicas

### 5.6. Políticas de capacitação do corpo Docente e Técnico Administrativo em Educação

O Programa de Desenvolvimento dos Servidores Docentes e Técnico-Administrativos do IF Farroupilha deverá efetivar linhas de ação que estimulem a qualificação e a capacitação dos servidores para o exercício do papel de agentes na formulação e execução dos objetivos e metas do IF Farroupilha.

Entre as linhas de ação deste programa estruturam-se de modo permanente:

- a) Formação Continuada de Docentes em Serviço;
- b) Capacitação para Técnicos Administrativos em Educação;
- c) Formação Continuada para o Setor Pedagógico;
- d) Capacitação Gerencial.

A Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional, por meio da Coordenação de Gestão de Pessoas é responsável por articular e desenvolver políticas de capacitação de servidores.

## 6. INSTALAÇÕES FÍSICAS

O *Campus* oferece aos estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Tecnologia em Produção de Grãos, uma estrutura que proporciona o desenvolvimento cultural, social e de apoio à aprendizagem, necessárias ao desenvolvimento curricular para a formação geral e profissional, conforme descrito nos itens a seguir:

### 6.1. Biblioteca

O Instituto Federal Farroupilha *Campus* Alegrete utiliza sistema especializado de gerenciamento da biblioteca, possibilitando fácil acesso ao acervo que está organizado por áreas de conhecimento, facilitando, assim, a procura por títulos específicos, com exemplares de livros e periódicos, contemplando todas as áreas de abrangência do curso.

A Biblioteca opera com o sistema *Pergamum* que é um software especializado em gestão de bibliotecas, facilitando assim a gestão de informação, ajudando a rotina diária dos usuários da biblioteca. Há a possibilidade da renovação remota e da realização de buscas de materiais através de catálogo online disponível na página do *Campus*.

A biblioteca oferece serviço de empréstimo, renovação e reserva de material, consultas informatizadas a bases de dados. Além do mais, oferece orientação na organização de Trabalhos Acadêmicos (ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas) e visitas orientadas. As normas de funcionamento da biblioteca estão dispostas em regulamento próprio.

Atualmente, a biblioteca possui um acervo bibliográfico de aproximadamente 1.712 títulos e 6.000 exemplares. Conta, ainda, com 12 computadores conectados à internet para acesso dos usuários, mesas de estudos em grupo, nichos para estudo individual, processamento técnico e espaço para leitura.

### 6.2. Áreas de ensino específicas

Espaço físico geral	
Descrição	Quantidade

Salas de aula com média de 35 carteiras, ar condicionado e projetor de multimídia instalados.	5
Auditório com a disponibilidade de 100 lugares, com ar condicionado, projetor multimídia, sistema de caixa acústica e microfones.	1
Banheiros com 6 sanitários (masculino e feminino).	1

Laboratórios	
Descrição	Quant.
<b>Laboratório de Informática:</b> possui área de 56,84 m <sup>2</sup> , contém 34 computadores de mesa com acesso à internet. Dispõe de 34 cadeiras, um projetor fixo, uma tela de projeção, uma mesa para professor e dois quadros. Ar condicionado e projetor de multimídia. Possui um profissional técnico de apoio.	3
<b>Laboratório de microbiologia:</b> possui área de 68,84 m <sup>2</sup> , capacidade para 35 alunos. Os principais equipamentos são: 1 autoclave; 1 balança analítica.; 1 balança semi-analítica; 1 capela de fluxo laminar com UV; 1 deionizador; 1 estufa de cultura bacteriológica; 1 estufa de esterilização e secagem; 1 homogeneizador de amostras; 1 lousa Escolar; 1 manta Aquecedora; 1 microondas; 1 refrigerador 1 porta; 1 sistema de osmose reversa. O mobiliário compreende bancadas com sistemas acoplados de água/esgoto; 1 chuveiro e lava-olhos; 1 mesa central; Ar condicionado e projetor de multimídia. Possui um profissional técnico de apoio.	1
<b>Laboratório de Biologia:</b> possui área de 56,84 m <sup>2</sup> , capacidade para 25 alunos. Os principais equipamentos são: 1 balança analítica; 1 balança semi-analítica; 4 câmeras digital USB p/ microscópio câmera digital USB p/ microscópio com característica mínima de câmera digital VGA (0,3mp) com chip cmos de 1/3" (640x480pixels) vel. vídeo de 30 fps, ampliação 10 x; 20 microscópio estereoscópico binocular – aumento 400x; 52 microscópios óptico binocular – aumento 1000x; 5 paquímetros eletrônicos 200mm/8IN. O mobiliário compreende bancadas com armários acoplados e sistema de água/esgoto; banquetas; bancadas 6 m de comprimento e 1 m de largura em mármore; ar condicionado. Possui um profissional técnico de apoio.	1
<b>Laboratório de Física:</b> possui área de 56,84 m <sup>2</sup> , capacidade para 35 alunos. Os principais equipamentos são: 1 balança de precisão; 1 telescópio 8"; 1 Estação meteorológica compacta; 1 unidade mestra de física para ensino superior, com sensores interface e software, com gabinete metálico com dimensões mínimas de 184 x 50 x 40 cm, 4 divisões e 2 portas e chaves; 2 sistemas de ensino completo para realização de experimentos em física, eletromagnetismo; 4 sistemas de ensino completo para realização de experimentos em física, eletromagnetismo; 2 sistemas de ensino completo para realização de experimentos em física, eletromagnetismo; 1 projetor s12 + Epson; 1 retroprojetor; 1 microcomputador. O mobiliário compreende 1 bancada para 3 computadores; 1 armário em madeira armário com 2 portas; 1 armário em madeira com 2 portas; 1 quadro mural com chapas de isopor; 1 mesa; 1 quadro branco; 25 conjuntos escolares 1 carteira e 1 cadeira; ar condicionado.	1
<b>Laboratório de Química:</b> tem área de 68,84 m <sup>2</sup> , capacidade para 35 alunos. Os principais equipamentos são: 1 agitador magnético; 1 aparelho teste de floculação; 1 balança de precisão; 1 banho maria microprocessado; 1 bloco digestor; 1 condutímetro; 1 dessecador à vácuo; 1 estufa de esterilização e secagem; 1 lousa escolar; 1 medidor de pH microprocessado; 1 refrigerador 1 porta; 1 turbidímetro. O mobiliário compreende 3 Bancadas com sistema de água; 30 Banquetas; Mesa Professor, Tipo Escrivanhina, com gaveteiro – 3 gavetas; ar condicionado. Possui um profissional técnico de apoio.	2
<b>Laboratório de Análise de Grãos e Sementes:</b> possui área de 56,84 m <sup>2</sup> , capacidade para 25 alunos. Os principais equipamentos são: Câmara de germinação com alternância de temperatura e fotoperíodo; 2 determinadores de umidade; peneiras para classificação de grãos; 1 quarteador de amostras; 1 calador de amostras para caminhão; 1 calador de amostras para sacaria; 1 homogenizador de amostras. O mobiliário compreende 1 Armário Madeira 02 portas; 1 Bancada com manta isolante; 20 Cadeira estofada cinza; 1 quadro branco em fórmica escolar; 1 Lousa Escolar; Mesa Professor, Tipo Escrivanhina, com gaveteiro – 3 gaveta; Tela de projeção 100% retrátil 1,80 x 1,80m; ar condicionado.	1
<b>Laboratório Didático Área de Cultivo de Grãos:</b> Consta de uma área de 10 ha, onde são realizadas aulas práticas, demonstrações, instalados estudos que são desenvolvidos junto aos alunos durante o curso e atividades de pesquisa. Possui um técnico de apoio disponível e	1

funcionários terceirizados. Os principais equipamentos são: 1 trator, 1 pulverizador, 1 trilhadora, 1 carreta agrícola, 1 grade niveladora; 1 plataforma basculante.	
<b>Equipamentos para Topografia:</b> Possui os seguintes equipamentos: 1 estação total eletrônica topográfica; 1 baliza; 1 nível topográfico; 1 nível óptico; 1 teodolito a laser; 1 trena eletrônica a laser.	1

### 6.3. Áreas de esporte e convivência

Descrição	Qtde
Ginásio de esportes com banheiros masculino e feminino com 2 sanitários e 2 chuveiros cada	1
Lancheria terceirizada.	1

### 6.4. Áreas de atendimento ao discente

Descrição	Qtde.
Sala de coordenação: área de 25 m <sup>2</sup> . Gabinete de trabalho do coordenador, espaço para reuniões, microcomputador, mesa com gavetas, cadeira estofada e armário com chave, projetor multimídia, impressora, mesa para reuniões e cadeiras estofadas.	1
Sala para professores da área técnica: área de 20 m <sup>2</sup> , cada professor possui um microcomputador de bancada, uma mesa com gavetas, cadeira estofada e armário com chave, exclusivos para seu uso.	1
Profissionais para atendimento médico/odontológico/nutricional/psicológico	1
Direção de ensino com sala de recepção, sala da coordenação pedagógica e sala para a direção e coordenação de ensino.	1
Sala do setor de estágios para atendimento aos discentes	1
Sala para Assistência Social.	1
Sala para Assistência aos Alunos.	1
Sala para os registros acadêmicos	1

### 6.5. Áreas de apoio

Descrição	Qtde
Pavilhão de máquinas agrícolas com 75m².	1
Área para práticas de Olericultura, paisagismo e floricultura: dispõe de 0,3 ha de área.	1
Área para práticas de Fruticultura e Silvicultura	1

## 7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes da Educação Nacional – Lei nº 9.394, 20 Dez de 1996**. Brasília: 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm).

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 4.281/2002 Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999**, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4281.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4281.htm).

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP Nº 03/2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de Tecnologia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639/2003** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm).

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 5.296/2004** Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm).

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 5.626/2005** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm).

\_\_\_\_\_. **Portaria Nº10, 28/07/2006**. Aprova em extrato o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/rede/legisla\\_rede\\_port10.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_port10.pdf).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.788/08**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008** – Lei da rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm).

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009.** Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH - 3 e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7037.htm).

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 01, de 17 de junho de 2010,** Normatiza o Núcleo Docente Estruturante.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil. - PNA-ES. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm).

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Catálogo de Cursos Superiores de Tecnologia.** 2010.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP N° 01/2012.** Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17810&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17810&Itemid=866).

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP N° 02/2012.** Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17810&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17810&Itemid=866).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012,** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm).

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012.** Regulamenta a Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/Decreto/D7824.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Decreto/D7824.htm).

\_\_\_\_\_. **Portaria Normativa nº 18, de 11 de outubro de 2012.** Dispõe sobre a implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino de que tratam a Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012, e o Decreto no 7.824, de 11 de outubro de 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/portaria\\_18.pdf](http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/portaria_18.pdf).

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. **Resolução Conselho Superior nº 04/2010, de 22 de fevereiro de 2010.** Regulamento da Avaliação do Rendimento Escolar. Disponível em: <http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/20110685424533arquivoweb.id.2361.pdf>.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. **Resolução do Conselho Superior nº 12/2012, 30 de março de 2012.** Aprova a Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Disponível em: [http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2012359561781resolucao\\_n%C2%BA\\_12\\_2012.pdf](http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2012359561781resolucao_n%C2%BA_12_2012.pdf).

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA **Resolução do Conselho Superior nº 73/2013, 12 de setembro de 2013.** Aprova o Regulamento da Comissão Própria de Avaliação - CPA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Disponível em: [http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2013813141530657resolucao\\_n%C2%BA\\_073\\_2013.pdf](http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/2013813141530657resolucao_n%C2%BA_073_2013.pdf).

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA **Resolução do Conselho Superior nº 12/2014, 28 de maio de 2014.** Dispõe sobre as normas e procedimentos para a Mobilidade Acadêmica, nacional e internacional, no âmbito do Instituto Federal Farroupilha. Disponível em:

[http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/201452411145134resolucao\\_n%C2%BA\\_012\\_2014\\_-\\_mobilidade\\_academica\\_do\\_instituto\\_federal\\_farroupilha.pdf](http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/201452411145134resolucao_n%C2%BA_012_2014_-_mobilidade_academica_do_instituto_federal_farroupilha.pdf).

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA **Resolução nº 13, de 28 de maio de 2014**: Define as Diretrizes Curriculares Institucionais da Organização Didático-Pedagógica para os Cursos Superiores de Graduação do Instituto Federal Farroupilha. Disponível em: [http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/201452411834306resolucao\\_n%C2%BA\\_013\\_2014\\_define\\_diretrizes\\_institucionais\\_gerais\\_e\\_diretrizes\\_curriculares\\_institucionais.pdf](http://www.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/201452411834306resolucao_n%C2%BA_013_2014_define_diretrizes_institucionais_gerais_e_diretrizes_curriculares_institucionais.pdf).

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA **Instrução Normativa nº 04/2014/PROEN**. Normatiza a criação, atribuições e funcionamento do Núcleo Docente Estruturante dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Disponível em:

\_\_\_\_\_. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA **Instrução Normativa nº 05/2014/PROEN**. Normatiza a criação, atribuições e funcionamento do Colegiado dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Disponível em:

## 8. ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA  
REITORIA

RESOLUÇÃO CONSUP Nº 041/2015, DE 16 DE MARÇO DE 2015.

Aprova a criação do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.

A PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, no uso de suas atribuições legais e regimentais, tendo em vista as disposições contidas no Artigo 9º do Estatuto do IF Farroupilha, com a aprovação do Conselho Superior, nos termos da Ata nº 001/2015, da 1ª Reunião Ordinária do Conselho, realizada em 16 de março de 2015,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - APROVAR, nos termos e à forma do anexo a esta Resolução, a criação do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.

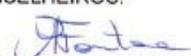
**Art. 2º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

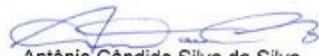
Santa Maria, 16 de março de 2015.

  
Carla Comerlato Jardim

PRESIDENTE CONSELHO SUPERIOR

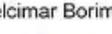
CONSELHEIROS:

  
Ana Rita Kraemer da Fontoura

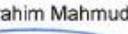
  
Antônio Cândido Silva da Silva

  
Cesar Augusto Bittencourt de Medeiros

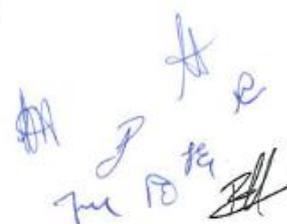
  
Crescêncio Olegário Ramagem Medeiros

  
Delcimar Borim

  
Gabriel Adolfo Garcia

  
Ibrahim Mahmud

  
Jacimar Facco





**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA**  
**REITORIA**

*Jaubert de Castro Menchik*

Jaubert de Castro Menchik

*João Carlos de Carvalho e Silva Ribeiro*

João Carlos de Carvalho e Silva Ribeiro

*Jovani Patias*

Jovani Patias

*Rodrigo Elestão de Almeida*

Rodrigo Elestão de Almeida

Rodrigo de Siqueira Martins

*Liege Carmargo da Costa*

Liege Carmargo da Costa

*Luciani Missio*

Luciani Missio

*Maidi Jahn Karnikowski*

Maidi Jahn Karnikowski

*Marcelo Eder Lamb*

Marcelo Eder Lamb



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA  
REITORIA

RESOLUÇÃO CONSUP Nº 044/2015, DE 12 DE MAIO DE 2015.

Autoriza o funcionamento do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, no Câmpus Panambi, criado pela Resolução CONSUP nº 011/2015, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.

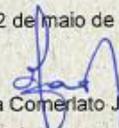
A PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, no uso de suas atribuições legais e regimentais, tendo em vista as disposições contidas no Artigo 9º do Estatuto do IF Farroupilha, com a aprovação do Conselho Superior, nos termos da Ata nº 003/2015, da 2ª Reunião Ordinária do Conselho, realizada em 12 de maio de 2015,

RESOLVE:

Art. 1º - AUTORIZAR a partir de 2016/1, o funcionamento do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, no Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Santa Maria, 12 de maio de 2015.

  
Carla Comerlato Jardim

PRESIDENTE CONSELHO SUPERIOR.

CONSELHEIROS:

Ademir José da Costa

Adilson dos Santos Morais

Alexander da Silva Machado

Alice de Souza Ribeiro

Ana Paula da Silveira Ribeiro

  
Ana Rita Kraemer da Fontoura

Andréia Lopes Dalenogare Bueno

Arícia Costa de Oliveira

César Eduardo Stevens Kroetz

Cláudia Delevati Bastos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA  
REITORIA

Crescêncio Olegário Ramagem Medeiros

Luiz Fernando Rosa da Costa

Dieison Prestes da Silveira

Marcelo Eder Lamb

Emanuela Pessoa Harauer

Maria Cristina dos Santos Prevedello

Esequiel Aguiar Neto

Maurício Ramos Lutz

Gustavo Pedroso de Moraes

Maurício Brasil Gomes

Hayatt Husam Mansour

Mauro Tschiedel

Jacimar Fasco

Narielen Moreira de Moraes

Jatniel Mateus Bispo Zottis

Rafael Baldiati Parizi

Jefferson Daltoé

Richelli Dajane Pinheiro

Jonathan Sales da Silva

Rodolfo Porciuncula Matte

Juliana Mezomo Cantarelli

Rosane Arend

Lara Taciana Biguelini Wagner

Taline Bairos de Carvalhos

Laura Zuguni Guasso

Tanira Marinho Fabres

Laurício Biguelini da Silveira

Wilson Linck

Liege Camargo da Costa

Vanderlei Carpes Martins

Lucas Renato Tescke

Verlaine Denize Brasil-Gerlach

Luciani Missio

Vilson José Turchetti

Lucilene Ferrari dos Santos



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA**  
**REITORIA**

**RESOLUÇÃO CONSUP Nº 046 /2015, DE 15 DE JULHO DE 2015.**

**Aprova o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.**

A PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, no uso de suas atribuições legais e regimentais, tendo em vista as disposições contidas no Artigo 9º do Estatuto do IF Farroupilha, com a aprovação da Câmara Especializada de Ensino, por meio do Parecer 001/2015/CEE, e do Conselho Superior, nos termos da Ata nº 004/2015, da 3ª Reunião Ordinária do Conselho, realizada em 15 de julho de 2015,

**RESOLVE:**

**Art. 1º - APROVAR**, nos termos e à forma das informações constantes nesta Resolução, o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, do Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, o qual passa a ter as seguintes características:

**Denominação do Curso:** Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos

**Grau:** Tecnologia

**Modalidade:** Presencial

**Eixo Tecnológico:** Recursos Naturais

**Ato de Criação do curso:** Aprovado pela Resolução nº 011, do Conselho Superior, de 16 de março de 2015.

**Quantidade de Vagas:** 30

**Turno de oferta:** Noturno

**Regime Letivo:** Semestral

**Regime de Matrícula:** Por componente curricular

**Carga horária total do curso:** 2600 horas

**Carga horária de estágio:** 200 horas

**Carga horária de ACC:** 240 horas

**Tempo de duração do Curso:** 7 semestres (3,5 anos)

**Tempo máximo para Integralização Curricular:** 12 semestres (6 anos)

**Periodicidade de oferta:** anual

**Local de Funcionamento:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Câmpus Panambi, Rua Erechim, 860 – Bairro Planalto, CEP 98280-000 – Panambi, Rio Grande do Sul/ RS.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA**  
**REITORIA**

**Matriz Curricular**

	Componentes Curriculares	C.H	C.H. Semanal	Pré-Requisito
1º semestre	Física	36		
	Geologia	36		
	Ética Profissional	36	2	
	Matemática	36		
	Metodologia Científica	36	2	
	Microbiologia Vegetal	72		
	Leitura e Produção Textual	36	2	
	Informática Aplicada	36		
	Química	36		
	<b>360</b>	<b>20</b>		

	Componentes Curriculares	C.H	C.H. Semanal	Pré-Requisito
2º semestre	Bioquímica	36		
	Botânica	36		
	Genética	36		
	Sociologia Rural	36		
	Estatística Aplicada	36		
	Gestão Ambiental	36		
	Fisiologia Vegetal	72		
	Topografia	72		Matemática
		<b>360</b>	<b>20</b>	

	Componentes Curriculares	C.H	C.H. Semanal	Pré-Requisito
3º semestre	Experimentos Agrícolas	36		Estatística Aplicada
	Fundamentos da Engenharia Civil	72		
	Máquinas Agrícolas	72		
	Hidrologia Agrícola	36	2	Física
	Manejo Integrado de Pragas	72		
	Climatologia Agrícola	36	2	
	<b>Eletiva I</b>	<b>36</b>	<b>2</b>	
	<b>360</b>	<b>20</b>		

2



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA**  
**REITORIA**

4º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	C.H. Semanal	Pré-Requisito
	Análise de Sementes	36	2	
	Melhoramento Genético de Plantas	36	2	Genética
	Irrigação e Drenagem	72	4	Hidráulica Agrícola
	Fertilidade do Solo	72	4	Química Fundamentos da Ciência do Solo
	Manejo Integrado de Plantas Invasoras	72	4	Botânica
	Tecnologia de Sementes de Essências Florestais	36	2	
<b>Eletiva II</b>	<b>36</b>	<b>2</b>		
	<b>360</b>	<b>20</b>		

5º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	C.H. Semanal	Pré-Requisito
	Manejo e Conservação de Solo e Água	72	4	
	Manejo Integrado de Doenças	72	4	
	Produção de Grãos e Sementes I	72	4	Máquinas Agrícolas Manejo Integrado de Plantas Invasoras Fertilidade do Solo
	Secaprocessamento e Agricultura de Precisão	36	2	
	Secagem e Armazenamento de Grãos e Sementes	72	4	
<b>Eletiva III</b>	<b>36</b>	<b>2</b>		
	<b>360</b>	<b>20</b>		

6º semestre	Componentes Curriculares	C.H.	C.H. Semanal	Pré-Requisito
	Beneficiamento de Grãos e Sementes	72	4	
	Comercialização e Marketing	36	2	
	Administração e Gestão	36	2	
	Produção de Grãos e Sementes II	72	4	Produção de Grãos e Sementes I
	Segurança do Trabalho	36	2	
	Extensão Rural	36	2	
	Produção de Sementes Forrageiras	36	2	
Tecnologia de Sementes de Hortaliças e Flores	36	2		
	<b>360</b>	<b>20</b>		

8



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA**  
**REITORIA**

7 <sup>ª</sup> Sem.	Componentes Curriculares	CH	CH Semanal	Pré-Requisito
	Estágio Curricular Supervisionado	200		

Atividades Complementares de Curso	240
------------------------------------	-----

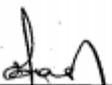
Componentes do Currículo	C.H.
Disciplinas	2160
Estágio Curricular Supervisionado	200
Atividades Complementares de Curso	240
<b>Carga Horária Total do Curso</b>	<b>2600</b>

Legenda	
Disciplinas do Núcleo Específico	
Disciplinas do Núcleo Articulador	
Disciplinas do Núcleo Comum	
Disciplinas do Núcleo Complementar	
Estágio Curricular Supervisionado	

**Art. 2º** - O Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, do Câmpus Panambi, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, aprovado por esta Resolução, será oficialmente publicado pela Pró-Reitoria de Ensino no site institucional.

**Art. 3º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Santa Maria, 15 de julho de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
CARLA COMERLATO JARDIM  
PRÉSIDENTE



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA**  
**CAMPUS PANAMBI**

**REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DO CURSO  
SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO DE GRÃOS**

**Panambi - RS**

## CAPÍTULO I

### DA NATUREZA E DAS FINALIDADES

**Art. 1º - O Estágio Curricular Supervisionado é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam cursando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental e na modalidade profissional da educação de jovens e adultos, conforme estabelece o art. 1º da Lei nº 11.788/2008.**

**Art. 2º - Este regulamento visa normatizar a organização, realização, supervisão e avaliação do Estágio Curricular Supervisionado previsto para o Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, ao observar, obrigatoriamente, as disposições previstas nas Resoluções CONSUP Nº 102/2013 de 02 de dezembro de 2013, Nº 013/2014 de 28 de maio de 2014, Nº 010/2016 de 30 de março de 2016 e na Instrução Normativa nº05/2016 de 04 de agosto de 2016.**

**Art. 3º - A realização do Estágio Curricular Supervisionado tem como objetivos:**

**I - oferecer aos alunos a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos e conhecer as relações sociais que se estabelecem no mundo produtivo;**

**II - ser complementação do ensino e da aprendizagem, relacionando conteúdos e contextos;**

**III - propiciar a adaptação psicológica e social do educando a sua futura atividade profissional;**

**IV - facilitar o processo de atualização de conteúdos, permitindo adequar aqueles de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, econômicas e sociais;**

**V - incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais, propiciando o surgimento de novas gerações de profissionais empreendedores, capazes de adotar modelos de gestão, métodos e processos inovadores, novas tecnologias e metodologias alternativas;**

**VI - promover a integração da instituição com a comunidade;**

**VII - proporcionar ao aluno vivência com as atividades desenvolvidas por instituições públicas ou privadas e interação com diferentes diretrizes organizacionais e filosóficas relacionadas à área de atuação do curso que frequenta;**

**VIII - incentivar a integração do ensino, pesquisa e extensão por meio do contato com diversos setores da sociedade;**

**IX - proporcionar aos alunos as condições necessárias ao estudo e soluções dos problemas demandados pelos agentes sociais;**

**X - ser instrumento potencializador de atividades de iniciação científica, de pesquisa, de ensino e de extensão.**

## **CAPÍTULO II DAS INSTITUIÇÕES CAMPO DE ESTÁGIO**

**Art. 4º – O Estágio Curricular Supervisionado do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos deve ser realizado:**

**I – Em empresas do setor agrícola ou ambiental, em âmbito nacional ou internacional;**

**II – Em órgãos públicos ou privados, com atuação nos setores agrícola ou ambiental, em âmbito nacional ou internacional;**

**III – Na Instituição de origem, em atividades relacionadas à produção de grãos.**

**§ 1º - Cabe ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha, por meio da Coordenação de Extensão/Setor de Estágio e Coordenação do Curso, prever e organizar os meios necessários à obtenção e ao desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado.**

**§ 2º - A escolha da Parte Concedente e da área de interesse de realização de estágio será de responsabilidade do educando, desde que as atividades a serem desenvolvidas no estágio tenham relação com o Curso.**

**§ 3º - O estágio curricular supervisionado poderá ser realizado no âmbito do Instituto Federal Farroupilha, como parte concedente, desde que em setor/local que possibilite a realização das atividades previstas no Projeto Pedagógico de Curso.**

**§ 4º – Para iniciar as atividades de estágio é obrigatória a retirada da documentação específica (Anexos I, II, III, V e VII) pelo estudante, na Coordenação de Extensão/ Setor de Estágios;**

**§ 5º – Durante a realização do estágio, o estudante deverá estar segurado contra acidentes pessoais.**

**§ 6º – O estágio será interrompido quando o estudante:**

**I - Trancar a matrícula;**

**II - Não se adaptar ao estágio, em um período mínimo de dez dias;**

**III - Não atender às expectativas da parte concedente;**

**IV - Não seguir as orientações do professor orientador;**

### **CAPÍTULO III**

#### **DA CARGA HORÁRIA, PERÍODO DE REALIZAÇÃO E JORNADA DIÁRIA DO ESTÁGIO**

**Art. 5º - O Estágio Curricular Supervisionado no Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos terá duração de 200 (duzentas) horas.**

**§ 1º - O aluno do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos deverá realizar o estágio obrigatório, preferencialmente, durante o sétimo semestre do Curso.**

**§ 2º - O aluno do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos poderá realizar estágio obrigatório, a partir do cumprimento de 1440 horas em componentes curriculares obrigatórios.**

**§ 3º – Considerando a peculiaridade do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos do IF Farroupilha, a orientação do estagiário não pressupõe o acompanhamento efetivo presencial por parte do Professor Orientador; sendo assim possível o Estágio Curricular Supervisionado coincidir com o período de férias do orientador, desde que a fase inicial de orientação e elaboração do plano de atividade seja elaborada em conjunto com o professor orientador antes do período de férias do mesmo.**

**§ 4º O acompanhamento presencial do estagiário é atribuição do Supervisor de Estágio, indicado pela parte concedente.**

**Art. 6º - A jornada diária do estágio, limitada a seis horas diárias e trinta horas semanais, deverá ser compatível com o horário escolar do estudante e não poderá prejudicar as atividades escolares.**

**Parágrafo único. O estágio nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais.**

### **CAPÍTULO IV**

#### **DAS ATIVIDADES A SEREM DESEMPENHADAS PELO ESTUDANTE-ESTAGIÁRIO**

**Art. 7º - Ciente dos direitos e deveres que terá, junto à Parte Concedente, o estagiário deverá demonstrar responsabilidade no desenvolvimento normal das atividades e, paralelamente:**

**I - prestar informações e esclarecimentos, julgados necessários pelo supervisor do estágio;**

**II - ser responsável no desenvolvimento das atividades de estágio;**

**III - cumprir as exigências definidas no Termo de Compromisso;**

**IV - respeitar os regulamentos e normas;**

**V - cumprir o horário estabelecido;**

**VI - não divulgar informações confidenciais recebidas ou observadas no decorrer das atividades, pertinente ao ambiente organizacional que realiza o estágio;**

**VII - participar ativamente dos trabalhos, executando suas tarefas da melhor maneira possível, dentro do prazo previsto;**

**VIII - ser cordial no ambiente de estágio;**

**IX - responder pelos danos pessoais e/ou materiais que venha a causar por negligência, imprudência ou imperícia;**

**X - zelar pelos equipamentos e bens em geral da instituição;**

**XI - observar as normas de segurança e higiene no trabalho;**

**XII - entregar, sempre que solicitado, os relatos internos da instituição;**

**XIII - enviar, em tempo hábil, os documentos solicitados.**

**§ 1º - O estudante deverá encaminhar à Coordenação de Extensão/setor de Estágio do *Campus* o Termo de Compromisso de Estágio Curricular Supervisionado e o Plano de Atividades de Estágio, assinado pelo estudante e pela Parte Concedente, em até cinco dias úteis após o início das atividades de estágio e, ainda, retirar a documentação de Estágio na Coordenação de Extensão/Setor de Estágio do *Campus* e realizar as atividades previstas no Plano de Atividades de Estágio.**

**§ 2º - É responsabilidade do estagiário entregar o relatório de estágio, assinado pelo professor orientador, dentro dos prazos estipulados pelo *Campus*, para a Coordenação de Curso que encaminhará à Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio do *Campus*.**

## CAPÍTULO V DAS COMPETÊNCIAS E RESPONSABILIDADES

**Art. 8º - Compete à Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio do Campus:**

**I - orientar Coordenadores de Curso/ Eixo sobre trâmites legais para a realização do Estágio Curricular Supervisionado;**

**II - auxiliar o Coordenador de Curso/Eixo na orientação dos estudantes sobre os procedimentos para a realização do Estágio Curricular Supervisionado;**

**III - identificar, cadastrar e avaliar locais para a realização de estágios;**

**IV - divulgar oportunidades de estágio;**

**V - auxiliar os alunos na identificação de oportunidades de estágio;**

**VI - providenciar o termo de convênio, o termo de compromisso de estágio com a(s) Parte(s) Concedente(s), o respectivo Plano de Atividades de Estágio e demais documentos necessários.**

**VII - solicitar/verificar demais documentos obrigatórios para a realização do Estágio Curricular Supervisionado;**

**VIII - protocolar o recebimento do Plano de Atividades do Estágio;**

**IX - receber os relatórios periódicos do Estágio Curricular Supervisionado não obrigatório.**

**Art. 9º – Compete à Coordenação do Curso/Eixo:**

**I - orientar e esclarecer os estudantes sobre as formas e procedimentos necessários para a realização do Estágio Curricular Supervisionado de acordo com o que prevê o Projeto Pedagógico do Curso;**

**II – designar o professor orientador de estágio;**

**III – acompanhar o trabalho dos orientadores de estágio;**

**IV – receber os relatórios periódicos do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório ou documento que substitua este, quando assim previsto no Projeto Pedagógico do Curso;**

**V - organizar o calendário das Defesas de Estágios quando previstas no Projeto Pedagógico do Curso;**

**VI – encaminhar os Relatórios Finais de Estágio à Banca Examinadora, com no mínimo 15 (quinze) dias úteis de antecedência, quando prevista no Projeto Pedagógico do Curso;**

VII- encaminhar para o Setor de Registros Escolares os resultados finais, para arquivamento e registro nos históricos e documentos escolares necessários;

VIII – encaminhar os relatórios do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório para arquivamento conforme normas institucionais de arquivo e acervo acadêmico;

Art. 10º - Compete à Diretoria de Ensino acompanhar junto à Coordenação do Cursos/Eixo a concretização da dimensão pedagógica do Estágio Curricular Supervisionado dos cursos técnicos e de graduação.

Art. 11º - Compete à Diretoria de Pesquisa, Extensão e Produção, acompanhar junto à Coordenação do Cursos/Eixo a concretização da dimensão pedagógica do estágio dos cursos de pós-graduação.

Art. 12º - Compete aos agentes de integração, como auxiliares do processo de aperfeiçoamento do Estágio:

I - identificar oportunidades de estágio;

II- ajustar suas condições de realização;

III - fazer o acompanhamento administrativo;

IV - encaminhar negociações de seguros contra acidentes pessoais;

V - cadastrar os estudantes;

Parágrafo único – É vedada a cobrança de qualquer valor dos estudantes, a título de remuneração, pelos serviços referidos nos incisos deste artigo.

Art. 13º - Compete à parte concedente:

I – ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

II – indicar supervisor, de seu quadro funcional, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento de desenvolvimento de estágio;

III – contratar em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, para a realização de Estágio Curricular Supervisionado Não Obrigatório.

**Art. 14º - Caberá ao Professor Orientador:**

**I - auxiliar o estagiário na elaboração do Plano de Atividades de Estágio Curricular Supervisionado;**

**II - orientar o estagiário durante as etapas de encaminhamentos e de realização das atividades de Estágio;**

**III - acompanhar as atividades de estágio;**

**IV - avaliar o desempenho do estagiário e o Relatório Final de Estágio;**

**V - participar da Banca de Avaliação de Estágio, quando prevista no PPC do Curso;**

**VI - comunicar irregularidades ocorridas no desenvolvimento do estágio à Coordenação de Extensão e ao Coordenador de Curso.**

**Art. 15º – Compete ao Estagiário:**

**I - encaminhar à Coordenação de Curso/Eixo a solicitação de Professor Orientador;**

**II - retirar documentação de Estágio na Coordenação de Extensão/Setor de Estágio do Campus;**

**III - entregar Carta de Apresentação da Entidade Educacional à Parte Concedente, quando encaminhado para estágio;**

**IV - elaborar o Plano de Atividades de Estágio Curricular Supervisionado (Anexo IV), sob orientação do Supervisor e do Professor Orientador;**

**V - fornecer documentação solicitada pela Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio do Campus, digital e impressa e em modelo fornecido quando for o caso;**

**VI - participar de todas as atividades propostas pelas Coordenações responsáveis, pelo Professor Orientador e pelo Supervisor de Estágio;**

**VII- Participar das reuniões de orientação de Estágio;**

**VIII - enviar à Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio do Campus uma via do Termo de Compromisso de Estágio Curricular Supervisionado no prazo máximo de cinco dias úteis após o início das atividades de estágio na Parte Concedente;**

**IX - elaborar e entregar o relatório de estágio conforme normas estipuladas pelo Projeto Pedagógico do Curso e especificadas no anexo IV.**

**X - submeter-se à Banca de Avaliação de Estágio, quando prevista no PPC do Curso;**

**XI - comunicar ao Professor Orientador e às Coordenações responsáveis, toda ocorrência que possa estar interferindo no andamento do Estágio.**

**Art. 16º – Compete ao Estagiário durante a realização do estágio na Parte concedente:**

- I - prestar informações e esclarecimentos, julgados necessários pelo supervisor do estágio;**
- II - ser responsável no desenvolvimento das atividades de estágio;**
- III - cumprir as exigências definidas no Termo de Compromisso;**
- IV - respeitar os regulamentos e normas;**
- V - cumprir o horário estabelecido;**
- VI - não divulgar informações confidenciais recebidas ou observadas no decorrer das atividades, pertinentes ao ambiente organizacional que realiza o estágio;**
- VII - participar ativamente dos trabalhos, executando suas tarefas da melhor maneira possível, dentro do prazo previsto;**
- VIII - ser cordial no ambiente de estágio;**
- IX- responder pelos danos pessoais e/ou materiais que venha a causar por negligência, imprudência ou imperícia;**
- X- zelar pelos equipamentos e bens em geral;**
- XI - observar as normas de segurança e higiene no trabalho;**
- XII - entregar, sempre que solicitado, os relatórios internos da instituição;**
- XIII – enviar, em tempo hábil, os documentos solicitados;**

**Art. 17º - Compete ao Supervisor de Estágio da Parte Concedente:**

- I – acompanhar a elaboração e a realização do Plano de Atividades de Estágio Curricular Supervisionado;**
- II – enviar à instituição de ensino, com periodicidade máxima de seis meses, relatório de atividades desenvolvidas, com vista obrigatória ao estagiário;**
- III – enviar a Ficha de Avaliação do Estagiário, após o término do Estágio Curricular Supervisionado para a Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio do Campus;**
- IV – por ocasião do desligamento do estagiário, encaminhar termo de realização do Estágio Curricular Supervisionado com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho.**

**§ 1º - O supervisor de Estágio da Parte Concedente deverá ter formação ou experiência profissional na área de conhecimento de desenvolvimento do estágio.**

§ 2º - Não existindo essa condição caberá ao Coordenador de Curso/Eixo autorizar ou não a realização do Estágio Curricular Supervisionado.

## CAPÍTULO VI

### DO NÚMERO DE ESTAGIÁRIOS POR ORIENTADOR

Art. 18 - Caberá ao aluno a escolha do professor-orientador; contudo, o quantitativo de estagiários por Professor Orientador será preferencialmente intermediado pela Coordenação de Curso de maneira equitativa, entre os professores do respectivo Curso, consideradas as especificidades do estágio.

§ 1º - Em casos excepcionais, mediante solicitação justificada do aluno estagiário ou do seu Professor Orientador, poderá ser analisada a troca do Professor Orientador pela Coordenação do Curso, após discussão pelo Colegiado do Curso.

## CAPÍTULO VII

### DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Art. 19 - O Relatório do Estágio Curricular Supervisionado é o documento que sistematiza as atividades desenvolvidas durante o estágio.

§ 1º - O relatório que trata o caput deste artigo será elaborado com base nas informações dispostas no Anexo IV deste regulamento e as orientações do Professor Orientador do Estágio.

§ 2º - Ao final de cada estágio do Curso o estudante-estagiário deverá entregar o relatório de estágio ao Professor Orientador, no prazo estabelecido por este, o qual deverá registrar o recebimento na presença do estudante.

§ 3º - O aluno entregará três cópias encadernadas do Relatório do Estágio, em data previamente acordada, redigido conforme as normas do IFFar e com aceite do Professor Orientador, que serão enviadas aos membros da Banca Examinadora.

## CAPÍTULO VIII

### DO PROCESSO AVALIATIVO

**Art. 20º - A avaliação do Estágio Curricular Supervisionado será realizada em formulário próprio, preenchido pelo Supervisor da Parte Concedente e pelo Professor Orientador.**

**Art. 21 - O processo de avaliação do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório do Curso constará de:**

**I - instrumento de avaliação da Parte Concedente (Termo de realização de Estágio Curricular Supervisionado (Anexo VII). Este critério terá peso 2 (dois) e será composto de 10 (dez) itens que serão avaliados da seguinte forma: Ótimo (2,0), Muito bom (1,5), Bom (1,0), Satisfatório (0,5) e Insatisfatório (0), sendo que a nota final será concebida pela média dos 10 (dez) itens;**

**II - a avaliação seguirá parâmetros definidos na Ficha de Avaliação de Defesa de Estágio Obrigatório (Anexo IX);**

**III - a explanação oral terá nota de 0 (zero) a 5 (cinco);**

**IV- o Relatório de Estágio terá nota de 0 (zero) a 3 (três);**

**VI – após a defesa de estágio, o aluno terá prazo de 15 (quinze) dias para entregar na Coordenação de Extensão/ Setor de Estágios uma cópia impressa encadernada e uma cópia digital identificada (CD-ROM) da versão final do Relatório, com as devidas correções, se sugeridas.**

**Art. 22 - Terá direito à Defesa de Estágio o estudante que:**

**I - cumprir a carga horária mínima de 200 horas de estágio;**

**II - entregar o relatório final de estágio, dentro dos prazos estipulados, à Coordenação do Curso que o encaminhará à Banca Avaliadora.**

**Art. 23 - A Banca de Examinadora é soberana no processo de avaliação e terá as seguintes atribuições:**

**I - assistir a defesa do estágio;**

**II - avaliar a defesa do estágio por parte do estudante;**

**III - encaminhar os documentos de avaliação (Anexos IX e X) para a Coordenação de Extensão/Setor de Estágio do *Campus*.**

**Parágrafo único. A Banca Avaliadora deverá ser composta por três avaliadores, sendo obrigatoriamente o Professor Orientador, um professor da área e um terceiro avaliador que poderá ser um docente ou um técnico-administrativo em educação ou ainda, um convidado**

externo (exceto o supervisor de estágio da parte concedente), com formação na área de atuação, equivalente ou superior, ao avaliado.

**Art. 24 - O período de duração da Defesa de Estágio será de até 60 (sessenta) minutos, sendo os primeiros 20 (vinte) minutos destinados à apresentação oral e o tempo restante será destinado para arguição, encaminhamentos e deliberações finais.**

**Parágrafo único. As orientações para os membros da Banca de Avaliação serão repassadas pelo Coordenador do Curso e de Extensão, sendo que a entrega do relatório final de estágio à Banca Examinadora deve ser feita, com no mínimo 15 (quinze) dias úteis antes da defesa.**

**Art. 25 - A aprovação do aluno, no Estágio, estará condicionada:**

**I - ao cumprimento da carga horária mínima de Estágio, de 200 horas;**

**II - ao comparecimento para a Defesa do Estágio na data definida, salvo com justificativa amparada por lei;**

**III - à obtenção de nota mínima igual a 7,0 (sete);**

**IV- à entrega da versão final do Relatório de Estágio (01 cópia impressa/encadernada/colorida e 01 cópia digitalizada em CD-ROM, devidamente assinados pelo aluno, professor orientador, componentes da Banca Avaliadora e do coordenador do Curso) no prazo estipulado pela Instituição, exceto em situações previstas em lei.**

**Parágrafo único. Será reprovado o trabalho que for detectado a existência de plágio, no todo ou em partes e, será considerado plágio, a utilização total ou parcial de textos de terceiros sem a devida referência.**

**Art. 26 - Em caso de reprovação, expressa por escrito pela Banca de Avaliação, o aluno terá um prazo, estabelecido pela Banca de Avaliação em acordo com o Setor de Estágio do Campus, para refazer seu relatório e apresentá-lo novamente, obedecendo ainda aos prazos legais de conclusão de Curso.**

**Parágrafo único. A Banca Avaliadora terá a possibilidade de vincular a aprovação a uma nova apresentação, com prazos determinados pela própria banca, devendo os ajustes e recomendações serem entregues ao aluno por escrito e assinadas, respeitado o prazo limite da Instituição e aos prazos legais de conclusão de curso.**

**Art. 27º - Caso o orientador julgar que o estagiário não está apto para a defesa do Estágio Curricular Supervisionado, solicitará junto a Coordenação do Cursos/Eixo prorrogação do prazo para o estagiário defender seu Estágio Curricular Supervisionado, obedecendo aos prazos do Setor de Estágio do Campus e aos prazos legais de conclusão de curso.**

**Art. 28º - A Parte Concedente realizará avaliação mediante preenchimento do formulário próprio (Anexo VII), enviado pela Coordenação de Extensão/Setor de Estágio do Campus.**

**Art. 29º - Os prazos para entrega dos documentos comprobatórios do Estágio Curricular Supervisionado, estabelecidos pela Coordenação de Extensão/Setor de Estágio, devem ser rigorosamente observados sob pena de o estudante não obter certificação final de conclusão do curso, em caso de inobservância dos mesmos.**

## **CAPÍTULO VIII**

### **DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

**Art. 30 - Para os estudantes que desejarem ampliar a prática de estágio, além da carga horária mínima estipulada no Projeto Pedagógico do Curso, é facultada a possibilidade de realizar Estágio Não Obrigatório, com carga horária não especificada, mediante celebração de convênio e termo de compromisso entre a Parte Concedente e o Instituto Federal Farroupilha.**

**Parágrafo único. O Estágio Não Obrigatório somente poderá ser realizado enquanto o aluno mantiver matrícula e frequência na Instituição de Ensino, sendo obrigatória a prévia tramitação pelo Setor de Estágios.**

**Art. 31 - Os casos omissos, referentes ao Estágio Curricular Supervisionado, deverão ser encaminhadas à Coordenação de Extensão/ Setor de Estágio e Coordenação do Curso, ou caso necessário, à Pró-Reitoria de Extensão que fornecerá as devidas orientações.**

**ANEXO I**

**FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE ESTAGIÁRIO (para anexar nos arquivos do estagiário)**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Curso:** Superior de Tecnologia em Produção de Grãos

**Semestre:** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

**Prezado(a) Diretor(a)**

Eu \_\_\_\_\_, estudante do **Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos**, do Instituto Federal Farroupilha, matrícula nº \_\_\_\_\_, venho por meio deste solicitar a Vossa autorização para a realização do Estágio \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ nesta instituição.

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Estudante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor(a)  
Orientador(a) de Estágio

Espaço para considerações da Direção da Instituição pretendida para estágio:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura e Carimbo do Diretor da Instituição

ANEXO II

FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE ESTAGIÁRIO

(para deixar na instituição de estágio)

Nome: \_\_\_\_\_

Curso: Superior de Tecnologia em Produção de Grãos

Semestre: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

**Prezado(a) Senhor (a ) Diretor(a)!**

Eu \_\_\_\_\_, estudante do Curso Superior de Tecnologia em  
Produção de Grãos, do Instituto Federal Farroupilha, matrícula nº \_\_\_\_\_, venho  
por meio deste solicitar a Vossa autorização para a realização do Estágio

\_\_\_\_\_ neste Instituição/Empresa.

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Estudante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor(a)  
Orientador(a) de Estágio

### ANEXO III

#### FICHA DE REGISTRO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Curso:** Superior de Tecnologia em Produção de Grãos

**Semestre:** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

**Professor(a) Orientador(a) de Estágio:** \_\_\_\_\_

**Estágio realizado (quando tiver mais de uma etapa):** \_\_\_\_\_

REGISTRO DE ATIVIDADE DE ESTÁGIO			
DATA	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA	ASSINATURA

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Estudante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor(a)  
Orientador(a) de Estágio

## ANEXO IV

### CRITÉRIOS PARA A ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO – CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO DE GRÃOS

Para realização do relatório de estágio, o estudante deve seguir as orientações gerais para elaboração de relatório de atividade de estágio curricular obrigatório do IF Farroupilha (PROEX Nº 02/2010), tanto para a estrutura quanto para a apresentação geral gráfica do relatório de estágio. Entretanto, no relatório, deve-se acrescentar o item Revisão de Literatura, anterior ao item 1.2.2 (Desenvolvimento) das orientações da PROEX Nº 02/2010.

No caso do relatório de estágio ser um artigo científico, o item Desenvolvimento, deve ser desmembrado em: Revisão de Literatura, Material e Métodos e Resultados e Discussão.

A estrutura do relatório de estágio deverá ser da seguinte maneira:

- A.** Elementos Pré-Textuais - Capa, Folha de Rosto, Folha de Assinaturas, Dados de Identificação, Dedicatória (optativo), Agradecimentos (optativo), Epígrafe (optativo) Lista de Figuras (optativo), Lista de Tabelas (optativo), Lista de Abreviaturas (optativo) e Sumário.
- B.** Elementos Textuais (todos obrigatórios) – Introdução, Revisão de Literatura, Desenvolvimento e Considerações Finais.
- C.** Elementos Pós-Textuais – Referências, Anexos (optativo) e Apêndices (optativo).

Os elementos textuais (B) conterão, obrigatoriamente, as seguintes informações:

1. **Introdução:** visa situar o leitor no assunto num contexto global. Apresenta o tema e justifica sua escolha; delimita, através dos objetivos, gerais e específicos, o que foi observado ou investigado.
2. **Revisão Bibliográfica:** deve estar de acordo com o tema selecionado pelo estagiário. Base teórica do assunto, apresentando os pontos de vista dos autores (referenciados no texto) acerca do tema, destacando-se posições semelhantes e divergentes, ou seja, elaborada a partir de uma análise interpretativa própria das ideias dos diversos autores.
3. **Desenvolvimento:** em se tratando de um relatório de estágio realizado no acompanhamento de atividades (propriedades rurais, cooperativas, empresas de assistência técnica, unidades de pesquisa, entre outras), o desenvolvimento deve conter os seguintes aspectos: descrição da instituição ou empresa, compreendendo a infraestrutura e recursos humanos, descrição das atividades (fazendo o uso de imagens e dados técnicos) e discussão destes dados com embasamento técnico-científico, visando o aprimoramento das atividades acompanhadas. Esse conjunto de aspectos poderá ser desenvolvido com foco em uma espécie cultivada, que tenha sido relevante-mente acompanhada ao longo de seu processo de desenvolvimento ou beneficiamento ou arma-

zenamento.

Quando o estágio compreender atividade de pesquisa, o mesmo deve conter, basicamente, *Introdução, Revisão de Literatura e Objetivos (em uma estrutura única), Material e métodos, Resultados e discussão, Conclusões e Referências*.

4. **Conclusão ou Considerações Finais:** resultante de uma análise crítica do trabalho executado, contrastando os objetivos e os resultados encontrados.

## ANEXO V

### FICHA DE CONFIRMAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Estagiário: \_\_\_\_\_

Parte Concedente: \_\_\_\_\_

Representante Legal: \_\_\_\_\_

CNPJ/CPF: \_\_\_\_\_

Área de atuação: \_\_\_\_\_

Área ou Setor do estágio: \_\_\_\_\_

Endereço onde realizará o estágio: \_\_\_\_\_ nº. \_\_\_\_\_

Município/Estado: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Supervisor do Estagiário na Parte Concedente:

\_\_\_\_\_

E-mail do Supervisor do Estágio: \_\_\_\_\_

Início do estágio: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Previsão de término: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

A empresa oferece: SIM NÃO

- Alimentação( ) ( )

- Moradia( ) ( )

- Remuneração( ) ( ) R\$ \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

- Transporte( ) ( ) R\$ \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

Previsão da devolução do Termo de Compromisso: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Carimbo e assinatura da Parte Concedente

## ANEXO VI

### PLANO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO.

#### 1. IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Telefone: ( \_\_ ) \_\_\_\_\_ Cel: ( \_\_ ) \_\_\_\_\_

Curso do Estagiário: \_\_\_\_\_

Professor Orientador: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Telefone: ( \_\_ ) \_\_\_\_\_

#### 2. IDENTIFICAÇÃO DA PARTE CONCEDENTE

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefones: ( \_\_ ) \_\_\_\_\_

Supervisor: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Telefone: ( \_\_ ) \_\_\_\_\_

#### 3. PREVISÃO DE ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS

#### 4. PERÍODO DE ESTÁGIO

Início: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ Previsão de Término: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Aluno – Estagiário

---

Supervisor – Parte Concedente

---

Professor Orientador – Entidade Educacional

---

Coordenador de Extensão



<b>1 – RENDIMENTO</b>
Qualidade, rapidez, precisão com que executa as tarefas integrantes do programa de estágio. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>2 – FACILIDADE DE COMPREENSÃO</b>
Rapidez e facilidade em entender, interpretar e colocar em prática instruções e informações verbais ou escritas. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>3 – CONHECIMENTOS TÉCNICOS</b>
Conhecimento demonstrado no cumprimento do programa de estágio, tendo em vista sua escolaridade. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>4 – ORGANIZAÇÃO, MÉTODO DE TRABALHO E DESEMPENHO</b>
Uso de recursos, visando melhoria na forma de executar o trabalho. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>5 – INICIATIVA-INDEPENDÊNCIA</b>
Capacidade de procurar novas soluções, sem prévia orientação, dentro dos padrões adequados. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>6 – ASSIDUIDADE</b>
Assiduidade e pontualidade aos expedientes diários de trabalho. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>7 – DISCIPLINA</b>
Facilidade em aceitar e seguir instruções de superiores e acatar regulamentos e normas. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>8 – SOCIABILIDADE</b>
Facilidade e espontaneidade com que age frente a pessoas, fatos e situações. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>9 – COOPERAÇÃO</b>
Atuação junto a outras pessoas, no sentido de contribuir para o alcance de um objetivo comum; influência positiva no grupo. ( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório
<b>10 – RESPONSABILIDADE</b>

Capacidade de cuidar e responder pelas atribuições, materiais, equipamentos e bens da empresa, que lhe são confiados durante o estágio.

( ) ótimo ( ) muito bom ( ) bom ( ) satisfatório ( ) insatisfatório

**4ª Parte – Parecer Descritivo**

**1 – SUGESTÕES À INSTITUIÇÃO DE ENSINO EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DO ALUNO**

**2 – ASPECTOS PESSOAIS QUE POSSAM TER PREJUDICADO O RENDIMENTO DO ALUNO NO ESTÁGIO**

**3 – A EMPRESA CONTRATARIA UM TÉCNICO COM ESSE PERFIL PARA OCUPAR UMA VAGA NO SEU QUADRO DE PESSOAL.**

( ) Sim ( ) Não

**Observação**

## **Supervisão do Estágio**

Nome: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura Supervisor:

\_\_\_\_\_

**OBS.:** A avaliação do Supervisor de Estágio é um dos critérios para Aprovação do Estágio.

## ANEXO VIII

### CONFIRMAÇÃO DE DADOS PARA CONVÊNIO DE ESTÁGIO CURRICULAR

RAZÃO SOCIAL: \_\_\_\_\_

ÁREA DE ATUAÇÃO DA EMPRESA: \_\_\_\_\_

REPRESENTANTE LEGAL: \_\_\_\_\_

CARGO/FUNÇÃO: \_\_\_\_\_

CNPJ/CPF: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: (SEDE E LOCAL DE ESTÁGIO SE FOREM DISTINTOS): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Nº. \_\_\_\_\_

MUNICÍPIO/ESTADO: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

TELEFONE: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ E-MAIL: \_\_\_\_\_

ÁREA OU SETOR PARA ESTÁGIO: \_\_\_\_\_

SUPERVISOR DO ESTAGIÁRIO: \_\_\_\_\_

CARGO/FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_

E-MAIL DO SUPERVISOR DO ESTÁGIO: \_\_\_\_\_

## ANEXO IX



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E PRODUÇÃO**

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO**

**Curso:**

**Campus:** PANAMBI

**Aluno(a):** \_\_\_\_\_

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO DO ESTÁGIÁRIO REALIZADO PELA PARTE CONCEDENTE - PESO = 3,0	
<input type="text"/>	Resultado Parcial

DEFESA DE ESTÁGIO - PESO = 7,0	
--------------------------------	--

SEGURANÇA E DOMÍNIO	
---------------------	--

<b>3,0</b>	<b>1,0</b>		Conhecimento específico da área
	<b>0,5</b>		Referencial Teórico ( fontes de cultura, referências bibliográficas).
	<b>1,5</b>		Análise Crítica - Capacidade de posicionamento do Técnico diante de situações contraditórias. Saber fazer sugestões, indicações de melhorias e saber posicionar-

COERÊNCIA ENTRE RELATÓRIO E TRABALHO PRÁTICO DESENVOLVIDO	
---	--

<b>2,0</b>		Descrever com clareza e precisão tudo aquilo que realmente foi trabalhado, fazendo referência a fundamentação teórica que serviu de base.
------------	--	---

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESTÁGIO	
---------------------------------------	--

<b>2,0</b>	<b>0,5</b>		Tempo de apresentação.
	<b>0,5</b>		Recursos audiovisuais utilizados.
	<b>0,5</b>		Apresentação condizente com o conteúdo descrito no relatório.
	<b>0,5</b>		Postura (apresentação pessoal, linguagem, comportamento durante defesa).

<input type="text"/>	Resultado Parcial
----------------------	-------------------

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado Final      Assinatura do Orientador: \_\_\_\_\_

Assinatura da Banca 1: \_\_\_\_\_

Assinatura da Banca 2: \_\_\_\_\_

Recomendações: \_\_\_\_\_

## ANEXO X

### ATA DE DEFESA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

20\_\_

Aos \_\_\_\_\_

realizou-se na sala \_\_\_\_\_, às \_\_\_\_\_h, a apresentação do Relatório Final do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ do Curso Superior de Tecnologia em Produção de Grãos, turma\_\_\_\_\_. A banca foi composta por \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_.

Sendo assim, considera-se o(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_

**Obs:** A aprovação do(a) aluno(a) está **condicionada** a entrega da versão final do relatório de estágio no prazo definido pela banca.

Nada mais havendo a tratar, eu \_\_\_\_\_ lavro a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais presentes.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_